

Oleia
NOV. 1993

ANO IV - N.º 165

13

JULHO

1944

PREÇO AVULSO

ESC. 1\$50

GINA ESTEVES

UMA LINDA VOZ DA NOSSA RÁDIO

VAI PARA O BRASIL...

(VER ENTREVISTA NA PÁGINA 13)



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

Rapsódia da cidade...

O homem é o arquitecto do sonho. É sonhando, com a alma cheia de poesia, que o mundo das ilusões se ergue, suave e meigo, nos caminhos dispersos da existência. É bom fechar os olhos e deixar que a alma corra, ansiosa, trilhando verdades, como uma andorinha plena de liberdade. A vida tem um sol forte, uma luz que queima e entontece. No acotovelamento febril da turba, todos temos de lutar. Os que caem, os que esmorecem, ficam para trás, perdidos sob a poeira dos caminhos... e, para eles, há o epitáfio do esquecimento! A cidade é um grande prelo — um prelo que ninguém lê e que todos advinham. Não é só nos pátios sombrios onde a miséria se aninha, nem nas betegas onde o crime medra que o infortúnio humano escreve as suas negras páginas. Dentro de nós há sempre uma história. Os poetas românticos fizeram das trapieiras, nos cumes altos dos telhados, o ninho da poesia. A deshora, com a vidraça batida da luz baça do petróleo, havia sempre uma alma sonhadora que costurava, fustiga — e, oh! imaginação doentia! — desfolhava malmequeres pelo amor distante. Foi o sonho, supremo arquitecto, que disse ao homem que a vida também se via de olhos fechados...

Eis assim porque há na cidade os que caminham sem saber para onde. Errantes, aos tombos, é a biqueira das botas que marca o norte. Para onde caminham? Que direcção levam? Nem eles sabem. A cidade é tão grande, tão largos os seus caminhos, que o homem acaba por cansar, sem lhe dar fim.

Tudo quanto está na cidade é obra do esforço hercúleo do homem; vai ao cal e encontra o arcabóio humano vergado sob a carga que há-de atestar os porões; nas fábricas, ao grito das sirenes, é o homem que põe a trabalhar as máquinas e faz martelar o malho na bigorna; sobre os andames, como acrobatas, é ainda ele que ergue, para o céu, as altas cúpulas de cimento. Nas ruas largas é o calceteiro que tapa as mazelas do corpo a desconjuntar-se — e, enfim, uma legião de gente que trabalha, sua e se esforça para que a cidade seja a casa de todos...

Por cima dessa sinfonia ruidosa do trabalho há ainda a atmosfera de sonho que todos, sem distinção, trazem na alma. Porque o sonho suaviza. A cidade é tentadora. Tem um cortejo mundano em permanente exibição — desde os cafés, abraçados de luz e cheios de ruído, às sedas caras que varrem as ruas. E o homem vê na seda o caminhar da opulência, esquecendo-se, muitas vezes, que pode haver mais tragédia dentro desse vestido caro — do que na sua ganga chapada de remendos. E por isso que certos realistas que trabalham de cor e tiram da vida falsos «clichés» arranjam para fulcro das suas obras todo o ambiente onde, fétidamente, u enérgica tresanda a suor e os homens não passam de bestas de carga. Ninguém ainda hoje se lembrou de perguntar qual a mãe que sofre mais quando lhe morre um filho; se a pobre ou a rica?

E que nisto de sentimentos Deus fadounos igualmente. A dor é universal. Não há uma barreira que a separe. Assim são as tragédias. Um dia perguntaram a um grande escritor que todos os anos ia passar o verão a uma pobríssima praia francesa, de meta dúzia de almas que labutavam no mar:

— Porque vem para aqui?

— Venho cansado de escutar a miséria!

E, no entanto, esse homem de intelecto habitava uma grande cidade, tinha um opulento palácio, com criadagem. E que, nas cidades, há sempre em efervescência um encurro de misérias que muitos não conhecem mas que os olhos dos psicólogos não deixam passar. Há os que se mantêm de calça vincada, luva e colarinhos de goma e o seu almoço foi o café pago na mesa ruidosa, entre dichotes e gargalhadas; há os que se sentam nas frisas dos teatros, alegres e satisfeitos, quando deixaram ficar, pela tarde, a última jóia no agiota; há os que sustentam caras amantes enquanto, criminosamente, vão dissipando o património dos filhos; há os que se dizem doutores e mostram grandes conhecimentos quando, afinal, assinam em cruz e mal soletram os letrados dos eléctricos; e há, também, aquela flora nociva dos pirotécnicos das palavras que nunca trabalharam e insubordinam os outros, dizendo que o esforço é mal remunerado. Tudo isso tem a cidade prodigamente. Como centro da multidão é fácil esconder, simular. Ora a cidade é essencialmente produtiva, como o campo. Se lá o trabalhador lança a semente à terra — aqui o operário faz-lhe a ferramenta.

A lei que o protege e lhe dá segurança da existência é ainda a cidade que, lealmente, lhe oferece.

MANUEL MARTINHO



Era este o Campo de S.ª Clara...

No meio do século XVI, a Infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel e da rainha D. Leonor, sua terceira mulher, era das pessoas reais que mais visitava o convento de Santa Clara. Todas as religiosas eram amáveis e a Infanta D. Maria — e ela gostava, no alto silêncio dos claustros, de passar umas horas em agradável soliloquio espiritual. Tanta predilecção lhe mereciam aquelas religiosas, que foi morar numa casa, junto do convento. Depois daquele exemplo, dado por uma das mais prestigiosas figuras da corte, outras pessoas lhe seguiram as passadas, vindo dos diversos pontos da cidade para erguer moradias naquele largo campo, tão lavado de ares. Foi assim que os terrenos grandes de Santa Clara se começaram a povoar. Depois, mais tarde, fizeram-se ali duas grandes fundições — a de Cima e a de Santa Clara.

Foi nesta última que se fundiu a estátua equestre de el-rei D. José I, no ano de 1765. Bem triste memória nos dá o campo de Santa Clara, se nos lembrarmos que ali esteve a força, no extremo oriental. Ficava, por conseguinte, distante do convento. Ainda no século XII não havia ali, nem perto, casa alguma.

Outro ponto histórico de grande importância e que vem desde o berço da nacionalidade: D. Afonso Henriques assentou, naqueles campos, os grandes exércitos que vinham vitoriosos de bater os mouros. Era daí que ele esperava assaltar a cidade mourisca, que fervilhava de agitação nos seus estreitos muros onde uma grande população iria resistir às investidas do «Conquistador». A cidade foi vencida no dia 21 de Outubro de 1147 e D. Afonso Henriques — houve, naquele campo, uma enfermaria e cemitério com capela — querendo agradecer a vitória, lançou os fundamentos do mosteiro de S. Vicente de Fora, que ficou do lado ocidental. Em 1284 o convento de Santa Clara foi construído ao lado sul.

A este estabelecimento religioso se ficou devendo o nome do sítio: Campo de Santa Clara.

Com a edificação dos arsenais o sítio povoou-se de operários e empregados. Mais tarde, precisamente em 1879, foi construído o colégio dos Jesuítas, da invocação de S. Francisco Xavier, que decorrido um século foi demolido para no seu lugar se construir o Hospital da Marinha.

Também os descendentes do primeiro visor-rei da Índia, D. Francisco de Almeida, tiveram, para sua morada, um palácio, ao lado norte.

Oitenta anos depois, desajando o Patriarca de Lisboa, que foi o primeiro que tivemos, que a sua família morasse numa habitação digna — mandou arrazar o modesto palácio e construir um outro mais grandioso. Levou anos a construir, e em 1740, fez dele legado a seu sobrinho, o primeiro marquês do Lavradio e quarto conde de Avintes. Junto deste palácio morou, depois, num outro, a família Sinel de Cordes.

O engrandecimento do Campo de Santa Clara deve-se, porém, a um paradoxo.

Quando o terrível cataclismo que assolou a cidade, em 1755, no lado Norte, fizeram-se barracas para muita gente de outras paróquias que, cheias de terror ali vinham procurar abrigo. Durante o inverno aquele vasto terreno tinha o aspecto dum grande acampamento, com as suas barracas improvisadas, pois que, os abalos de terra, que se prolongaram, durante meses, traziam toda a gente cheia de terror — e dali ninguém arredava pé. Dizia-se — e já as profecias corriam

como boatos — que a cidade seria arrasada com outro grande tremor de terra, em 1756, isto é, no aniversário da célebre catástrofe.

Os anos decorreram e toda aquela gente se viu na necessidade de dar uma solução às incómodas vidas que levavam. E foi assim que se começaram a construir grandes prédios e moradias, que povoaram, bem depressa, todo aquele sítio. Se acrescentarmos a isto a grande legião de operários que trabalhavam nos arsenais — e o comércio que se ia fazendo, poderemos concluir que o sítio de Santa Clara foi — sem dúvida, um dos mais históricos, — só se povoou, capazmente, devido ao terramoto. Enquanto a cidade se ia arruinando, entre escombros, Santa Clara iria renascer...

Hoje, do antigo convento de Santa Clara, tão famoso, já pouco existe. Basta dizer que entre freiras e criadas havia uma população de 600 pessoas. E a igreja tão rica, toda revestida de talha dourada era das mais magníficas.

UM INQUÉRITO EM CINCO MINUTOS

O que falta em Lisboa?

TODA a gente costuma alvitar que se devia construir isto ou aquilo para que a cidade se tornasse mais formosa, digna da grande capital dum império. Por exemplo: há quem julgue que, em toda a extensão da Avenida, se devam mandar fazer lindos repuxos que a arquitectura de água é dos maiores encantos dum cidade; outros, desportistas, desejariam um monumental hipódromo e uma pista de corridas; e alguns mais folgazões, não se podem esquecer que a capital, com 800.000 pessoas não tenha um enorme parque de diversões.

Fomos perguntar a diversas pessoas a sua opinião sobre este assunto.

O Dr. António Sacramento, professor, respondeu-nos a sorrir:

— Se pudesse mandava fazer mais bibliotecas móveis por todos os jardins! Temos ja algumas! Mas deve intensificar-se a campanha da leitura! Muita gente supõe que só se pode ler em casa. Quanto a mim — a leitura ao ar livre é muito mais salutar e recreativa!

Na Bélgica e na França, toda a gente pode ler — e levar, se o volume lhe está a interessar, o livro para casa.

Basta para isso que preencha um boletim de inscrição, com o número do seu bilhete de identidade!

É preciso espalhar o gosto pela leitura, única forma de elevarmos o nível cultural do povo!

FALTAM CONCERTOS PÚBLICOS!

O engenheiro Ataíde de Lima é um dos mais entusiásticos apreciadores da boa música.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Continuam a chegar, à nossa Redacção, muitas cartas de leitores que têm as suas reclamações a fazer. Simplesmente, o espírito que as dita nem sempre se conjuga com o espírito desta Secção. De modo que, por vezes, os leitores não-de-estranhar não encontram aqui eco ao que escreveram e disseram.

Que nos perdoem os lesados — mas a verdade é que nós não podemos, nem devemos dar guarida a pequenas coisas de senoras vizinhas, a questões que nada interessam ao público em geral — mas apenas a cada um em particular...

Quando iniciámos esta Secção, ficavam bem expressas as idéias que a ditaram: abrir uma janela para o público que tem as suas reclamações públicas a fazer. Isto é: reclamar não com o egoísmo daqueles que vêm apenas o seu caso pessoal — mas o da colectividade.

Esperamos que, com esta nova explicação os nossos prezadíssimos leitores não continuem a dizer, por vezes, que a vizinha de cima lhes sacode o tapete quando está à janela ou lhes deita o lixo no quintal... Como se deve compreender — este caso é apenas a polícia...

Há dias, fui com a minha família ao teatro da Trindade e, como o espectáculo acabasse tarde (eram duas da manhã) metemo-nos num carro eléc-

trico para o Carmo, afim de voltar, novamente, nele para Almirante Reis. Por acaso o carro foi só até Amoreiras mas aí, como chegasse também um para Almirante Reis, metemo-nos nele, assim como mais passageiros, por sinal quasi tudo senhoras.

Tivemos de ficar na plataforma porque o eléctrico ia cheio, mas não cheio de passageiros, pois estes eram apenas cinco.

La repleto de pessoal da Carris, fardado, muito bem sentado e numa algazarra medonha.

Os empregados da Carris terão muito direito a irem sentados no carro depois de um dia de trabalho mas, neste caso reservassem o carro só para eles.

Porque francamente, o pessoal da Carris sentado e os passageiros que pagam o seu bilhete irem em pé na plataforma, parece que não está certo...

UMA QUE GOSTA DAS COISAS NO SEU LUGAR — Lisboa.

Não sei se fica bem nesta secção o meu alvitre. Entretanto, ele aqui fica: Porque não há em Lisboa grandes extensões de terreno cobertas de relva, para as crianças brincarem? Lá fora — e nos países do norte, em especial — os grandes canteiros relvados é que são o campo de brincadeira das crianças que vão para o jardim. Aqui, a relva é um luxo saloio, com gradinhadas à volta e um letrinho a dizer que é proibido pisar a erva...

No entanto, era sobre essa mesma erva que as crianças brincariam mais à vontade, rebolando-se, fazendo ginástica, sem o perigo de se sujar nem magoar os pésinhos no sabro duro e incómodo...

ROSA SENA — Benfica.

BECOS SEM SAÍDA...



Beco dos Álamos



Beco dos Aciprestes



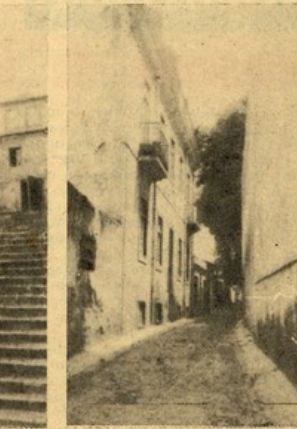
Beco do Cascalho



Beco dos Engenheiros



Beco do Alegrete



Beco do Borrinho

NÃO há quem não conheça a frase pitoresca: «estou num beco sem saída...» «Metem-se num beco sem saída...» E todos nós sabemos o que isto significa: um entalão, uma empresa de que não temos meio de salvar-nos, pelo menos airoso — porque muitos dos problemas se resolvem de taboada na mão...

Lisboa, como certamente todas as terras de todo o mundo, tem baptizados com nomes engraçados, os seus becos sem saída — e que deram lugar à expressão popular. Há por essa cidade fora centenas de pequenos cortes de arruamento, nascidos da ignorância do povo, quando não havia senhores engenheiros, nem architectos que riscassem as ruas, que cuidassem da urbe e da urbanização. São quasi sempre pitorescos — mas porque o sol não lhes bate e o ar corre em gargantas abertas — quem nos leva que o pitoresco dos becos sem saída desaparecesse da história vida da cidade!...

(Fotos Serodio)

Confidências de amor?



A frente principal

A batalha de Caen fixou-se, semanas a fio, com características verdadeiras de batalha de desgaste. No espaço evidentemente limitado da testa de ponte da Normândia, principalmente a partir do momento em que dispuseram do pórtico de Cherburgo, os Aliados fizeram desembarcar e aplicaram um volume de tropas que pode parecer desproporcionado com os ganhos territoriais obtidos. A verdade é que nem sempre o volume da batalha e a importância dos seus resultados se podem avaliar pela superfície de terreno conquistado ou abandonado, pois que nesta guerra, mais que em qualquer outra, importa ter em consideração as perdas de homens e de material. Por seu turno, os alemães fizeram afluir àquela zona de combates uma massa de efectivos que tem de considerar-se em paralelo com as forças empenhadas pelo comando anglo-americano — decisão que não pode tomar-se como surpreendente, depois de em Berlim se ter feito a declaração, dada para o exterior, de que a frente russa passava a ser tida como de natureza secundária, ao passo que a principal passava a ser a frente francesa. Efectivamente, o comando aliado fez saber que, entre os prisioneiros tomados na Normândia, figuravam elementos de unidades recentemente retiradas da frente leste, o que pode interpretar-se como sinal bem evidente da alta significação que se atribue, entre os dirigentes alemães, às operações em curso na periferia ocidental da Europa. Na verdade, o ritmo de conjunto da batalha global que se fere simultaneamente nas três frentes continentais tem de ser considerado como sintoma do pensamento militar — e também político — do Estado-Maior alemão: a ocidente, batalha violenta de material; ao sul, batalha de retardamento, preparação lenta para a ocupação das defesas na vale do Pó; a leste, a aplicação do que passou a chamar-se — designação alemã — a tática elástica, em harmonia com as condições do espaço, cujas perspectivas se estendem hoje ao longo da própria extensão da Polónia de 1939. Se a guerra é uma consequência, um recurso e um meio das concepções político-diplomáticas, é preciso também ver as coisas pelo aspecto contrário: o efeito passar a causa. Na hora actual, com efeito, ao mesmo tempo que não podem os dirigentes militares libertar-se da preocupação máxima do desenvolvimento da manobra sobre o terreno, já as preocupações de natureza política tomam muito de primeira grandeza — e isto será verdade tanto para o grupo do Eixo como para o bloco das Nações Unidas. O certo é que não falta quem veja muito atrasado o grau de desenvolvimento da preparação política, económica e diplomática para os arranjos necessários quando cessarem as hostilidades. Em Londres, por exemplo, não faltaram vozes exprimindo o desapontamento pelo facto de essa preparação se ter revelado inferior à que foi possível atingir no plano das realizações militares. Do lado das Nações Unidas, pode dizer-se, com efeito, que estão em suspenso muitos problemas de importância decisiva para a reconstituição política do mundo de amanhã, transformação das indústrias de guerra, sua adaptação às condições de vida próprias da paz, escotilha e partilha de zonas de influência e mercados e abastecer. Do lado alemão, a experiência de outras épocas e a própria lição de episódios recentes, relacionados com a própria época em que se desencadeou a guerra, conjugadas com declarações e actividades de elementos responsáveis da política de Berlim, devem dar a entender que não para também a actividade das chancelarias. E a cadeia das surpresas pode, em boa verdade, não estar ainda esgotada. Tudo é de admitir, porque, como afirmou Hitler no seu último discurso, o que está em jogo é «o destino do povo alemão, o combate que decidirá pela existência ou não existência de inúmeras gerações». Perante a magnitude de tais perspectivas, nenhuma hipótese, por muito absurda que pareça, deve deixar de ser encarada.

J. R. S.

INGLATERRA

Caçadores de imagens e sons

SE o jornalista trabalha com a caneta ou a máquina de escrever — o repórter-fotógrafo, esse opera com uma bateria completa de máquinas, as mais complicadas, as mais caras, as mais matematicamente precisas. Verdadeiro caçador de imagens, o repórter-fotógrafo, como o repórter que recolhe sons e imagens para a rádio ou para o cinema, tem também constantemente a vida em perigo. Porque não é só a selva que oferece perigos — mas os próprios jardins floridos, transformados em abismantes campos de minas.

Nas duas fotos que aqui damos, o leitor encontrará dois dos complicados aparelhos de que se servem os modernos caçadores de imagens e

sons — vítimas, tantas vezes, sem glória, do escrúpulo que põem no desempenho de missões difíceis, ao serviço da curiosidade mundial.

A primeira foto lembra um canhão. E, entretanto, é apenas um teleobjectivo para aparelhos de televisão — um processo moderno de informação que dará passos de gigante, quando acabar a guerra.

A segunda foto, à direita, dá-nos um outro teleobjectivo, mais maneável, precioso auxiliar do fotógrafo. Um aparelho destes, que a América está a empregar com frequência, é extremamente útil em «match» ou em qualquer outra espécie de trabalhos em que seja preciso recolher fotos de «movimento».



GRÉCIA

FEL À SUA HISTÓRIA

DE todos os países ocupados, só a Polónia terá sofrido um destino mais trágico do que o da Grécia. Foi a 28 de Outubro de 1940 que a Itália, partindo da Albânia vencida, atacou a Grécia, sob o pretexto de que havia bases navais inglesas nas ilhas gregas. A Alemanha, que ainda alimentava o projecto de invadir a Inglaterra, acreditou, então, que a sua aliada abria o caminho do Médio Oriente, através da Grécia. A Grécia, porém, não era a Albânia, onde a Itália forte procurava, numa semana santa do combata — essas duas condições ao anterior: a Grécia era forte e permitiram que a Inglaterra ganhasse tempo e se preparasse para a luta tremenda de mais cinco anos, pelo menos: os ingleses acreditavam na interferência da Alemanha na Grécia mas entretanto, ganhavam um inverno para tratar da segurança do Médio Oriente e para apertar os laços com a Turquia inclinados para o Eixo.

Na primavera de 1941, os alemães atacam, de facto, os helénicos. Submergem-nos, vencem-nos até à última gota de força organizada. Nas Termópilas, porém, a Grécia fôra digna e fiel representante dos seus antepassados, nesse dia 23 de Abril da glória grega.

O rei e Tsouderos, seu primeiro ministro, depois da morte de Metaxas, passam a Creta, enquanto Atenas é tomada. Um governo grego aceita a presença alemã — mas Creta continuará a resistir até 26 de Maio, que é quando o rei parte para Londres com o seu governo.

A presença dos exércitos ingleses não chegara para vencer o inimigo...

Depois, vem a agonia física de um povo moralmente imperecível. As necessidades das crianças gregas passam a ser legendárias — o comércio pára, a indústria trabalha para a guerra, os campos são abandonados, o mar não pertence aos gregos.

E, agora, a Bulgária nada lhe envia, porque é país inimigo — o bloco faz-se não pelo lado aliado, mas pelo lado alemão, quando não pelos dois. E nem a Cruz Vermelha chega para lhes valer.

O trigo grego, que depende tanto do clima e que não admite um vento contrário, chuvia, um dia desce ao sementeira — não reverdesce nesse ano nem no outro.

De resto, que pode agora valer o trigo, ao lado das posições estratégicas? O Egipto, a Turquia, todo o Próximo Oriente sentem a pressão dessas posições, sob o avanço do Afrika Korps.

Os búlgaros ao norte, os alemães ao centro, os italianos ao sul — e contra todos o espírito de independência de um povo notável, os guerrilheiros formam o substratum do patriotismo helénico. Não importa — a pátria continua.

No Outono de 1942, a Grécia sai da prostração, une-se étnica e tecnicamente, numa resistência perfeita e organizada. Mas, daí a pouco, os grupos dividem-se: há os que são fiéis ao rei, instalado bem perto, no Cairo, e há os que trabalham em Moscova. Todos, porém, estão de acordo, quando a Alemanha se propõe criar a muralha da Europa. As agressões multiplicam-se, a Bulgária transfere os habitantes da Trácia helénica para a Macedónia oriental.

Os Aliados inquietam-se com as divergências que voltam a reinar entre os guerrilheiros. Depois da Conferência de Teerão, exercem sobre eles uma pressão firme, a favor de uma resistência organizada. O rei prometera, em Outubro de 1943 eleições — e elas se farão, depois da guerra, como se lê na carta que enviou ao seu primeiro ministro. Diz-se que essa carta não foi espontânea mas de inspiração dos Aliados, pois, Jorge da Grécia parecia ignorar a existência dos partidários. O rei teria meditado sobre o destino de seu primo, o rei Pedro da Iugoslávia — e talvez se tenha felicitado por não ter a Grécia um marechal Tito...

Entretanto, o que vai acontecer à Grécia? Resistir em condições regulares?



Diz-se num artigo de Georges Manen — e do qual respigamos estas notas — que talvez Salónica retome o seu grande papel da outra guerra, a favor de uma grande ofensiva aliada que teria Vardas como objectivo. Entretanto, a campanha no sul da Europa prossegue. Na Itália, os Aliados avançam. Mas os gregos não querem perder a duas potências: à Bulgária e à Itália, cuja co-beligerância contrariaram.

Por isso reclamam o regresso das ilhas do Dodecaneso — e com estas, todos os territórios sobre os quais têm direitos históricos.

Que dirá, porém, a Turquia, a respeito do regresso, à Grécia, desse Dodecaneso que lhe foi prometido em troca da sua neutralidade?

ITÁLIA

UM PAÍS QUE QUERE RENASCER

COMO vai a Itália? A medida que os acontecimentos de guerra irmanam os italianos na mesma lei de libertação do solo — que pensam e fazem esses homens?

Em primeiro lugar, é preciso dividir o povo em duas categorias — o rural e o urbano. Cada um com seus deveres, seus direitos e suas necessidades. Os primeiros não pensam na política: são contra aqueles que lhes levaram o rico produto do seu suor. São hospitaleiros, recebem bem quem chega, e só querem que os deixem voltar ao amanhã da sua terra.

Nas cidades, porém, o caso complica-se. A massa dos sem trabalho é grande, porque há muitos soldados licenciados, operários sem trabalho, visto que as fábricas foram destruídas. Há, portanto, mais tempo para a discussão política...

As classes burguesas, mais ou menos endinheiradas, sentem que o capital lhes serve de muito pouco, porque não é grande a oportunidade para iniciativas rendosas — mesmo porque cada um não pode fazer o que quer.

E por isso também estes falam da política. Há os que dizem que Sforza não daria um bom chefe do Governo, pois que, sendo diplomata, não seria suficientemente enérgico para dominar a próxima situação; e há os que pensam em contrário — sem faltar quem pense que o homem de momento deveria continuar a ser Badoglio, precisamente porque soube, na hora própria, ser diplomata e enérgico.

Mas, de um modo geral, sente-se que os italianos, compreensivos, sem lágrimas, de forças esauridas e um grande desejo de sair das aventuras da guerra, ao menos com um solo ano e indivisível, têm um desejo enorme de não levantar grandes dificuldades a quem vier por bem.

Por outro lado, os italianos cultos voltam-se para o espírito da França, ao lado da qual realizaram tão esplêndidas jornadas, para construção de uma civilização e de uma cultura de que o mundo jamais poderá alhear-se.

A Itália quer renascer. E, então, lança os seus olhos à volta e só encontra a porta do vizinho do lado — a França fronteiriça e quase como irmã. E, entretanto, os ciclamens desabrocham sobre as colinas da Itália milenária...



Dewey, como se vê, cuida da sua popularidade, tão indispensável para um grande homem de Estado...



... Mas Roosevelt não esquece que em vésperas de eleições essa mesma popularidade é indispensável.

ÀS PORTAS DAS ELEIÇÕES AMÉRICA

DEWEY CONTRA ROOSEVELT

E em Chicago que se decidem os destinos da América. Naquela cidade, onde se reúnem as assembleias gerais dos dois grandes partidos que constituem a seiva viva e a mecânica da vida pública norte-americana, são escolhidos os candidatos à presidência da República. A escolha, geralmente, é acompanhada duma campanha de propaganda que toma, por vezes, aspectos impressionantes.

País de publicidade, não pode estranhar-se que os americanos a utilizem no acto mais solene da sua vida oficial.

Republicanos e democratas combatem-se, durante os meses que precedem a realização do acto eleitoral, com um ardor que raramente se conhece nos países da Europa. Mas, decidida a luta, escolhido o novo chefe do Estado, se nem sempre é fácil estabelecer uma reconciliação completa entre os adversários da véspera, torna-se sempre possível fazer aceitar por todos, vencedores e vencidos, a decisão da maioria. Quando com o presidente eleito, a nova administração toma conta das alavancas do poder, vai já esquecida uma parte dos argumentos trocados, das incompatibilidades afirmadas e até, com frequência, dos golpes dados e recebidos.

UMA INOVAÇÃO ELEITORAL

A eleição presidencial deste ano, marcada para 7 de Novembro, oferece uma inovação muito curiosa. Em 1864, os eleitores americanos votaram em plena guerra civil para decidirem dos destinos do seu país. Em 1916 votaram sobre um tema de política externa que ofendeu para todos eles uma importância capital. Em 1944 vão votar, pela primeira vez, em plena guerra sobre um tema de política externa de cuja resolução depende não apenas o seu futuro mas, pelo menos nos tempos mais chegados, o futuro de todo o mundo. A sua responsabilidade é enorme. Talvez por isso mesmo não é menor a sua hesitação.

Nas eleições que se sucederam, nos intervalos prolongados entre aquelas datas históricas, os americanos votaram invariavelmente à volta das suas divergências internas. Mesmo em 1920, quando o professor Wilson foi derrotado, não era já a política externa dos Estados Unidos que estava em causa, pois o Senado tinha decidido que o país regressasse ao isolacionismo. Mas desta vez, inovação eleitoral curiosa, tendo de votar sobre a política externa que os Estados Unidos não-de seguir depois da guerra, os eleitores americanos encontram-se entre dois programas iguais. A sua responsabilidade e a sua hesitação aumentam por isso ainda mais.

OS CANDIDATOS

A assembleia geral, congresso ou convenção do partido republicano escolheu o sr. Dewey como seu can-

didato oficial. A escolha correspondia, efectivamente, aos sentimentos profundos da maioria dos delegados enviados a Chicago pelos diversos Estados. Mas, caso talvez inédito em reuniões deste género, nem no de-

curso dos trabalhos nem no final deles se produziram as manifestações exuberantes que actualmente os acompanham. Os republicanos não têm dúvidas quanto à força real de que actualmente dispõem em todo o país.

Sabem que este não está satisfeito nem com o New Deal nem com a hipertrofia burocrática que ele provocou. Sabem igualmente que uma mudança de administração seria, segundo todas as probabilidades, recebida com um suspiro de alívio por toda a parte. Por último, sabem que os eleitores não aceitarão, sem relutância, como quem engole uma pílula amarga, o princípio da renovação da candidatura do sr. Roosevelt. Se este fór, como tudo indica, candidato pela quarta vez, trata-se dum acontecimento verdadeiramente extraordinário, e não apenas inédito.

Mas, precisamente por isso, os republicanos receiam e estão, por isso. Porque se Roosevelt aceitar a sua candidatura e se opuser ao sr. Dewey é esse certamente o maior perigo que o seu partido pode correr.

OS TRUNFOS DE ROOSEVELT

Porque a eleição pela quarta vez, do New Deal e os seus inconvenientes, o cansaço provocado pelo exercício prolongado do poder por parte do partido democrático são, no fundo, questões de política interna. E não é verdade que o sr. Roosevelt fez embarracar os Estados Unidos na galera duma grande aventura imperial (por mais que os americanos detestem esta palavra) e que o vento da vitória tem até agora enfunado as velas da embarcação de que ele é há anos o timoneiro cauteloso? Porquê, por um paradoxo singular, são as administrações do partido democrático instaladas no poder em nome do seu credo pacifista, que suportaram os inconvenientes, mas também as vantagens, das guerras que se saldaram sempre por um aumento de poder, da influência política ou de irradiação espiritual da grande república norte-americana.

Defendendo, com uma constância que é um dos seus melhores títulos de honra, os interesses fundamentais dos Estados Unidos numa fase da história em que nem todos os americanos viam claramente onde esses interesses estavam, o sr. Roosevelt ganhou um direito incontestável a gratidão dos seus semelhantes e conquistou um galardão legítimo que nenhum deles deixa de reconhecer. Que seria hoje dos Estados Unidos se o seu presidente não tivesse previsto, antes mesmo de se desencadarem as hostilidades na Europa, toda a extensão dos perigos que ameaçavam a nação, a sua unidade espiritual e a sua posição predominante no hemisfério ocidental? Quando se interrogam, os norte-americanos reconhecem, facilmente, que a resposta àquela pergunta justifica as esperanças que os amigos do seu actual presidente depositam em mais uma vitória eleitoral. E os seus adversários, que acabam de escolher o sr. Dewey, sentem que essas esperanças constituem neste momento a grande arma com que o partido democrático se prepara para as eleições de 7 de Novembro.

POLÓNIA

“E TODOS LEVOU A GUERRA...”

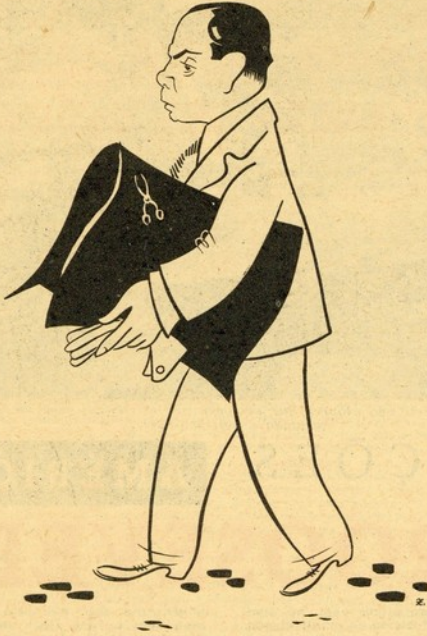
GUERRA total! E o sofrimento dos civis e dos soldados, das mulheres, dos homens e das crianças. Das crianças! Em todos os países em guerra elas sofrem as consequências do conflito. Fome, bombardeamentos, perda dos pais — mortos, presos, deportados, condenados a trabalhos sem par. Mas só num país as crianças foram directamente atingidas pelas deportações em massa — a Polónia! Milhares de crianças foram obrigadas a deixar os seus lares na Polónia ocidental, que se pretendeu limpar de polacos para instalar colonizadores, levados pelos ocupantes. Milhares de crianças compartilharam a sorte de seus pais, deportados da Polónia oriental para a Sibéria, para as estepes do Turquestão e do Kazakstão.

Dentre estas últimas — muitos milhares pereceram. Uma pequena parte, apenas — menos de 20.000 crianças — puderam ser evacuadas da Rússia, primeiro, para o Irão, depois, para os países que lhes ofereceram hospitalidade — a Palestina, a África do Sul, a Índia, o México e a Grã-Bretanha.

Estas crianças, na sua grande maioria, são órfãs ou filhas de soldados polacos combatendo nas diversas frentes de batalha. Privadas da protecção dos pais, consideravam-se sob a protecção do Governo polaco. Com o concurso da Cruz Vermelha Polaca e de diferentes instituições dos países aliados, o Governo polaco organizou acampamentos para crianças, em substituição dos lares que perderam. Dentro deste plano, organizaram-se na Índia muitas cidades infantis; na África do Sul, colónias agrícolas; na Palestina vários acampamentos de tipo militar, onde os rapazes recebem uma instrução que os prepara para profissões práticas. Na Grã-Bretanha criou-se, para os rapazes dos 14 aos 16 anos, uma escola de mecânicos de aviação, destinada a formar futuros aviadores.

Na foto que damos aqui, vemos, em território africano, os pequenos polacos parece que respirando alegria e adaptados ao clima.

CALÇADA DA GLÓRIA



Manuel Ribeiro Ferreira

— Mata essa aranha, Day! — exclamava, uma vez, um advogado de Londres para o grande escritor, apontando uma enorme aranha que lhe descia pela manga do casaco.

— Que dirias tu, Jones — retorquiu Day — se um ente fabuloso, que tivesse sobre nós o poder que nós temos sobre este insecto, surgisse de repente e me ordenasse: «Mata esse advogado!». E, entretanto, quantos não julgam os advogados mais perigosos do que as aranhas!

Felizmente, nem a todos os advogados se pode encarapuçar a frase de Day. O nosso biografo de hoje, por exemplo. De facto, o dr. Manuel Ribeiro Ferreira, não obstante frequentar assiduamente a «teia» dos tribunais, não tem os pecados que muitos atribuem às aranhas — mesmo àquelas que não têm o curso de Direito...

Culto; inteligente; prestável; bom rapaz; amando como filho a sua terra natal — Alvalázere; querendo como pai ao seu distrito — Leiria; cultivando a política com quem cultiva uma flor — o dr. Manuel Ribeiro Ferreira tornou-se uma figura marcante, não apenas no Terreiro do Paço, em São Bento e na Boa-Hora, mas na rua do Ouro e no Chiado. Veste com elegância, frequenta as «premières», sorri para as senhoras. Possui na sua estante dois códigos sempre à mão: o Código Civil — e o Código do Bom-tom. Usa brilhantina no cabelo — e água de Colónia no lenço. Administrador dum dos bairros de Lisboa, a sua administração é verdadeiramente de luva branca.

À maneira de Gomes Leal

Nas mesas da taberna, debruçados,
Junto aos restos dum vinho já exausto,
Estão seis velhos de todo emborrachados.

Todos mostram um ar pobre e mesquinho
De quem vai ali, há quantos anos,
As mágoas afogar no roxo vinho.

A casa é triste, escura, enegrecida
Do fumo da lanterna. E, fora, o vento
Bate na antiga porta carcomida.

Nisto um deles raba da guitarra
E põe-se a soluçar um fado triste...
— Nunca assim se viu tal cigarra!

E logo os outros, riso avermelhado.
Começam a dançar, batendo palmas
Ao som pungente desse triste fado!

O «RÉCORD» DAS PALMAS



Uma tarde discutia-se a uma mesa do «Café Lisboa» qual seria dos nossos artistas teatrais o mais aplaudido.

- A Palmira Bastos — disse um.
- A Beatriz Costa — disse outro.
- O António Silva — exclamou um terceiro.
- O Vasco Santana — interveiu um quarto.
- A Maria Matos — interveiu um quinto.
- A Hermínia Silva — exclamou um sexto.

Vieram outros nomes: Amélia Rey Colaço, Lucília, Lalande, Hortense Luz, Mirita, Amarante, Costinha, etc. Até que Xavier de Magalhães, que ainda não abria bico, tomou a palavra: — O meu guarda-noturno é que bate o «record». Tem 6 anos e há 35 que todas as noites lhe dão palmas...



LITERATURA «BRIC-À-BRAC»

Encontrámos ontem, no Chiado, Joaquim Mota Júnior, o romancista tão discutido dos *Sinais do Céu*.

— Então obras novas? — preguntámos-lhe.

Meteu a mão ao bolso e deu-nos um pequeno prospecto onde lemos:

Renascença
D. João V
Queen Anne
Império
Luís XV
Luís XVI
Embutidos
Torcidos
Tremidos



Chave do enigma: Mota Júnior dedica-se agora ao comércio de móveis de arte, o que é, em boa verdade, — temos de reconhecê-lo — uma forma de literatura como qualquer outra. Com uma diferença: é talvez mais rendosa... Que dirá a isto o dr. João Gaspar Simões. Sim, porque ele há de dizer alguma coisa!



EÇA DE QUEIROZ — ACTOR



formar num excelente intérprete, sobretudo da comédia.

Agora que tanto se fala de Eça de Queiroz, não deixa de ser curioso referir um aspecto, porventura quasi inédito, do grande romancista. Eça de Queiroz era um belo actor. Os seus triunfos artísticos em Coimbra, no Teatro Académico, prometiam-lhe uma carreira gloriosa na sublime arte de Talma se o grande escritor em vez de enfiar a toga de bacharel em direito se envolvesse na capa de Arlequim. Eça em novo gostava imenso de representar, e tudo nêle, desde a mobilidade da expressão fisionómica ao gesto e à voz, concorria para o trans-



VELHAS HISTÓRIAS



Há dias folheando antigos papeis encontrámos esta história.

Uma bela ocasião, certo sujeito, desesperado da existência, entrou no gabinete de José Estêvão e anunciou-lhe nada mais nada menos do que isto — que ia pôr termo à vida. O grande orador procurou dissuadi-lo. O homem insistiu.

- E que género de morte escolheu?
- Tenciono atirar-me ao Tejo.

— Ah! sim — ripostou José Estêvão — Então não se esqueça de atar ao pescoço o *Enrico* de Alexandre Herculano. Verá que vai logo ao fundo...



OS OSSOS DE NUN'ALVARES



Passearam há dias pelo Chiado os magros e veneráveis ossos do Condestável de Aljubarrota. Triste passeio. Como escreve o «Comércio do Porto» aquêle cortejo sem grandeza, sem esplendor, sem organização, com uns caminhando a galope, outros ao retardador, no meio de ruas quasi desertas, tal a indiferença popular, não pode repetir-se. Não faltará quem esteja de acôrdo. Para servir de pretexto a semelhante espectáculo, muitos dirão, não vale a pena ser herói — nem santo!

Sabem quem é este senhor?



Este pacato e gordo senhor que vêem sentado no soal, rodeado de objectos de aparência estranha é, se bem que tal não cretam, uma pessoa muito importante. A primeira vista pode dar a impressão de um feirante ou de um pobre ferro-velho, ou ainda de um infeliz inquilino a quem o senhorio tivesse movido acção de despejo, atirando-o para a rua juntamente com todos os trastes velhos.

Mas não. Reparem-lhe para a cabeça. Parece um colar a rodear-lhe o crânio, não parece? Mas aquilo que ali está é uma insignia, o equivalente a um diploma, a uma carta de curso, e quer dizer, segundo os usos da região, que se trata nada mais, nada menos, do que de um médico. O seu nome é dr. Elhelbert John Chavafoimbira, de grande prestígio em toda a África do Sul.

Toda aquela sorte de objectos dignos de museu ou de feira da ladra, fazem parte do material cirúrgico usado em mil doenças, desde as fáceis às muito complicadas.

Não tem graça?

O FIM DO MUNDO As dentaduras dos homens da idade da pedra

DE vez em quando aparece um senhor qualquer que desata a fazer profecias. Já não é necessário barbas brancas até aos pés, nem um gorro muito alto e a terminar em bico, nem mesmo possuir um telescópio ou coisa que o valha. Antigamente, ao que parece, era muito mais difícil ser profeta. Hoje, basta um lápis, um papel, meia dúzia de contas complicadas, um pouco de imaginação — e aí temos o nosso homem a fazer cálculos que nunca mais acabam sobre o fim do mundo.

A guerra parece que atrai os profetas. Nesta guerra já apareceu uma porção deles, cada um com a sua teoria e com o seu juízo certo sobre o dia, a hora, o minuto e a forma como este mundo irá acabar.

Agora, segundo dizem os jornais do outro mundo, nasceu mais um profeta. Chama-se Brown, um nome banalíssimo, tem 49 anos e após estudos complicados, chegou à conclusão de que o mundo acabará, irremediavelmente, daqui a 124 anos.

Preguntaram-lhe porquê. O nosso profeta teve resposta para tudo. O mundo, ao contrário do que os seus antecessores apregoaram, não será reduzido nem pela água, nem pelo fogo, nem pelo frio, nem por terrível cometa, que chocará com a Terra. O senhor Brown, discípulo de Malthus, crê que o mundo acabará porque os seus habitantes morrerão todos de fome. Fêz cálculos, avallou a produção, o consumo e pronto — atrou esse número: 124 anos.

O jornalista que escreveu a notícia, concluiu: «Pois sim, mas esta profecia não me mete medo algum. Daqui a 124 anos tenho eu simplesmente 174. Que me pode acontecer de mal?».

Nós dizemos quasi o mesmo. Agora

NA Universidade de Breslau foram feitas em cem bem conservados esqueletos humanos da idade da pedra, pesquisas sobre os dentes daqueles habitantes pre-históricos do nosso globo, chegando-se a resultados altamente interessantes a respeito da história do desenvolvimento da dentadura humana e das suas doenças. A invejável beleza, regularidade e saúde dos dentes que gozaram os homens da idade da pedra até aos trinta anos, originaram-se sem dúvida na comida muito variada, abundante em vitaminas e cheia de sais minerais, factores esses que forneceram aos dentes todas as matérias necessárias para a odontose.

A dureza de comidas fêz com que a dentadura daqueles seres primitivos se conservasse sempre limpa e livre de doenças. Apenas num caso se pôde constatar a cárie dentária, e isso num dente, ao qual faltou o dente correspondente no outro lado da dentadura. Assim revelaram essas pesquisas que o homem da idade da pedra estava até aos trinta anos quasi livre de qualquer dor de dentes. Após essa idade, porém, os dentes começaram a gastar-se rapidamente, não resistindo mais à dureza do pão misturado com o pó das pedras em que se socou o trigo. O esmalte protector desapareceu e as mais diversas doenças começaram a surgir.

os nossos filhos que comecem, na medida do possível, a armazenar qualquer coisa. A não ser que até lá se torne realizável aquêle sonho da alimentação sintética, por meio de pilulas de ar comprimido ou coisa que o valha...

COCKTAIL

Mandamentos femininos

NA América do Norte existem, como toda a gente sabe, «clubs» de toda a espécie, desde o dos homens gordos até à Liga contra o espartilho, os amadores da cebola e os salvos da morte, etc., etc. De todos estes «clubs», os mais numerosos são os femininos, tanto assim que até estão englobados numa Federação.

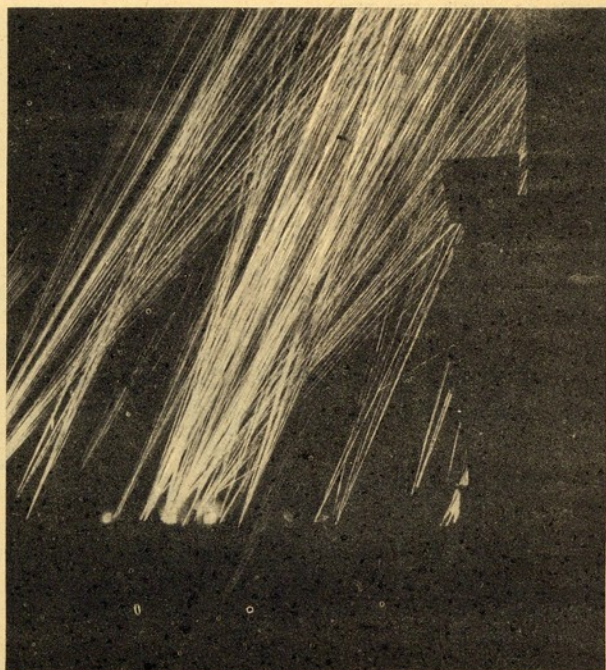
Pois agora, a Federação reuniu-se para estudar a felicidade conjugal das associadas. Houve várias oradoras, grandes debates que duraram semanas e semanas. Por fim, a Federação editou uma cartilha intitulada «Mandamentos Femininos», que fêz distribuir por todas as suas associadas.

Ei-los:

- 1 — Vista-se gentilmente para o pequeno almoço.
- 2 — Levante-se sempre antes do marido, para que ele não lhe veja a cara sem pintura.
- 3 — Saia com o marido apenas duas noites por semana. O resto do tempo, deixe-o em paz.
- 4 — Pague as contas da casa, de preferência às da modista.
- 5 — Nunca peça ao marido para cuidar das coisas da cozinha.
- 6 — Nunca convide a sua mãe a vir passar o domingo em sua casa.
- 7 — Se o seu marido gosta de falar, escute-o com atenção.
- 8 — Interesse-se sempre pelos negócios do seu marido.
- 9 — Não seja ciumenta, que é uma prova da sua inferioridade.
- 10 — Também nunca lhe meta ciúmes porque pode dar mau resultado.
- 11 — Consulte-o sobre todos os assuntos, embora não siga, depois, os seus conselhos.
- 12 — Faça-se, na sua presença, fraca e terna, embora seja forte.
- 13 — Não fale muito.
- 14 — Aprenda a sorrir.
- 15 — Quando estiver zangada, não fale alto, nem atire com as portas, nem com a loiça, nem deixe de falar ao seu marido e nunca o trate por «você» ou por «senhor», que é ridículo, impróprio de uma mulher inteligente. Zangue-se sorrindo, com ironia, com graça. É o melhor processo.

A cartilha termina com estas palavras: «Aconselhe-se sempre com a Direcção de seu clube para todos os casos mais complicados».

Que dizem a isto as nossas leitoras portuguesas?...



Publicámos, num dos nossos últimos números, uma foto da guerra, que mais parecia chuva de estrelas cadentes do que canhoneio anti-aéreo. Reparem, agora, nesta e digam-nos lá, sinceramente, se a guerra, vista de longe e em fotografia, não tem, às vezes, aspectos de beleza rara e surpreendente.

TEL-AVIV, uma cidade hebraica em plena guerra

por S. SCHMULEVITZ

N. R. — S. Schmulevitz foi, durante muito tempo, nosso bom companheiro de trabalho. Um dia, quis regressar à pátria e deixou entre nós um lugar vago de bom camarada e inteligente comentador de questões políticas. Schmulevitz, porém, que não esquece Portugal, prometeu e cumpriu a sua promessa: escrever para os seus leitores portugueses. Eis o seu primeiro artigo em que o leitor facilmente descobrirá, a por de certo comentário judicioso, um magnífico sentido jornalístico e de reportagem.

«COLINA» da Primavera, um nome bastante poético, é a tradução portuguesa do nome da cidade de Tel-Aviv, a primeira cidade inteiramente hebraica no Mundo. Contudo, em abono da verdade, deve confessar-se que, com excepção, talvez, das crianças, ninguém tem paciência, neste momento, para pensar na primavera. E há já alguns anos, Tel-Aviv deixou de ser, por várias razões, uma cidade inteiramente hebraica...

A guerra domina todos os aspectos da vida do país. Outrora, quasi que não se viam homens fardados em Tel-Aviv. Actualmente, o caso mudou completamente de figura. Nas ruas da cidade acotovelam-se soldados das mais diversas nacionalidades aliadas e ouvem-se falar todos os dialectos imagináveis e inimagináveis, desde o indústânico até ao polaco. Quasi todas as Nações Unidas estão aqui representadas. Vêm-se homens de Rodésia, anglo-saxões louros, altos, esplêndidos tipos físicos, ao pé de pretos de baixa estatura, da África Ocidental ou duma provincia Indiana qualquer, numerosos polacos e gregos, ingleses, de vez em quando alguns aviadores americanos de licença, marinheiros da Royal Navy, árabes de faces guerreiras pertencentes à Legião da Transjordânia comandada pelo famoso Glubb Pachá, e soldados judaicos da Palestina, todos eles voluntários, e todos nos seus simples e desprezenciosos uniformes de «kaki». De facto, a multiplicidade de fardas é a primeira e mais característica coisa que impressiona o forasteiro.

Em segundo lugar, deve mencionar-se o elevado nível do custo da vida. Tomando por base o câmbio legal de uma libra por cem escudos, verificamos que tudo está, em via de regra, 3,4 vezes mais caro do que

em Portugal. Um fato não custa menos de trinta libras, ou sejam três contos de réis, um par de sapatos, quatro a cinco libras, um «garoto» no café — três escudos, engraxar as botas — dois escudos (sem gorgêta, se faz favor...). etc. Os víveres estão racionados, se bem que não haja escassez sensível. Em vez da boa manteiga de Avanca, há margarina, e pão — só de terceira.

Tel-Aviv é uma cidade alegre e turbulenta, com uma população de cerca de duzentos mil habitantes, incluindo os arredores. O que surpreende, à primeira vista, são os numerosos cafés, restaurantes, hotéis, pensões, locais de divertimentos, etc., que surgiram como fungos depois da chuva, em consequência do aquartelamento de milhares de soldados aliados. Carros eléctricos não existem na cidade. Há só camionetas, pertencentes a uma sociedade cooperativa de «chauffeurs», concessionária dos transportes públicos. O preço duma viagem é geralmente de 7 tostões, em moeda portuguesa, ou sejam 7 mils em dinheiro palestiniano, mas há viagens duplas por mil e duzentos, e dezóito tostões, depois das nove horas da noite. As camionetas circulam apenas até às 11 da noite, e depois desta hora, há só «táxis», que são relativamente caros, por não estarem munidos de taxímetros, como sucede em Lisboa.

Outro dia, por exemplo, quando tencionávamos transportar a nossa bagagem dum hotel para outro, fomos ter com uma bicha de «táxis» na «Praça das Colónias», e perguntámos ao primeiro «chauffeur», quanto é que exigia por semelhante serviço. Resposta: cinquenta piastras. Regeltámos indignadamente tal proposta desmesurada e dispunham-nos a afastar-nos, quando corre atrás de nós o segundo «chauffeur» da bicha,

que assistira à conversa, e se oferece para executar o mesmo serviço por vinte piastras, apenas! Escusado será revelar, que o negócio foi concluído instantaneamente, e sem prolongadas hesitações da nossa parte...

A vida cultural está igualmente bem desenvolvida. Teatros clássicos e satíricos não faltam. Cinemas há muitos, que geralmente apresentam fitas americanas e russas. A indústria cinematográfica da Palestina que, antes da guerra, chegou a produzir alguns filmes, por sinal bem interessantes e bem realizados, encontra-se completamente paralizada, em virtude da falta de matéria-prima.

Todas as redacções dos jornais diários e revistas hebraicas estão concentradas em Tel-Aviv, foco da vida cultural hebraica do país. Jornais imparciais ou independentes não há, visto cada um pertencer a determinado partido político. O preço dos jornais diários e das revistas é comparativamente elevado, pois um jornal custa 18 tostões em moeda portuguesa, e uma revista 3 a 5 escudos. Os jornais só aparecem contendo apenas quatro páginas, com um suplemento literário às sextas-feiras, por não se publicarem aos sábados, dia do descanso semanal. Existem também alguns vespertinos, em formato de uma só fôlha, e dois ou três matutinos também publicam uma edição da tarde no mesmo tamanho, que sai ao meio-dia. Calcule-se — o «Diário de Lisboa» a sair ao meio-dia! Bate o «Pipular» aos pontos... Enfim, cada país tem os seus usos e costumes diferentes. Cada partido, aqui, possui o seu próprio órgão. Os principais jornais diários, segundo a ordem da envergadura da sua tiragem e expansão, são:

«Davar» (A Palavra), dos trabalhistas; «Haboker» (A Manhã), dos conservadores; «Haaretz» (O País),

dos burgueses; «Hazman» (O Tempo), do centro; «Hatsofé», (O Vigia), dos ortodoxos; «Hamichmár» (O Guarda), dos socialistas radicais; e «Hamachkif», (O Observador), dos revisionistas, ou seja, da extrema direita. Em Jerusalém publica-se também o diário em língua inglesa «Palestine Post» que, apesar da redução do seu formato, originada pelas condições de guerra, pode ser considerado o jornal mais bem apresentado e informado do Médio-Oriente. Jornais propriamente ilustrados não existem. Os jornais e periódicos publicam, de vez em quando, alguns bonecos, mas isso acontece raramente, em virtude da falta de matérias-primas, especialmente de zinco, e para cada gravura que a redacção pretende mandar fabricar, carece duma autorização especial do Governo. A falta de papel também se faz sentir pesadamente na edição de livros e jornais. Existe uma comissão reguladora especial, que determina a quantidade de papel que cada jornal deve receber por mês, e também superintende na distribuição de papel para impressão de livros aos editores. Em Jerusalém aparece também uma espécie de «Mundo Gráfico» em hebraico, intitulado «Hagalgal» (A Roda), publicado pelo Ministério das Informações de Londres.

Dado o seu carácter político, os diversos jornais diários hebraicos traziam frequentes e veementes polémicas entre elles, imolestados pela Censura governamental, que só intervém quando se trata de assuntos militares ou políticos que digam respeito aos interesses britânicos.

Quanto ao objecto destas querelas e discussões inter-jornalísticas — isso já é outra questão, tocante na actual situação política da Palestina, que vamos abordar no próximo artigo.

S. SCHMULEVITZ



Os soldados ingleses estão alerta nos campos extensíssimos de toda a Síria. Na Palestina, porém, parece que, pelo menos por agora, os soldados se cingem a regular o tiro dos novos engenhos de guerra, sem preocupações de maior.



A vida pitoresca da Palestina revela-se, até, na variedade de tipos e de raças: lindas sircassianas, mulheres árabes e judias...



Carolina de Dachroden — Guilherme Humboldt

George Sand e Frederico Chopin

Matilde Wesendonk e Ricardo Wagner



Isabel Barrett e Roberto Browning

Joana Bismark e Bismark

Marie Curie e Pedro Curie

OS GRANDES AMOROSOS DO SÉCULO XIX

O amor é tão velho como a própria humanidade. E, no entanto, figuram-no de menino. É tão sério como a essência de uma doutrina, de uma religião. E, no entanto, figuram-no de travesso, a jogar com os corações... Ontem, hoje e sempre, os grandes amorosos são um símbolo de cada época. Há-os, naturalmente, que passam à história. Mas também os há anónimos e modestos que não aspiram sendo, precisamente, à ignorância do mundo. Por outro lado, diz-se que o casamento destrói o amor. As breves biografias que damos em seguida demonstram o contrário. Quando as almas são grandes, nobres, e pairam acima do terra-terra, o amor é um poema que o realismo não destrói. Adalberto Stifer, 29 anos depois do casamento, escrevia a sua mulher «Deste-me mais amor do que o que eu merecia... Amar-te-ei e respeitar-te-ei enquanto viver. E se é certo que podemos levar para o outro mundo aquilo que possuímos neste, eu te amarei e te festejarei, ainda no outro mundo...».

culo XIX. Foi um amor intenso, vibrante — mas não teve harmonia nem teve duração. Chopin era uma hiper-sensibilidade, uma delicadeza que tocava as cordas da doença. Como pôde apaixonar-se o grande compositor por George Sand, uma romancista de temperamento arrebatado e vontade independente — não cabe aqui explicá-lo. O amor que os uniu foi para Chopin um conforto e um auxílio. Mas George Sand era demasiado fogosa e enérgica para poder prender-se por muito tempo ao amor do seu terno namorado. Uma razão banal servia-lhe para romper

ligações com Chopin — um entrave à vontade da escritora. Ele, porém, não pôde suportar esta rutura e morreu pouco depois, deixando-nos uma obra quasi toda devida à sua desgraçada paixão.

MATILDE WESENDONK
e RICHARD WAGNER (1813-1883)

Conheceram-se em Zurich, em 1848. Ela — incarnação de todos os seus sonhos — era casada. Wagner também. Mas sua mulher — Minna Wagner — era um ser tímido e dizia-se que não compreendia a arte do marido. Matilde, pelo contrário, não era só bonita e graciosa: era também inteligente, cheia de fantasia transbordante de entusiasmo pela arte. O diário de Wagner dá-nos a conhecer quanto luto e sofreu para consentir na sua separação. De Viena, escrevia a Matilde: «Aqui acabarei *Tristão*, para todos e contra todos. E daqui que eu ensinarei ao mundo a nobre angústia do amor supremo, as lágrimas de alegria, a mais cheia de sofrimentos...»

Matilde ficou sendo a sua maior inspiradora e o amor que éle lhe votou ficou sendo o ponto culminante da sua obra musical.

ISABEL BARRETT-ROBERT
BROWNING (1812-1889)

O pai de Isabel era proprietário na Índia Ocidental. Por causa de uma queda de um cavalo, Isabel foi forçada a imobilidade, durante longos anos de renúncia à vida. Mas, um dia, ela conheceu o poeta inglês Robert Browning. Isabel tinha 40 anos de sofrimento e espiritualidade que a tornavam uma mulher superior. Melhorou. E, um dia, em segredo, vivendo ambos uma hora de ternura, casaram-se partindo para Itália. A sua união foi impregnada de alto idealismo e de um amor sem nuvens. Os sonetos portugueses de Isabel Barrett — o mundo conheceu Inês de Castro por seu intermédio — traduzidos por Rilke são hoje, ainda, da mais bela obra poética escrita por mulheres. Morreu com 53 anos — mas os 28 que Browning lhe sobreviveram foram votados, inteiramente, ao seu amor.

JOANA BISMARCK e BISMARCK
(1815-1898)

«Eu só a tenho a ela e a alegria de viver com ela, devo agradecer-lhe tudo quanto tem feito por mim, durante estes 48 anos. E a minha mulher que devo quanto sou.»

Este testemunho tão humano, tão profundo do grande homem de Es-

(Continua na pág. 24)

PEDRO PAULO RUBENS-HELENA
FOURMENT (1577-1640)

Rubens, o grande pintor flamengo que legou ao mundo tanta obra-prima, teve uma vida íntima rodeada de dedicações e ternura. Casado duas vezes — primeiro com Isabel Brandt — encontrou sempre amor à sua roda. Mas foi Helena Fourment quem lhe deu as melhores sugestões para os seus quadros, a maior quota de compreensão e de ternura. Foi ela, de resto, o seu melhor modelo, aquêle que mais vezes figura nos seus quadros — donde deve concluir-se que era ela, para Rubens, a verdadeira incarnação de toda a grandeza da alma feminina.

A reprodução que damos é de um quadro pertencente à antiga Pinacoteca de Munich.

CAROLINA DE DACHRODEN-
GUILHERME DE HUMBOLDT
(1787-1835)

Poucas vezes terão existido dois seres, sobre os quais a vida em comum tenha marcado influência tão profunda e ao mesmo tempo, tão diversa. «Eu até sou capaz de provar a mim próprio como, pouco a pouco, graças a ti, eu sou o que sou» — escreveu Guilherme Humboldt à sua mulher. O seu entendimento principiou no primeiro momento do seu primeiro encontro. Compreenderam que a vida lhes tinha sido dada para se amarem e, de facto, a sua união foi uma perpétua comunicação de espíritos e corações. As suas naturezas completavam-se — e o caminhar do tempo e das idades só fizeram que se apertassem mais os laços que os uniam. «Falias da velhice em termos tão belos, meu querido coração, que é preciso renunciar, sem desgosto, à juventude...»

GEORGE SAND-FREDERICO
CHOPIN (1810-1849)

Não há quem não conheça a história dos grandes amorosos do sé-



Helene Fourment e Paulo Rubens

NOTAS RÁPIDAS



Realizou-se, como se sabe, uma prova de resistência entre unidades militares do país. Campeonato Militar de Capacidade e Resistência de Rendimento de Marcha, assim lhe chamavam. E dele saiu vencedor o batalhão de Caçadores 7, que promoveu festas brilhantes para comemorar o facto e fazer entrega, aos vencedores, de uma imponente taça. Vemos, na foto, o sr. sub-secretário do Estado da Guerra, que deu o seu nome à competição, quando o sr. capitão Francisco Dias de Andrade Pissarra recebia a taça do prémio.



A F. N. A. T., de colaboração com a Emissora Nacional, realizou mais um serão cultural e recreativo. Desta vez, para os funcionários da Socony-Vacuum Oil Company. Nos lindos jardins desta Companhia, a festa foi presenciada por centenas de pessoas, entre as quais membros da família dos funcionários superiores e do escritório.



Ainda um segundo aspecto da mesma festa realizada pela Emissora Nacional e pela F. N. A. T., e destinada ao pessoal da Vacuum. Nos magníficos jardins, juntou-se uma pequena multidão que aplaudiu as mais queridas vedetas da nossa rádio.



O Secretariado da P. N. P., deu ao público a nota dos autores portugueses e estrangeiros premiados este ano, quando terminava o almoço presidido por António Ferro, no Círculo Eça de Queiroz — um patrono que, este ano, não favoreceu os nossos romancistas, pois nenhum foi premiado. Os vencedores foram Elaine Sanceau, que reside no Porto; Eduardo Couto Lupi, Cabral do Nascimento, Olavo de Aca Leal, J. S. Dias Ferrinho, José Augusto, na secção literária; Frederico George, Frederico Possaz e Martins Correia foram os triunfadores de escultura e pintura, não tendo sido dado o prémio «Gu Vicente» aos dois concorrentes de teatro.



O MELHOR
baton

RAPIDE
CREME DE BARBEAR

SEM PINCEL
E
SEM SABÃO

EM TERRA, NO MAR OU NO AR

USE

RALCO

LA CHAUX DE FONDS • SUISSE



MODELO Nº338.294 - ESC.450,00

MOSTRADOR LUMINOSO

RELOJOARIA
MAURY
RUA AUREA 202-LISBOA

Outros modelos desde 300\$00

O Livro do Momento
**A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA**

por RAFAEL MARÇAL
A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de
«VIDA MUNDIAL»



AJA
DENTAL
CREAM

A Pasta dentífrica AJA recomenda-se pela sua esmerada preparação e pelas suas propriedades antisépticas

NA CAPITAL DO RIBATEJO

TRIUNFARAM cavaleiros e espadas



Gregório Garcia, rematando um «quite»

MAIS uma organização Ginja em Santarém. Cartaz bem elaborado a que o público, incompreensivelmente, não correspondeu. Pouco mais de meia casa, mas mesmo assim, ambiente de animação e entusiasmo.

Os touros dos herdeiros de Paulino da Cunha, destinados à lide equestre, não deram boa lide, mostrando-se mansos e fugitivos, pelo que muitas vezes visitaram o «calejón». Não foram mais bravos os de Silva Vitorino destinados nos «espadas», mas, salvo o segundo de Leopoldo Ramos, tinham melhor estilo. Demasiado «terçados», não tinham o poder que seria para desejar. O de Andrade & irmão, gordo e bem armado, que saiu para o novel e valente novilheiro Diamantino Viseu, tinha muito que tourear, e porque chegou difícil à «muleta», «metendo-se» muito por um lado, o valoroso moço viu-se em dificuldades, resultando ser colhido por três vezes. Contudo, mesmo assim, Diamantino impressionou muito bem. Lanceou à «verónica» com uma suavidade fantástica, ergulda a figura, baixas as mãos denunciando um estilo bellissimo de toureiro de preço. Com as bandarilhas teve um par admirável, e na curta «faena» que executou, deixou esculpido três «naturais» com a esquerda que podem considerar-se à altura das «verónicas», que ficaram ao momento de maior beleza de toda a tarde. Diamantino não triunfou, mas forneceu detalhes que são mais que bastantes para que se creia nele e se espere que venha a ser um toureiro que marcará uma posição destacada pelo «temple» com que toureia.

Leopoldo Ramos foi a outra revelação da tarde. Depois de exhibições incaracterísticas, teve uma boa tarde, e a volta à praça que o público obrigou a dar, após a lide do seu pri-

meiro, foi merecidíssima. Lanceou de capote com muita valentia, em luzidas largas aforoladas de «rodillas» e depois num «galeo» com verdadeira beleza. Bandarilhou com «curtas», arrancando ovações por cada par que corria. Na «faena» que brindou ao consúl de Cuba e sua esposa, a ilustre cantora Sílvia Lastra, executou passes meritórios, exibindo um repertório variado e brilhante. O público tributou-lhe grande ovação. No outro toiro, o pior de todos, esteve valente com o capote, bandarilhou com a mesma facilidade, e na «faena» que nos brindou com palavras que muito nos sensibilizaram, fez quanto era possível com tão incerto inimigo.

Gregório Garcia teve uma grande tarde. Com o capote entusiasinou a assistência em lances bonitos e arrimados, bandarilhou colossalmente e executou duas «faenas» esplêndidas e adornadas, sobretudo a última, que lhe valeu prolongadas ovações com volta à arena e acabando por ser sacado em ombros. Gregório parece despertar da apatia com que se vinha exibindo, e isso é para nós motivo de júbilo, como também o foi o triunfo de Fernando Salgueiro, que toureou muito bem o sexto toiro, numa lide correctíssima e alegre, terminada com dois «curtos» magníficos. Que pena nos fazia que um cavaleiro com a sua figura e sensibilidade artística se deixasse confundir com a vulgaridade! Esta actuação brilhante pede confirmação: no entanto, ela marca já as possibilidades actuais do toureiro.

Casimiro toureou primorosamente o primeiro toiro, com aquêle colorido especial que só ele sabe dar. Teve ferros magníficos e um «curto» colossal. José está cimentando o seu lugar na vanguarda do toureiro nacional, onde se colocou na época passada para jamais o abandonar.

Na breca para os cavaleiros todos intervieram com acerto, mas é justo destacar Pedro Gorjão pela utilidade com que sempre manejou o capote, o que tornou justa a chamada especial que o público lhe fez. Auxiliando os «espadas», Dias e Carlos Moreira estiveram quasi sempre acertados.

Boa pega de Garrett e excepcional de Alemã, coroadas com delirantes palmas. Manuel dos Santos dirigiu, e muito bem.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



Gregório Garcia num «passe» com a direita e Diamantino Viseu toureando por «naturais» como os grandes toureiros.

O SEU A SEU DONO

Na nossa página de há duas semanas e na entrevista concedida por Arturo Alvarez, disse-se que o seu apoderado, Alfredo Ovelha, tinha representado o «matador» Silvério Perez, o que não é exacto. Quem aquêle aficcionado representou, foi o valoroso «Carnicerito de México» que deixou na «afición» portuguesa a melhor impressão.

Aqui fica a rectificação pedida por Ovelha, que nenhuma responsabilidade teve no lapso, para sossego dos que já estavam vendo no facto uma especulação por parte de quem seria incapaz de cometê-la.

SERÁ DESTA?

Quando há oito dias afirmávamos a nossa descrença quanto ao reatamento das relações tauromáquicas entre Espanha e México, estávamos longe de supor que o caso se encontrava em vias de solução. Ao cabo de oito anos, parece enfim que os toureiros mexicanos voltam a exhibir-se em Espanha.

Festejemos o facto, sem contudo deixar de anotar a projecção que pode ter na festa brava em Portugal, que, inesperadamente, deixa de usufruir as vantagens que lhe vinham da circunstância de ser teatro único das pejeias artísticas entre os toureiros das pátrias de Joselito e Gaona.

Uma escola de toureiro

EM todas as modalidades da arte, a escola ocupa um papel tão importante que os períodos brilhantes, como as épocas de decadência, correspondem quasi sempre ao número de escolas existentes, que assim se mostra proporcional ao aperfeiçoamento.

Sendo o toureiro uma arte que não dispensa o conhecimento de princípios técnicos, as escolas onde se ensina a tourear têm um valor absoluto, que se projecta no futuro da Festa Brava, não só pelos toureiros que possa fazer mas, ainda, pelos adeptos que recruta. Merece, pois, a simpatia dos aficcionados tudo o que nesse campo se faça, e se é certo que várias escolas tem havido em Portugal, uma há que pela sua antiguidade merece especial referência — a de Luciano Moreira. Com cerca de 30 anos de existência, está actualmente instalada no vasto quintal do palácio Rio-Maior, por amável cedência do seu proprietário, que assim dá uma prova mais da sua desmedida «afición».

Tivemos o prazer de visitar a referida escola, assistindo a uma lição tão bem conduzida que logo pudemos fazer idéia do valor dos alunos e do seu estado de adiantamento. Após a explicação prática de cada lance, todos os alunos o repetem sob a vista exigente do mestre, que não deixa escapar o menor erro de execução. Depois, com a toirinha, e duma forma já mais perto da realidade, os rapazes entram a bandarilhar com um toiro se tratasse, para de seguida lancearem de capa e «muleta» nas mesmas condições. A maneira como o ensino é ministrado e ainda a habilidade manifestada por alguns alunos — destacaremos o pequeno D. João Saldanha (Rio Maior) pela graça e intuição com que maneja a «muleta», Lauriano, muito à vontade em tudo, e Rogério Valgode, fino com as bandarilhas e a lancear o capote — autoriza-nos a afirmar que a Escola Luciano Moreira é-o de facto, e para prová-lo basta a circunstância de terem passado por ela alguns dos nossos melhores toureiros, como Alexandre Vieira, Agostinho Coelho, Carlos Moreira, Ivo Borba, Júlio Glória e tantos outros.

Trinta anos de ensino, num esforço desinteressado em prol da festa brava é alguma coisa. Para quando a consagração de que Luciano Moreira é créador?



CAPOTAZOS

SIMÃO DA VEIGA EM ESPANHA

Segundo telegrama chegado a Lisboa, Simão da Veiga conseguiu um novo triunfo na corrida do dia 2, em Barcelona, farpeando, bandarilhando e matando a estoque.

O mesmo telegrama refere-se ainda à inovação de tourear a cavalo com a muleta, como preparação para a estocada. Não compreendemos muito bem como isso seja possível mas de qualquer forma discordamos que se faça, em fatal prejuizo da beleza natural do toureiro a cavalo. Sabemos muito bem que se Simão da Veiga assim procedeu foi para agradar ao público; temos porém a certeza de que, dispondo daquele valor que o tornou o primeiro cavaleiro português, conquistaria qualquer público sem necessidade de lançar mão de tais artificios.

MAIS UMA PROVA

Pompeu Caldeira enviou ao Campo Pequeno uma corrida das que dão que fazer aos toureiros. Pois «Cabrita», o «diestro» da terra dos «toiros de seda» pôde com eles, exibindo um

toureiro vistoso, só possível à custa de muita valentia, calma e mando. O espanhol Juan Marti limitou-se a ver e

Belmonte não conseguiu acompanhar o mexicano em mais que um «quite» por excelentes «verónicas». O filho de «El Terramoto» não é, positivamente, um toureiro vulgar e por isso nos surpreendeu que não tivesse procurado ir mais longe, ante a arrogância de Carlos Vera.

...Efeitos da última corrida? Talvez...

COISAS QUE NÃO SE COMPREENDEM

Leopoldo Ramos, o bravo toureiro mexicano que está entre nós, contou-nos um caso curioso pelo que tem de paradoxal num espirito que ora se revela forte, ora influenciável.

Toureando no dia de Todos os Santos em «El Toreo», ao citar um toiro, um espectador grita-lhe do «tendido»:

— Cuidado, que nesse mesmo sitio é que um toiro matou Esteban Garcia! Leopoldo sorriu e para mostrar que isso o não atemorizava, «arrodillou-se» e fez dois colossais «cambios».

No entanto, pouco tempo depois, estando a vestir-se para uma corrida que ia tourear em Guadaluajara com «El Soldado», diz-lhe o cabeleireiro:— «Ficas tão bem penteado que nem que um toiro te colha se levantará um cabelo».

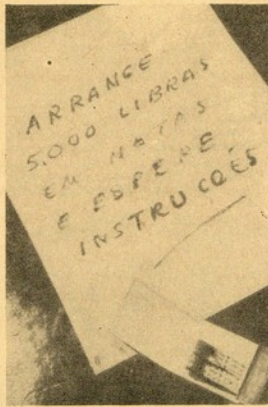
Esta simples graça impressionou-o por tal forma que ao primeiro capotazo foi colhido, recebendo uma cornada grave.

PROBLEMA N.º 7

O rapto do baby Mortimer

Continuamos a ter que rejeitar muitas e muitas deduções porque vêm incompletas ou imprecisas. Foi o que sucedeu com as respostas ao problema n.º 5, do qual damos hoje o quadro dos solucionistas. Muitos deles acertaram na causa da morte, mas enganaram-se ou não descobriram o pormenor das unhas. E isso era essencial para uma dedução boa e completa...

As respostas a este problema n.º 7 podem ser enviadas até ao dia 19 de Julho. Boa-sorte, senhores detectives... e senhoras detetives!



1 As oito horas da manhã, a criada dos quartos encontrou Evelyn, a ama do bebé da casa, amordaçada e amarrada, na sua cama. Ao lado, o bérço estava vazio. A polícia foi imediatamente avisada de que o filho único do milionário John Mortimer tinha sido raptado. Quando o inspector Frost chegou, Evelyn confessou então que acordara durante a noite e vira dois homens mascarados entrarem no quarto.

2 — «E depois que sucedeu?» — perguntou o inspector. Evelyn continuou: — «Enquanto um dos homens me ameaçava com um revólver, o outro atou-me e amordaçou-me. De seguida, tirou uma folha de papel que trazia na algibeira e escreveu umas palavras no papel. Colocaram esse papel em cima da mesa e levaram o bebé com eles. Saltaram pela janela. Eu quis gritar, mas não consegui...»
O inspector não disse nada. Limitou-se a ler o que estava no papel:

ARRANJE 5.000 LIBRAS EM NOTAS E ESPERE INSTRUÇÕES



3 Ele notou que o papel estava escrito com letras grandes e que os raptadores tinham usado luvas, pois não havia impressões digitais. Encontrou uma escada de corda, encostada à janela e, no solo, viu uma peúga do bebé...
Interrogada, a secretária do dono da casa, Lillian, afirmou: — «Dormi profundamente e por isso não ouvi nada». De repente, Frost abre a porta e encontra a criada dos quartos a escurar. — «Que fazias aqui?». A criada ficou corada: — «la passando...».

4 Uma hora depois, já o inspector Frost conseguiu deslindar o caso. Ele descobriu o fio de toda a meada. E assim, na companhia do pai Mortimer, dirigiu-se a Kew, onde prendeu um dos raptadores e salvou o bebé Mortimer.
Ironicamente, o inspector Frost disse ao bandido: — «Você foram muito esportos. Mas o teu cúmplice cometeu um erro grave!»
Pergunta-se: Quem foi o cúmplice? Que erro cometeu? Porquê?

(LEIA A SOLUÇÃO NO PRÓXIMO NÚMERO.)



Um assassínio descoberto por um cabelo...

A história policial considera a solução do misterioso crime Gouffée, pelo célebre detective da «Secrét» francesa, M. Garon que aqui apresentamos aos leitores, como a primeira identificação pelos cabelos.
De facto, apenas com esse caso, M. Garon colocou-se em evidência entre os detectives de todo o mundo.
Certo dia, a polícia parisiense encontrou nos arredores da cidade, o corpo dum homem em tal estado de decomposição que as autoridades não o conseguiram identificar. Então Garon pediu para se encarregar das investigações. Obtendo alguns cabelos do morto, Garon iniciou o seu trabalho. Fez com que se examinassem metódicamente os cabelos de todos os homens cujo desaparecimento fora comunicado à polícia.
Finalmente, ao cabo de bons esforços, encontrou um fio idêntico aos seus espécimes. O corpo foi identificado como o dum comerciante chamado Gouffée. O assassino foi preso, pouco depois.

HISTÓRIAS VERDADEIRAS

NO CHILE, A LOTARIA NACIONAL FEZ-SE AUXILIAR DA POLÍCIA...

ESTA história é absolutamente verdadeira e passou-se há bem pouco tempo, em Santiago do Chile.
Um belo dia, a polícia descobriu o cadáver dum rico negociante dos arredores. Todos os indícios revelavam morte violenta. Mas não havia qualquer sinal do criminoso...

Na altura de se fazer o balanço aos valores roubados, um dos filhos da vítima comunicou que desaparecera também um bilhete da lotaria, ofertado por ele a seu pai.

Imediatamente, o inspector encarregado das investigações teve uma idéia luminosa: no dia em que a sorte andou à roda — o número do bilhete roubado foi anunciado como o do primeiro prémio. Espalhou-se a notícia, pela imprensa e pela rádio, através de todo o país.

Pois daí a dias, apareceu um sujeito em Santiago do Chile a receber o prémio que lhe coubera. Mas a polícia estava a postos. Esperava por ele. E o sujeito já não conseguiu fugir da armadilha hábilmente preparada pelo inspector, com o valioso Concurso da Lotaria Nacional.

E — rezam as notícias — se o criminoso não recebeu a sorte grande... teve pelo menos a sorte de ter cama e comida, durante alguns anos, num certo presidio do Chile!

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6

ES a dedução dos polícias encarregados da investigação.
Ben Tracy descobriu, decerto, algumas provas de espionagem que o seu vizinho Anton Kuehn fazia por intermédio dos seus pombos correios.
Anton Kuehn desconfiou disso precisamente e servindo-se da ajuda de sua sobrinha Wanda, a quem Ben Tracy cortejava com assiduidade, atraíu-o ao seu pombal e matou-o. Depois do crime, porém, Kuehn cometeu o erro de meter penas de pombos entre os dedos de Tracy (Foto 1). Ora, se Tracy o tivesse querido matar utilizaria o revólver. E o revólver está caído, ao lado dele.

Por outro lado, se Tracy tentasse roubar os pombos, como afirmava Kuehn, forçosamente as extremidades das penas deveriam estar na palma da sua mão, e não entre os dedos...

Em vista da acusação que lhes foi feita, Kuehn e Wanda confessaram a cumplicidade no caso criminoso do pombal. Mas a pena maior caiu sobre Kuehn, perigoso espião, que premeditara longamente a morte de Ben Tracy...

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 5

- (1) A Curiosa Lili Maia (Figueira-da-Foz).
(1) Alberto de Oliveira (Lisboa).
(3) Amador X (Lisboa).
(2) Artur Varatojo (Lisboa).
(2) Charli-e-Chan (Coimbra).
(1) Elvira Castro (Ermezinde).
(4) Fernando Edgar Trigo (Ermezinde).
(4) Israel Ferreira (Lisboa).
(5) João Alberto Gouveia (Lisboa).
(2) José Machado Maranhães (Pórtio).
(4) Leiria Dias (Lisboa).
(3) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
(4) Manuel R. Morais (Lisboa).
(1) U. S. A. (Coimbra).
(4) Natércia Leite (Lisboa).
(2) Pedro Silvestre (Lisboa).
(3) Rapsag (Setúbal).
(2) Repórter X... (Lisboa).
(2) Simara (Lisboa).
(1) S. T. Marranhekos (Lisboa).

Os algarismos, entre parêntesis, que antecedem os nomes, indicam o número de vezes que eles têm figurado neste Quadro de Mérito, ou seja o número de problemas que solucionaram bem.

BELARMINO BARATA — Coimbra — Agradeço as suas boas palavras e escrever-lhe-ei brevemente.

NATÉRCIA LEITE — Lisboa — Perdõe. De facto, enganei-me mas a sua posição entre os solucionistas está já rectificada.

O FALCAO — Pórtio — Creio que a sua posição também já está rectificada.

ALFREDO LEAL FRANCO — Lisboa — Muito obrigado pelas suas amáveis palavras.

AUGUSTO MARTINS — Lisboa — A solução chegou a tempo. Mas veio errada...

REPORTER MISTÉRIO



GINA ESTEVES VAI PARA O BRASIL

enviado. Mas gosta muito de mim. E agora entusiasmou-se de tal maneira por ter uma afilhada cantora de rádio, que me escreveu a pedir que fosse passar uma temporada com ele, em S. Paulo.

— E a Gina?
Ela abre os olhos e os lábios em sorrisos abertos:

— Estou contentíssima... Acho que o meu padrinho é maravilhoso!

— E quando parte?
O sorriso enfraquece um pouquinho:

— Isso é que é o pior... Bem vê, a guerra dificulta muito a viagem... Mas logo que houver possibilidade, irei. Já tenho licença da família!

— Arriscamos uma nova pergunta: — E que pensa fazer lá?

Ela escancara os lábios bonitos numa gargalhada:

— Ver. Ver tudo o que possa... Dizem que o Brasil é extraordinário.

— E cantar?
Gina Esteves, a svedeta mais romântica da nossa rádio, como alguém já lhe chamou, abana a cabeça numa afirmação:

— Sim. Penso cantar na rádio brasileira. Cantarei, decerto, canções portuguesas. E elas servirão, talvez, para minguar as saudades...

FALA-SE DE CASAMENTO...

A conversa continua. Gina mostra-se verdadeiramente entusiasmada. Mas a certa altura, nós interrogamos à queima-roupa:

— Você vai casar em breve, não?
Ela semicerra os olhos:

— Não sei...
Teimamos, com ironia:

— E se casar... a viagem ficará adiada?

Gina Esteves faz um movimento enérgico:

— Nunca! Casada ou não... eu irei para o Brasil!

— Está assim tão decidida?
— Absolutamente! Passarei por cima de todos os obstáculos. Mas hei-de conhecer esse Brasil que é ainda um mistério para mim...

ELA QUERE UM CASACO DE PELES!

Depois, passamos a falar doutra coisa. Do Concurso da Emissora, onde Gina Esteves obteve um lugar honroso. E ela acentua:

— Tinha esperanças... Mas o Curado Ribeiro era um concorrente temível!

— E você, Gina, que faria se ganhasse o prémio?

Ela ri, francamente:

— Ora... Juntava esses dois contos a um dinheirinho que já tenho e comprava um casaco de peles para o próximo inverno!

O concurso foi na segunda-feira passada, e Gina não teve os dois contos.

Entretanto, a notícia sensacional aí está: Gina Esteves vai para o Brasil! Mais uma estrela que nos foge. E, infelizmente, elas são já tão poucas...

REPORTER DOIS

E STAS coisas sucedem assim mesmo. Quando se é repórter e se anda à caça de notícias sugestivas para os nossos leitores, surgem, por vezes, coincidências bem pitorescas. E, por vezes, também, as notícias vêm dar às mãos (ou aos ouvidos) do repórter como que por milagre ou por qualquer atracção melfistofélica.

E, senão, vejamos o que aconteceu neste caso...

Numa tarde destas fomos descontar um cheque ao Banco de Portugal (por favor, nada de invejas...). Enquanto aguardávamos o tempo necessário para que um de dois conversadores empregados nos viesse atender — ouvimos, por acaso, o fim do diálogo que ambos travavam entre si.

Um deles, mais gordo e mais baixo, dizia, com um ar espantado:

— Mas então sempre é verdade? A Gina vai para o Brasil... Isso é óptimo, óptimo, amigo Esteves!

E o empregado gordo e baixo repetiu o «óptimo» mais uma vez, carregando pretensiosamente no «p».

O outro que dava pelo nome de Esteves afastou-se, devagar, murmurando:

— Vou sentir a falta da Gina... o Brasil é tão longe!

Depois dele sair da secção, o empregado gordo e baixo veio atender-me e, após três quartos de hora de idas e vindas, de voltas e reviravoltas, de cochichos aqui e além, conseguí despachar-nos, em paz e sossego...

E só passados muitos minutos, quando nos deliciávamos com uma cerveja fresquinha na cervejaria... passou-nos de repente pelo cérebro em estranha associação de idéias, o final do diálogo travado entre os dois empregados bancários. E, sobretudo, dois nomes se fixaram no nosso espírito: a rapariga que ia para o Brasil chamava-se Gina; o pai da rapariga tinha o sobrenome de Esteves. Quasi que maquinalmente lembrámo-nos da Gina Esteves...

Telefonar, falar com ela e saber que tínhamos descoberto um assunto de reportagem — foi obra de poucos minutos...

UM PADRINHO MARAVILHOSO...

Gina explica-nos, em traços largos, a «pequena história»:

— O meu padrinho de baptismo foi há muito tempo para o Brasil. É o engenheiro Sousa Fretas e está em S. Paulo. Quando me deixou era eu pequena, muito pequenina. Ele só me conheceu através de fotos e de recortes de jornais que lhe tenho



CIDALIA MEIRELES

VENCEU O CONCURSO DE CANTADORES!

Cidália, uma das simpáticas irmãs Meireles, viu agora o seu esforço coroado com um prémio oficial. No Concurso de Cantadores — promovido pela Emissora — ela classificou-se merecidamente em 1.º lugar.

Nesta foto, estão Cidália Meireles, a feliz vencedora, e os outros três concorrentes, menos felizes do que ela...

Ele encontrou mais de 250 milhões de combinações de timbres, num órgão eléctrico...

CHAMA-SE Léon Chaulliac e adora a música de tal maneira, que **ele próprio** afirma: «Poderei viver sem cama, mas não poderei viver sem o meu piano».

Aos dezasseis anos foi para Paris e matriculou-se no Conservatório, nas classes de piano e de harmonia. Tinha de trabalhar, para pagar os estudos e a alimentação. Porém, aos poucos, o amor do ritmo, acabou por seduzi-lo completamente. Sobre tudo, ele delirava sempre que conseguia escutar as improvisações famosas dos grandes Eats Waller e Tetty Wilson.

Depois mais tarde o célebre órgão Hammond conquista-o. E não há muito tempo ele deu um recital de «jazz» musical na sala Gaveau, em Paris, que reuniu à sua volta um público numeroso e entusiasmado. E assim Léon Chaulliac transformou o órgão, esse velho órgão de origem religiosa, num outro órgão bem diferente, em que executa verdadeiro «jazz».

E hoje, mais entusiasmado do que nunca, Léon Chaulliac crê que ao

órgão eléctrico está reservado um futuro assombroso dentro da música. Basta dizer que, ultimamente, ele conseguiu encontrar mais de duzentos e cinquenta e três milhões de combinações de sons no seu órgão, o qual está seguro «apenas» pela quantia módica de um milhão...



Michkey Rooney e a rádio

O jovem Mickey é daqueles artistas privilegiados que se podem gabar de ter triunfado nas três artes: cinema, teatro e rádio.

Aqui o vemos em três sugestivos momentos da sua vida radiofónica: Mickey cantando juntamente com a popular Judy Garland num a emissão dedicada em especial aos feridos desta Grande Guerra...

Depois, aparece-nos o endabrado Mickey, muito convencido do seu papel de «jazz-bandista», interpretando uma composição da sua própria autoria.

E por último, uma foto vulgar no final de cada programa radiofónico em que Mickey Rooney toma parte: a caça do seu autógrafa por centenas e centenas de admiradores...

DO PASSADO

OS MIL VOLUMES DE MAGIA NEGRA DO MARQUÊS DE CERRALBO

DONDE OS FANTASMAS EMERGEM NUMA ENTREVISTA RETROSPECTIVA

CORRIDAS as portas da cabalística bibliotecária, acaso sem outra que se assemelhe no mundo, onde as estantes são de rutilante cristal e as encadernações das obras, processos e manuscritos que a constituem, sempre envernizadas, fuscam ouros, pratas, marfim, com o cheiro opáparo das ricas e senhoriais lambadas — o jovem marquês de Cerralbo assim falava a Juan de Sampelayo, erudito escritor e jornalista espanhol:

— Estas obras, consideradas no seu conjunto, foram de difícil compra e complexa conservação. Pela sua índole, a Inquisição perseguia-as severamente, destruindo todos os exemplares em todas as línguas. Permite-me, pois, disfrutar de uma quantidade de conhecimentos e mistérios só meus. A Sagrada Congregação do Index condenou-as, ano por ano; eis um motivo de regozijo para mim, bibliómano capaz de dar a volta ao mundo por uma só folha ou calendário. Numerar os meus tesouros, seria incomportável. Veja, por exemplo, a «Elementaria Mágica», de Pedro Albano; o «Flagelum Doemonum», de frei Hyeronimus de Mengus, e outras, publicações únicas dedicadas em punho e letra aos mais eminentes personagens.

O RITO DOS DEMÓNIOS

Acendeu um perfumado «havano» e prosseguiu o marquês: — Aqui tem, dedicada ao cardinal Gabriel Paleoto e ao provincial Fernando de Gonzaga, geral dos Franciscanos, mais tarde, o «Dicionário Infernal» e os livros rituais da Demoniologia. Desde os tempos remotos da Inteligência, houve sempre pessoas interessadas, cujo afan, riqueza

e ócios se dedicavam a formar bibliotecas esotéricas. O marechal de França, Gilles de Rais, queimado vivo aos trinta e seis anos de idade, no ano de 1440, era acusado de manter relações mágicas e de pactuar com o Demónio. Frei Lopo de Barrientos destruiu a arqui-famosa biblioteca de Henrique de Aragão, marquês de Vilhena. Desses livros se aproveitou aquele frade para as suas próprias obras. Também foi muito curiosa a biblioteca do anti-Papa Benedito XIII, a do príncipe de Galitzine, a do conde Ouvaroff, a do grande ocultista francês Stanislaw de Guata, vendida em Paris, no ano de 1899. O fundo da antiga biblioteca parisiense de L'Arsenal conserva, porém, um certo número de obras sobre Magia Negra, Alquimia, Cabala e Ocultismo, as quais representam um tesouro, pela raridade, perfeição e bom-senso intelectual. O Demónio tem tido, sempre, bons admiradores; e, em todos os séculos, os mais altos espíritos dedicaram a sua atenção às suas manifestações terrenas. Eu sou um simples colecionador cuja curiosidade nada sacia...

NÚMERO DAS CIÊNCIAS OCULTAS

— Quantas especialidades abarca isso a que chama ocultismo, marqués?

— Sob a denominação de Ciências Ocultas, o que, hoje em dia, o público procura, ainda desordenadamente, é um conjunto de noções elementares de antecipação e complementarismo inato. Veja, na minha Biblioteca, livros e papéis sôltos que versam a Alquimia, a Magia, a Cabala, as ciências experimentais da Adivinhação, a Astrologia, a inter-

pretação dos Sonhos, a Flisnomia, a Quiromancia, o Tarot, a Cartomancia, etc. Também há tratados de Fascinação e de Sortilégios, Oráculos e Profecias, Prodigios e Aparições, Vampiros e, ainda, Incubos e Subucos, Demoniologia e Exorcismos, Segredos e Medicina Mágica, Processos de Felicitaria e Bruxaria, Magnetismo, Pneumatologia Espírita, para terminarmos nas ciências metapsíquicas e na actual psico-análise. Sómente esta última e os seus derivados impressionaram mais as imaginações, batendo na tecla eterna do maravilhoso, que a noção de reatividade disseminada por Einstein, tão judeu como Freud.

— Como se efectua a catalogação dos livros de magia, meu caro Carralbo?

— É difícil catalogar as diferentes obras e livros. Como vê, os assuntos e personagens confundem-se ou dividem-se ao máximo. E, no entanto, sem jactância, devo adverti-lo ser a minha biblioteca das mais completas e arrumadas no género. Quanto a mim, conforme o critério de Th. de Cauzans, creio que se podem formar seis grandes grupos sistemáticos: um, magia própria; dois, obras históricas que descrevem os sucessos maravilhosos do passado; três, livros de magia polémicos, escritos para demonstrar ou negar a verdade dos sucessos extraordinários, como os «De Prestigijs Demoniacus»; quatro livros de direito e ciências jurídicas, incluindo os comentários das leis canónicas; quinto, os livros mágicos, científicos e médicos, nos quais se trata de explicar os fenómenos e doenças atribuídas a causas sobrenaturais, bem como os segredos e remédios. Neste grupo devem incluir-se as obras de Paracelso, de Bernardo Trevisano, de Andrea Cisalpino, de Ribera, etc. Sexto e último grupo de literatura esotérica: obras mais difíceis de classificar, por abrangerem muita diversidade de épocas, países, desenvolvimento literário dos autores, dos continuadores ou dos seus antepassados literários. Tudo muito simples e complicado, como vê.

OS CERRALBO, FEITICEIROS E MAGOS

— Quanto à sua biblioteca prodigiosa, quereria, Carralbo, contar-me a sua origem, fortuna e formação?

— Comecei aí por 1928. Serviram-me de base uns antigos livros de Exorcismos e Astrologia e de Filosofia Oculta. Descubri-os, abandonados, no histórico Palácio de San Boal, em Salamanca, e procediam da marquesa de Cerralbo D. Maria Luiza. Ela viveu no século XVIII. Devia dedicar-se muito a estas matérias, pois dela procede o raríssimo, completo, primitivo Tarot de Marselha. E do século XVI, estampado em gravuras de madeira e, segundo Maxwell, autor do tratado «Magia», único completo com os seus 78 Arcanos.

Outras pessoas da minha família, além daquela, se dedicaram ao ocultismo e à astrologia. No século XVII, há D. Joana de Aguilera, religiosa do convento de São Domingos del Real, em Madrid, processada pelo tribunal da Santa Inquisição por praticar artes de adivinhação e sortes. Mais tarde, no século XVIII, o marquês de Cerralbo, de Almarza e de Flores-Dávila, foi em Salamanca o protector e amigo do grande astrólogo e jurisperito Francisco Torres Villarroel. As obras deste pode o meu amigo consultá-las nesta minha Biblioteca.

Eu, por mim próprio, senti um crescente interesse por tais estudos e averiguações. Já por atavismo, já por uma predisposição inata pelo maravilhoso, pelo desconhecido e pelo mistério, e ainda por ter o desejo de aumentar o fundo inicial herdado dos meus avós, o certo é nunca haver deixado de empregar a



Ex-libris do marquês de Cerralbo

minha actividade nesse sentido. Aumente de Espanha vários anos, no estrangeiro prossegui a busca e compra dos volumes mais acreditados destas matérias. Incansável, porque quem corre por gosto... Não perdi a ocasião de meter o nariz nas livrarias, postos de venda, leilões famosos, outros obscuros. Desde que voltei, e em povoaçõeszinhas perdidas na provincia, destas que são totalmente ignoradas, tive a boa-sorte de comprar obras raríssimas. Aqui tem o «Tratado sobre os Demónios», de Baltazar Bekker, de 1694, cujos raros exemplares o autor então rubricou e que é obra muito perseguida e condenada.

— Conte-me alguma coisa de obras existentes aqui e procedentes de outras também célebres...

— Veja o curioso efeito destas seleções de ex-libris, etiquetas ou selos usados para autenticar a procedência. Que lindo é este conjunto. Aqui há livros da Biblioteca Real do Delfim de França; do Cardinal Imperial; da Biblioteca Centpontiana de Venesa; dos duques de Escalona, dos marqueses de Vilhena, e outras bibliotecas de demoniologia, do século XVIII; e, do nosso tempo, do arquiduque Ludwing Victor, do marquês de Tida, do conde Sepher. Enfim... nunca acabaria!

«ALGO, ASSIM, COMO FILHOS...»

— Mas... não tem preferência por este ou aquele?

— Gosto de todos! Há preferências, por marcarem um lugar ou uma época. Mas todos nasceram do meu gosto e para eles vivo como se fossem filhos, com diferentes características e gostos; porém... ao fim e ao cabo, todos filhos! Um ou outro exemplar me atraiu, devido ao especial carinho ou interesse amistoso da matéria tratada.

— Indique-me, então, uma dessas obras raras, capazes de aterrorizar um universo de leitores... — insistiu Sampelayo.

— Aqui tem... É uma obra notabilíssima... Raríssima... Arranca das origens da tipografia: o «Martelo das Bruxas», de Sprenger, fins do século XIV. Um dos livros que mais me inquietam, entre quantos possuo, pelo seu poder de encantadora sugestão, o raríssimo tratado sobre as pedras preciosas e as suas propriedades mágicas e secretas virtudes, intitulado «Speculum Lapidum». O seu autor, o físico Camilo Leonardo, imprimiu a estranha obra em Venesa, no ano de 1602, e ofereceu-a a César Bórgia. O autor recomendou a este Príncipe que guarde e tenha o livro entre as suas mais preciosas jóias. E, ainda, entre as suas mais belas e estimadas armas. A origem e bom estado do livro, faz-me supor ser este o exemplar que possuía e trouxe a Espanha César Bórgia, o qual o teria nas mãos máis antes de morrer violentamente na Navarra.

Por muitas razões e méritos, ainda lhe citaria muitos livros que também estimo preferentemente. Mas ante os poucos exemplares que acaba de ver, adquiriu, decerto, a certeza de que eu não sou mais que um entusiasta consagrado, em corpo e alma, ao estudo das ciências herméticas. O meu maior, posso dizer que único, prazer, consiste em coleccionar o que está para além da razão humana. Embora eu não tivesse nascido com a noção do ultra-terrestre, teria de qualquer destas sábias obras teria recendido a tendência adormecida há várias gerações na minha família.

CONSIGLIERI, SÁ PEREIRA



Lucrecia Bórgia, irmã de César Bórgia, célebre pela sua beleza e pelos crimes de que a acusam a lenda e a história, foi também protectora das letras e das artes.

Luta contra a fome

POUCOS sabem apreciar o valor de milhares de invenções e descobertas que, permitindo aliviar o preço de vários produtos essenciais ou fabricá-los em massa, generalizaram o uso e consumo desses produtos, democratizando de facto, ou em potência, o bem-estar da humanidade.

No capítulo da alimentação, a Ciência conseguiu desmentir as doutrinas do padre inglês Malthus, que em 1798, tendo na idéia a imensa fome da Europa, vaticinava grandes desgraças porque os produtos alimentares aumentavam por adição, ao passo que a humanidade se multiplicava rapidamente.

Entre 1730 e 1840, as invenções de Ransome, Wood e Mac Cormick permitiram usar instrumentos agrícolas duradouros e de grande rendimento.

Nesse mesmo ano de 1840, Gibbons imaginou um semeador mecânico que racionalizava a semeadura. Por sua vez, os trabalhos do químico alemão Liebig fundaram a química agrícola e conduziram à fabricação dos adubos necessários para acudir ao progressivo empobrecimento das terras.

Laues, em 1843, produziu os superfosfatos, e Wan't Hof indicou o caminho para fabricar adubos de potassa. Os esforços de Nernst e Haber, durante doze anos, acabam com a descoberta da captação do azoto do ar e sua transformação em adubos azotados vitais para a terra.

Além dos adubos e máquinas agrícolas de funções múltiplas, a ciência procurou e procura melhorar as espécies plantadas e as espécies animais, quer no que respeita ao seu crescimento e rendimento, quer no que respeita à resistência às doenças e a adaptações a terrenos e a climas.

Desde os trabalhos de Mendel e Baur muito se tem feito neste capítulo. Inúmeras doenças foram evitadas ou restringidas. Adaptaram-se espécies a terrenos e a climas outrora inhóspitos. E o uso de agentes físicos e químicos permitiu multiplicar o rendimento das terras, conseguindo, em certas espécies, fazer duas colheitas em vez de uma.

Desde que em 1820, H. W. Brandes traçou a primeira carta meteorológica e, em 1863, se publicaram, em França, os primeiros boletins diários, deu-se grande passo para a, aconselhando que uma colheita se faça mais cedo, pode salvar da fome milhões de homens. Além desta vitória, houve a vitória sobre a água, com a possibilidade de regular as chuvas com arborizações adequadas e com a construção de grandes barragens, tornadas possíveis pela descoberta do cimento, feita pelo pedreiro inglês Aspdin, em 1824.

Os processos para a conservação dos alimentos deram viabilidade à constituição de enormes stocks e ao seu transporte, a grandes distâncias. E os novos métodos de desidratação de muitos alimentos valiosos (leite, batatas, carne, frutos, etc.), reduzindo, sem prejuízo do seu valor alimentar e vitamínico, volumes muito pequenos, concorreu para tornar possível auxílios em quantidade e com economia de transportes, aos países em que paira uma ameaça de fome.

Quando a indústria do sabão prescindiu de gorduras animais e começou a fabricar sabão com resíduos de óleo de palma e de baleia, não só o sabão barateou e popularizou (grças, também, à substituição de potassa pela soda, nos sabões), como se prepararam quantidades enormes de gorduras animais necessárias à alimentação humana. Só em Paris, no século XVIII, gastavam-se milhares de quilos de gorduras e manteigas para as transformar em pomadas e sabões.

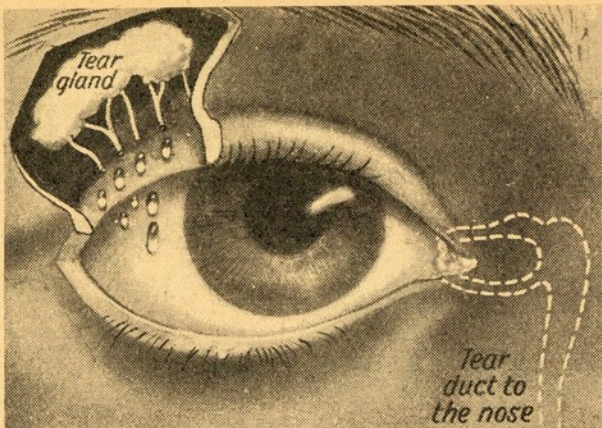
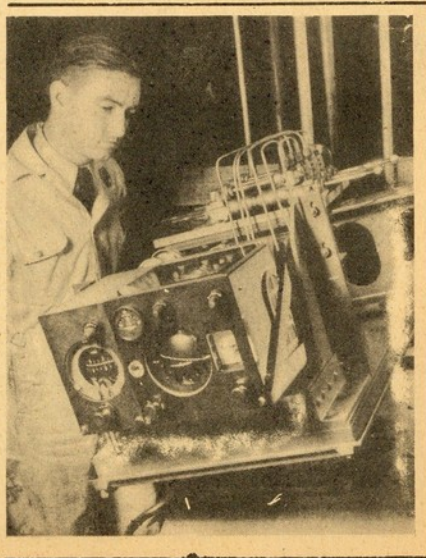
Por outro lado, o emprêgo de gomas químicas para a roupa impedia que, tal como em Paris, se lançassem aos esgotos, em cada ano, 10 milhões de ovos, em virtude de se aproveitarem a clara do ovo para goma.

«E que dizer do auxílio da ciência na luta contra a fome, se soubermos que ela permitiu popularizar o açúcar, extraindo-o não só da cana do açúcar, mas da beterraba, da madeira e do carvão? Que, substituindo certos produtos naturais por produtos sintéticos, liberta extensões enormes de terra, utilizáveis em plantações essenciais para a alimentação?

A eficácia da ciência na luta contra a fome está a ser verificada plenamente nas medidas adoptadas pelos países em guerra. E em tempos de paz, se se quiser aplicar e generalizar os métodos e as criações da ciência, não haverá lugar para um homem cujo pão de cada dia seja uma incerteza e uma angústia.

O GIROSCÓPIO

O giroscópio é um aparelho complicado e pesado, de importância vital nos navios e aviões. Nos aviões, são instalados aos pares, e representam o coração do piloto automático. O giroscópio permite voar em linha recta ou seguir um rumo predeterminado, com um rigor que ultrapassa o maior zelo de qualquer piloto humano. Essencialmente, o giroscópio não é mais do que uma roda. Girando a grande velocidade, revela-nos as duas características essenciais em que se baseiam as suas aplicações. A primeira é a tendência, estando a girar, a resistir a qualquer força pretendendo alterar-lhe o plano de rotação. Se há uma força suficiente para alterar a direcção da roda, surge a segunda característica — o baloiçar sobre o eixo dessa força.



COMO CHORAMOS?

AS lágrimas são fabricadas na glândula lacrimal, situada logo por cima do olho, conforme se vê na foto. Ao contrário do que se imagina, as lágrimas correm sempre, unedecendo a parte do olho em contacto com o ar, e favorecendo o deslissamento das pálpebras. Sem romantismos, as lágrimas são apenas água e cloreto de sódio (sal). Esta secreção contínua de lágrimas, é es-

coada para o nariz, por intermédio do canal lacrimal, em traçado na foto. Se a secreção é exagerada, por qualquer motivo, então as lágrimas não podem ser escoadas e choramos. Há casos anormais em que o choro é contínuo, ocasionando nas faces dois sulcos arroxeados e deformantes, o que obriga a intervenção cirúrgica.

PODEMOS PREVER OS TERRAMOTOS?

OS terramotos têm feito vítimas sem conto. Em 1930, um abalo numa região do Chile só deixou em pé seis casas numa cidade de 60.000 habitantes, e matou em toda a região 50.000 pessoas.

Ainda não foi possível prever, com garantias, os abalos sísmicos. Alguns investigadores procuram apoiar-se nas perturbações atmosféricas e outros sinais que por vezes antecedem estas catástrofes. No Japão, por exemplo, os lagos e as lagoas na vizinhança do vulcão Fudji-Yama vão perdendo a água até ficarem em seco, alguns meses antes do aparecimento de fortes abalos sísmicos. Com este sinal se pôde prever a catástrofe de Setembro de 1923 — mas é uma previsão que marca apenas uma vaga aproximação do abalo.

São várias as origens dos terramotos: de origem vulcânica ou causados por desabamentos de camadas subterráneas, e devidos a forças poderosas cuja intensidade é difícil de avaliar, e que actuam, ou a centenas de quilómetros de profundidade (terramotos plutónicos) ou na própria crosta terrestre (terramotos tectónicos). É preciso entrar em linha de conta com a atracção dos astros sobre a massa da terra. Parece que, em certos casos, esta atracção pode determinar abalos. Sabe-se hoje existirem emarés na massa sólida da terra, tal como os Oceanos, devido à atracção lunar. Estas marés podem ultrapassar a altura de 30 centímetros, mas são imperceptíveis aos nossos olhos, dadas as condições em que se efectuam.

Também existe a influência da atracção do sol nos terramotos; esta atracção pode atingir dois quintos da intensidade da atracção da lua.

Em face do conhecimento destas influências, tem-se procurado construir aparelhos tão sensíveis que meçam os deslissamentos ou inclinações do solo, observados muitas vezes r.os meses anteriores aos grandes terramotos.

LEITE DE ANIMAIS VIRGENS

NAS fêmeas, o leite só surge na altura em que é necessário para amamentar as crias. Contudo, experiências feitas na Inglaterra deram como resultado poder obter-se grandes quantidades de leite de jovens cabras virgens, o que representa uma considerável vantagem económica.

As pesquisas de cientistas, em muitos países, têm demonstrado que o desenvolvimento dos úberes e a produção do leite são controlados antes de mais nada por meio das hormonas de duas glândulas, os ovários e a glândula pituitária anterior situada na base do cérebro.

Obteve-se a produção de leite em animais virgens, utilizando substâncias sintéticas que produzem efeitos semelhantes aos causados pelas hormonas sexuais. Entre estas substâncias sintéticas, contam-se o diatilstilboestrol e o hexoestrol, descobertos pelo professor E. C. Dodds.

Estas recentes experiências feitas pelo Dr. Folley, demonstraram, também, que a qualidade do leite produzido pelas vacas é, até certo ponto, controlado pelas hormonas. Fortes doses de hormonas sexuais ou seus sucedâneos sintéticos suspendem a produção de leite. Doses mais fracas aumentam a concentração de gordura e outros sólidos no leite. Assim, a qualidade do leite pode ser melhorada pelo tratamento do animal com certas hormonas ou seus sucedâneos sintéticos.

Mas ainda não ficou bem decidido se as hormonas sexuais actuam directamente sobre o úbere ou se estimulam a glândula pituitária anterior, afim de produzirem outras hormonas que fazem desenvolver os úberes. O que se sabe é que a glândula pituitária é essencial para a produção do leite.

A agricultura e os Raios X

Afísica está a auxiliar o fisiologista vegetal e, portanto, também os agricultores, na procura de novas espécies. Utilizando os Raios X tem-se bombardeado semente, dando origem a modificações tais na sua estrutura íntima, que adquirem novas qualidades.

Os cultivadores de bolbos de Boung-Island, já adoptaram novas variedades de gladiolas e narcisos duplos, obtidos por exposição dos bolbos aos Raios X.

Um pesquisador da General Electric conseguiu obter laranjeiras re-

sistentes ao frio. E outros investigadores propõem-se obter variedades de sementes de trigo capazes de resistir a baixas temperaturas e à geada.

Apesar de tudo, está-se, apenas, num período inicial de brilhante experiência. Já se conseguiram muitas variedades caprichosas de vegetais, mas na sua maioria são destituídas de valor económico, embora sejam importantíssimas no estudo do processo de reprodução e variação das plantas.

Florbela Espanca

O senhor Visconde de Castêlões — nas letras portuguesas Alvaro de Castêlões — o poeta lírico de «Beijos e Rosas» e «Amorosa Canção», o tradutor brilhante e esclarecido colecionista de «O Soneto Neo Latino», o patriota vibrante do poema «Infante D. Henrique» — junta aos seus dotes de Artista, uma alma de eleição, uma sensibilidade de finíssimo quitate.

Ao brindar-me, há dias, o seu livro «Amorosa Canção» — oloroso roseiral dos seus românticos sonhos da mocidade longínqua e que reinou agora em feixe gracioso e enternecedor — falou-me com tristeza do abandono em que se encontra a campã rasa dumha das maiores poetisas portuguesas, ou antes dum dos maiores poetas portugueses de todos os tempos: Florbela Espanca.

E aventou a idéa linda dum gesto dignificante da espiritualidade feminina da nossa terra: promover urgentemente a transladação das cinzas luminosas e malaventuradas dessa grande poetisa, para capela de mármore, que ao senhor Visconde pertence e no qual existe lugar disponível. Ali repousariam dignamente, perto das de Soares de Passos, e do «Torturado de Seide», no abrigo modesto do cemitério da Lapa, desta cidade do Porto.

Prometi lançar á publicidade a idéa generosa e bela, sem curar da sua viabilidade, por não ignorar a trama em que se têm envolvido, para vergonha e humilhação das terras pátrias, as honras devidas á poetisa sublime da «Charneca em Flores».

Não é a primeira vez que a minha voz descolorida tem clamado contra a iniquidade usada para o Génio, na pretensão estulta de submetê-lo ás discretas e pautadas regras gerais, quando esse divino dom é excepção e goza as especiais prerogativas, em terras civilizadas.

A personalidade de Florbela Espanca fragmenta-se em duas partes distintas, inconfundíveis: — a mulher e a artista. A primeira, exactamente porque a segunda atingiu o grau supremo do talento, nem nos cativa, nem sequer nos deve interessar. Nada representa para nós. A segunda tem direito á consagração pública, ao tributo de particular veneração. Desagradáveis comentários mereceria, ás gerações actuais, ás vindouras, a nossa indiferença. A sua obra admirável, ora de íntimas violências e de alucinações fôgosas, ora de fragilidades delicadíssimas e de tranqüilas singelzas, revela energias criadoras, profundidade espiritual, clareza de pensamento e delicadíssima emoção que só os reimpagos geniais irradiam.

As almas cristãs que se confrangem no recto de ver erecto um monumento á poetisa eminente Florbela Espanca, porque a mulher não foi Vitória Coiona, lamentavelmente esquecem as lições salutaras do Evangelho, as palavras conminativas de Jesus aos lapidadores.

Se fôsse necessário exigir fôlha corrida aos homenageados, por seus talentos insignes, por suas descobertas maravilhosas, por seus feitos levantados, por seus dotes preciosos, creio bem que o mundo se veria obrigado a apagar dos seus pedestais gloriosos a maioria dos heróis.

Examinadas as suas vidas íntimas com lupas investigadoras, só permaneceriam integralmente puros Jesus e a Virgem-Mãe. Tão imperfeito é o humano, por seu próprio abstracto, que nem sequer pôde estabelecer ainda, mesmo nos centros mais avançados da civilização, doutrinas justas, infringíveis, de moral unitária, conceitos indiscutíveis de caritativa equanimidade.

A verdade é que são inadmissíveis dois critérios, perante os comprehensivos deveres, com a memória de Florbela Espanca — vulto singular de artista do verso — que o seu talento prodigioso elevou a estrêla fulgurante, no céu de Portugal, e é desvanecimento e orgulho de todos nós.

A vida íntima das mulheres superiores, embora inexcedível em virtudes, é somente grinalda de rosas a enflorar-lhe o valor. Mas nada acrescenta á essência do seu génio.

Em Florbela Espanca — tal como na França sucedeu com Georges Sand e como aconteceu e acontece com os maiores da poesia lusitana — é sempre invulneravelmente immaculado, e deslumbrante como o sol, o que no seu cérebro, na sua emotividade privilegiada, existiu e existe de emanção divina e, por isso, incorruptível e imortal.

Os seus versos frementes de vida, trémulos cristalinos em que palpitam as gamas psicromas das paixões, línguas chamejantes de abrasada inspiração, vãos rasgados de sidéria graça, constituem opulenta, inalienável herança que obriga quem se nobilita com o título de português a prestar a Florbela Espanca as rendidas homenagens da mais comovida gratidão.

EMILIA DE SOUSA COSTA



O sr. dr. José Maria Henriques — o último sobrevivente do curso jurídico de 1873 e o advogado mais idoso de Portugal — foi, durante dois dias, o alvo da Imprensa: fiel a um compromisso, evocou na igreja de S. Domingos a memória dos companheiros falecidos. Aqui o vemos, á saída daquêle templo, rodeado de amigos e da família: o passado e o presente de mãos dadas, dois tempos do compasso da vida...

FALA-SE ESTA SEMANA

DOIS ANIVERSÁRIOS



A 9 de Julho de 1926, o sr. general Carmona tomava posse do alto cargo de Presidente do Conselho, com prerogativas de Chefe de Estado. A 5 de Julho de 1932, o sr. Dr. Oliveira Salazar subia a Chefe do Governo, por seu mérito pessoal e vontade da nação. As duas datas foram igualmente recordadas na Imprensa e, embora não tivesse havido cerimónias especiais, o facto não passou despercebido nos meios oficiais, que apresentaram ás duas altas dignidades os seus cumprimentos.

DR. SAMUEL MAIA



«Breviário de Medicina Previdente» — eis o título que o Dr. Samuel Maia, médico sábio e escritor ilustre, deu ao seu último livro.

Como o título indica, trata-se de um trabalho sobre medicina — e bem se pode dizer que cada um de nós não deve menosprezar nem deixar de ouvir o conselho do autor de tantos outros magníficos livros de divulgação, para uma vida mais sã. Em «Breviário de Medicina Preventiva», todos os casos de doença foram previstos, divulgados e aconselhados. Por isso este livro, editado pela Bertrand, vai com certeza receber justa consagração.

INTÓNIO BOTTO



Não precisa de adjectivos o autor das «Canções», de «Os Contos» e de tantos outros livros do mais expressivo e representativo momento poético que

vivemos. Quando escreve um verso, António Botto é tão igual a si mesmo, como quando escreve contos ou crónicas. Neste livro, porém — que é «O livro do povo» — António Botto é cem por cento o auscultador das almas simples, mesmo das almas das coisas, onde não falta uma vida animada sobre a qual se debruça o poeta requintado. Há tanta simplicidade, tanta coisa bela e espontânea nos seus versos, que bem se pode dizer que a última obra de António Botto — é a sua primeira obra.

OLDEMIRO CÉSAR



Os Açores e a Madeira surgem-nos inesperadamente, nas páginas de Oldemiro César, com a mesma graça e beleza surpreendentes que hão-de ter aqueles que pela primeira vez a elas aportaram. Este livro — «Terras de Maravilha» — que entra agora na segunda edição, é um dos melhores estu-

Readaptação ao trabalho

NÃO estamos absolutamente isentos, nem de culpa, nem de desculpa, pois a verdade é que no país já existem alguns propósitos e mesmo alguns estudos, para obter isso que lá fora é já coisa assentíssima: o trabalho dos readaptados, o aproveitamento daqueles que sofreram um desastre e ficaram impossibilitados de continuar no seu mister.

Sem dúvida, não nos falta a lei que proteja os inválidos, não nos falta, mesmo, a acção a prestigiar a lei, corporizada em pensões ou em mesadas, conforme a desvalorização sofrida pelos sinistrados. A verdade, porém, é que não chega o que está a fazer-se — nem mesmo contando-se com o que já existe de positivo nas escolas onde se tenta e consegue a readaptação, como por exemplo na Casa Pia. Precisamos de pensar a sério, porque se trata de um problema de verdadeiro significado social e humano — em criar escolas de readaptação ao trabalho. O homem que perde um braço ou uma perna em desastre pode não ser um inválido. Esta palavra, de resto, tende a desaparecer do seu sentido deprimente, como sinónimo de incapacidade. Cada vez mais, o homem cuida do semelhante. A incapacidade deixará de existir, quando se souber encontrar, em cada indivíduo, o seu verdadeiro «emploi», o seu verdadeiro clima psicológico, aplicado á função de produzir trabalho útil. Nesse ponto, a investigação científica bem se pode dizer que tem conseguido examinar multitudes para a alegria no desempenho de funções. Os institutos de orientação profissional são já uma realidade — e outro tanto se pode dizer das escolas da readaptação que existem lá fora. Na Espanha, por exemplo, existem já magníficas escolas nesse sentido e entre nós a sua falta justifica plenamente o apêlo que daqui fazemos: as vítimas de sinistros devem ser uma força a aproveitar. Os estropiados também têm muitas vezes encargos de família, problemas angustiosos a resolver com dinheiro que não possuem. Ora, aqueles que sofrem de desobrigação total ou parcial, podem readaptar-se ao trabalho, desde que por processos científicos lhes ensinemos outra arte ou outro ofício. O cego pode vir a ser carpinteiro, o coxo sapateiro, o surdo um alfaiate. O que não pode nem deve, para bom nome de qualquer nação civilizada, é formar legião, criar miséria, dificuldades, desespero e estorvo no lar onde era, muita vez, esteio forte.

dos que nos deu Oldemiro César, um jornalista probo e um escritor consciencioso que todos apreciam e estimam.

Através das duzentas páginas deste livro, a sensibilidade do seu autor — e o que é muito, todá o seu poder descritivo, tódá a graça imponderável da natureza em terras da Madeira e dos Açores.

A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE

Pascoal Magno

diplomata, romancista e autor teatral...

avião da British Overseas deu um último estrebuchado sobre o terreno macio e os passageiros, pouco depois, precipitavam-se pela portinhola do aparelho. Para lá, no quadrilátero, ninguém passa: é expressamente proibido. A pista é para os passageiros, funcionários, polícias. Mas, do lado de cá, há já uns pares de braços ansiosos que aguardam aquê passageiro número...

— Viajo incógnito! Não vê que trago óculos prêtos?

E o Dr. Pascoal Carlos Magno fuge às objectivas e aos olhos dos jornalistas:

— Não, acreditem, é porque estou doente. Os óculos protegem-me da luz esplendorosa de Portugal! Que tal?

Sem óculos, o secretário da embaixada do Brasil em Londres é ainda mais simpático. Mas a nós não interessa agora nem a simpatia nem a pessoa diplomática que o Dr. Magno representa: Um diplomata em férlas ou em funções é sempre uma cacamba cujas ressonâncias de voz adquirem expressão misteriosa.

— Que vem fazer a Portugal?

— Meu bem, estou de passagem para o Brasil. Segrêdo, por um lado, pois vou chamado pelo Governô a quem prestarei certas informações. Oh! eu, de menino, sempre adorei ser correio diplomático — e aqui estou!

— E mais? Por outro lado, que vai fazer?

— Ah! sim, vou ao Brasil colher elementos de arte, ciência, literatura, discursos, cinema, tudo que possa interessar à cultura inglesa, a respeito do meu país. Com esses elementos escreverei «Convite ao Brasil», e que será publicado em 6 idiomas. Quanto a Portugal e à sua cultura, que muito estimo, dir-lhe-ei que «Studio», de certo a maior revista de arte que se publica em Inglaterra, vai dedicar, por sugestão e orientação minhas, um número que lhe é dedicado. Todos os valores plásticos portugueses ali ficarão representados e, para isso, conto com a colaboração de Almada Negreiros.

Há nas palavras do Dr. Pascoal Magno, filho de italianos e nascido no Brasil, uma generosa, uma aberta alma de «enfant» que revive um brinquedo de menino: o idioma...

— Há quatro anos que quasi não falo português. Os parentes vão fazer uma troça certa. Veja um recém-chegado de Londres fazendo frente a vinte parentes, à roda de uma mesa... Já aqui me disseram que eu conto as palavras como os ingleses.

— Saudades da pátria?

— Puderá! Mas aqui começo a reencontrá-la. Até já comi bananas, uma coisa que em Londres não se vê há anos...

— E Londres?

— Grande cidade! Grande povo o

sol. Sinto que sou mais dignamente humano, por ter vivido com eles a tragédia desta guerra... Londres vive ainda no «black-out»... a luz de Lisboa estonteia-me. Mas o «black-out» de Londres é só nas ruas. No domínio espiritual, vive-se em plena luz. Até se ouvem compositores alemães nos grandes concertos... Magnânimo, liberal espírito, o inglês. Sabe o que eles fizeram? Na Inglaterra, entre 80.000 prisioneiros italianos, havia 25 mil que não sabiam ler. Pois foram buscar outros prisioneiros letrados e puseram-nos a ensinar os analfabetos. Hoje, há mais 25 mil italianos que sabem ler e escrever...

Há gente à nossa roda. Gente que solicita palavras e opiniões do Dr. Pascoal Magno. Mas nós sabemos com quem falamos. Queremos que nos recorde a fundação da «Casa do Estudante» que, em 16 de Agosto, será inaugurada oficialmente. Sabe mos que a «Casa do Estudante», no Rio de Janeiro, deve tudo ao Dr. Pascoal Magno mas êle escusa-se na sua modéstia:

— A obra é de todos, bem deve compreender, embora de facto eu tenha trabalhado desde o seu início, para a realização de uma obra que considero indispensável em qualquer país. Dizem-me que em Portugal já existem alguns alvites no sentido de criar uma casa idêntica. Oxalá essa idéia vá para diante. Posso garantir-lhe que o exemplo do Brasil tem dado os melhores frutos, tanto no meu país, como fora, pois não falta quem lhe siga as pégadas no estrangeiro...

— Qual a verdadeira função dessa casa?

— Dar um lar a cada estudante, geralmente afastado, pela força das circunstâncias, da casa paterna. Na Casa que vai ser inaugurada brevemente, cabem 800 quartos e 30.000 refeições diárias, grátis, serão distribuídas pelos estudantes que as requerem. As instalações ficam na bela esplanada onde se erguia o Mórro do Castelo, num edificio de 14 andares. Posso dizer-lhe que a administração da Casa do Estudante dispõe hoje de milhares e milhares de contos...

Como estamos diante de um escritor americano de espírito europeu, ou que escreve para europeus, romances como esse «Sol sobre as palmeiras», editado em inglês e já traduzido em 14 línguas — queremos falar-lhe de literatura, mas desta vez teatral, pois escreve para o teatro o Dr. Pascoal Magno.

— Dentro de dias, estreia-se em Londres a minha peça: «Amanhã será diferente...» escrita em inglês para os ingleses. O teatro apixona-me, sabe? E sinto-me satisfeito, porque pela primeira vez é apresentada em Londres, com foros de «première», uma peça que não é escrita por um inglês.

— E no Brasil?

— O teatro interessa-me tanto, que fundei no Rio o Teatro do Estudante. Em 1937, representava-se no Municipal, pela primeira vez, «Romeu e Julieta», traduzido por um português, e com uma figuração de 400 pessoas. Esse grupo de rapazes adquiriu já um grande prestígio e prestou uma

(Continua na pág. 24)

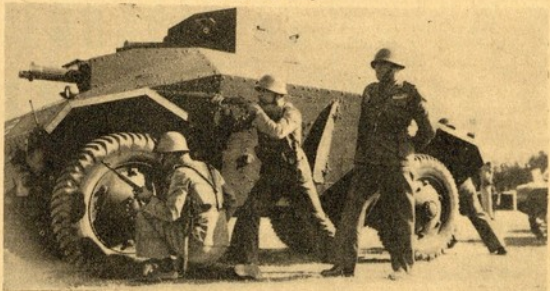
NOTAS RÁPIDAS



Há dias, o sr. ministro das Colónias visitou a Casa dos Estudantes de Angola, onde era agudado pelo sr. Prof. Dr. Marcelo Caetano, presidente de honra daquele organismo, e por todos os seus elementos directivos. Os discursos que então se trocaram são o melhor índice do entusiasmo e identidade de pontos de vista entre a mocidade escolar que acredita num Portugal maior e melhor pelos feitos.



Seguiu há dias de avião para Londres o dr. Francis Boten, que dirigiu até agora os serviços de imprensa da Legação da Bélgica em Lisboa. Este ilustre jornalista — que se vê na foto conversando com o nosso director — foi chamado pelo Governô do seu país para desempenhar funções nos serviços administrativos do exercito que há-de desembarcar na Bélgica.



A Polícia de Lisboa fez, como costuma fazer, periodicamente, exercicios no campo do Jockey Clube. Contra as revoluções nas ruas, contra o «inimigo interno» — eis o tema dos exercicios que puseram à prova a excelência do material e do adreitamento do pessoal.



No Coliseu dos Recreios, efectuou-se um sarau comemorativo do 164.º aniversário da Casa Pia de Lisboa. A festa, muito expressiva pelo alto significado moral e social que a própria obra encerra, foi presidida pelo Chefe de Estado. Vemos na foto o sr. dr. Pedro Tavares, provedor da Casa Pia, quando proferia o seu discurso.



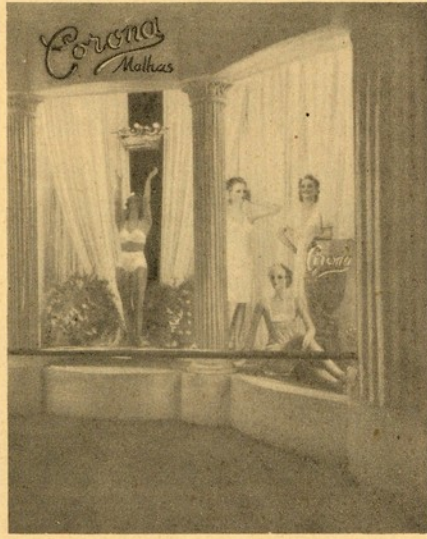


Dois aspectos
do "STAND"
das afamadas
malhas de seda

"CORONA"

As que confe-
rem a elegância
às senhoras de
bom gosto

V
I
S
I
T
E
M



OS MELHORES "STANDS"
DA FEIRA POPULAR



"STAND"
NESTLÉ

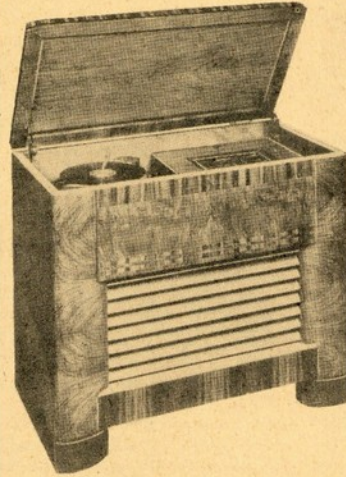
O sucesso dos
produtos refri-
gerantes e nu-
tritivos

NESCAO

RADIO-GRAMOFONES

A última maravilha

"His Master's Voice"



Rádio-receptor
para ondas médias
e curtas com des-
dobramento de
banda

Reprodução
automática de 8
discos grandes
e pequenos

O instrumento
da mais alta classe



Peça uma demonstração nos:
Est. Valentim de Carvalho
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Senhor: não se aponta...



...um único defeito ao

CASULO Limpa-Fatos

produto realmente maravilhoso.

Esta síntese feliz de 6 substâncias químicas, EMBORA CUSTE APENAS 2800, suprime radicalmente LUSTRO, NÓDOAS, MAU CHEIRO e torna os fatos como novos e mais duráveis.

Em todas as dro-
garias
Revenda:
SCHROETER
& ALMEIDA
Rua da Madalena,
128, 2.ª — LISBOA



BRILHANTINA FLUIDA
"MONTEGIL"

LUSTRANTE E ONDULANTE

Superior às melhores
A VENDA NAS BOAS CASAS



LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL



É alto moreno, simpático... As leitoras estão mesmo a ver de quem se trata. Bois é mesmo de Virgílio Teixeira, esse madeirense que, de um momento para o outro, trepou à categoria de galã n.º 1 do cinema nacional.

O reporter ansiava encontrá-lo, para saber certas coisas que por aí constavam. Dizia-se, à boca cheia, que Virgílio Teixeira ia abandonar o cinema, que recebera duas propostas vantajosas para ingressar no teatro e que, em resumo, trocara uma arte pela outra, mas definitiva, irrevogavelmente. Ha via até — isto de quem conta sempre mete jeito de sua lavra — que Virgílio Teixeira partira para a Madeira por causa deste mesmo assunto e que só regressaria em Setembro ou Outubro, para fazer parte da companhia do Nacional.

Virgílio Teixeira, na verdade, esteve há poucos dias na Madeira, mas regressou antes, muito antes do que as bocas cheias enumravam. Entretanto, iria para o teatro?

O «Palladium» tem fama e proveito de ser o café dos cineastas e congêneres. Mas o reporter não o encontrou lá, por mais que o procurasse. Se o

VIRGILIO TEIXEIRA

tem medo de ir para o teatro...

quis ver teve de ir de longada até ao Lumiar, aos estúdios da Lisboa Filmes, o que, parece que não, representa valente estopada.

O facto do reporter saber que Virgílio Teixeira se encontrava na Lisboa Filmes não punha por terra a hipótese do seu abandono do cinema, porque as bocas cheias também diziam que êle faria ainda mais um filme — o último.

O porteiro, à entrada do estúdio, estava de mau humor. O reporter teve de mostrar papéis e credenciais e cartões para que, finalmente, lhe franqueassem a entrada.

Pfu! Depois, mais adiante, surgiu ainda outro porteiro, um tanto gordo, mas de bom humor, e o reporter foi conduzido por um corredor que parecia nunca mais ter fim.

— Demora um bocadinho — disse êle — Está no ensaio.

O reporter procurou um fôfo «maple» e instalou-se. Já a tarde caía, ouviram-se passos no corredor, que se aproximavam, e o Virgílio Teixeira — êle mesmo! — apareceu, de mão estendida, diante do reporter.

Êle sentou-se. O reporter ficou de pé, que já lhe doíam as pernas de estar sentado. E fez a primeira pergunta:

— Sempre é verdade que recebeu um convite para ir para o teatro?

Virgílio Teixeira cruzou a perna, acendeu um cigarro. Via-se que não tinha nenhuma vontade de falar.

— Recebi — respondeu com uma voz um tanto massuda.

— Como? Quando? Quem o convidou? Para que teatro?

O fumo partia, cinzento, da ponta do seu cigarro. Virgílio Teixeira começou a falar. De facto, as bocas cheias tinham razão... mas apenas em parte... Houve um convite. Melhor, dois convites. O primeiro feito por José Gamboa, o segundo pela Amélia Rey Colaço, para o Teatro Nacional.

— Aceitou?

Êle demorou um nadinha antes de responder.

— Não...

A resposta surpreende o reporter. Virgílio Teixeira poderia fazer teatro e cinema, simultaneamente.

— Porque não aceitou?

— Porque tenho medo.

O reporter ficou desconcertado. A sinceridade e a espontaneidade de Virgílio Teixeira não são vulgares no nosso meio.

— Tenho medo, sim. Nunca me perdoaria ir para o teatro e andar mal. E o teatro é coisa muito séria e muito difficil.

— Mas não gostava de tentar?

Fica indeciso por instantes.

— Sabe? — responde, por fim — o teatro e o cinema são tècnicamente muito diferentes, mesmo para um artista. Tenho um grande receio do ridiculo e não me atrevo a experimentar o teatro.

— Mas não teve medo do cinema?

— pergunta o reporter.

— Não! Talvez, quando me estreei, não tivesse bem a noção das responsabilidades. Convidaram-me e aceitei imediatamente, sem o menor temor.

Tem um sorriso e conclue:

— Mas agora tenho medo, veja lá.

Virgílio Teixeira será o «galã» do novo filme *Um homem às direitas*, com Barreto Poeira e Julieta Castelo.

— Projectos para depois? — pergunta o reporter.

— Entrarei no filme «*Noiva do Brasil*», de Santos Mendes — e por agora não sei mais nada.

A porta abre-se de repente e aparece o Constantino Esteves, em mangas de camisa, suado, cansado. Assim que dá de olhos com Virgílio Teixeira, exclama:

— E você aqui e eu à sua procura! Está tudo à espera para o ensaio!

E pega-lhe num braço e arrasta-o corredor fora.

O reporter fica sôzinho. No cinzeiro, arde lentamente o cigarro de Virgílio Teixeira, o galã do nosso cinema que tem medo de entrar para o teatro...

REPORTER UM



TEATRO

Um homem três vezes artista

A natureza capricha, às vezes, em dotar um individuo de extraordinárias qualidades artísticas, e temos um Miguel Angelo, um Beethoven, um Cervantes. Raramente, porém, a natureza concede a um mesmo individuo mais do que um dote. E pintor, é músico, é escritor, é escultor — e será isso e apenas isso. E, devemos concordar, já é ser qualquer coisa.

Estas fotos põem-nos diante de Heinrich Georg. É possível que o público português não esteja muito familiarizado com este nome, mas lembra-se, certamente, da sua máscara tão expressiva por o ter visto em filmes, e ainda não há muito tempo, no cinema Glnásio.

Heinrich Georg é um destes homens excepcionais que, ao mesmo tempo, consegue ser mestre em três funções artísticas: teatro, cinema e rádio.

Novo ainda, quarenta e poucos anos, é, hoje, o intendente do teatro Schiller, de Berlim, e um dos maiores dramaturgos de toda a Europa. No cinema, o seu nome foi considerado como o melhor artista europeu. Na rádio, a voz de Heinrich Georg corre mundo, prende e fascina, quer na interpretação de peças radiofónicas, quer em pequenos diálogos e recitativos.

O seu tempo está inteiramente cronometrado. Tem horas para tudo — um horário para cada manifestação do seu temperamento artistico. Mas os momentos livres, como vemos, destina-os Heinrich Georg ao seu filho, substituindo, com carinho, Berta Drews, artista de cinema que, nesse momento, se encontrava a trabalhar nos estúdios.



BLASCO IBAÑEZ

A VOLTA AO MUNDO

Com a publicação do 3.º e último volume desta obra, à qual o público e a critica literaria dispensaram o melhor acolhimento, completa-se o roteiro duma viagem extraordinária à volta do mundo que durou seis meses. A tradução cuidada e escrupulosamente revista, é do falecido dr. AGOSTINHO FORTES.

Obra completa com 3 vols. contendo 1.128 págs. 60\$00.

A venda em todas as livrarias e na casa editora — Livraria Peninsular — Rua da Boavista, 57-59 — Lisboa. Telefone n.º 6 1369.

DA GUERRA

A INESPERADA SUBSTITUIÇÃO DE VON RUNDSTEDT POR VON KLUGE



O marechal de campo von Kluge que substituiu no seu posto de comando o marechal de campo von Rundstedt.

No dia 6 de Julho — precisamente um mês depois do início da ruptura da Muralha Atlântica — e dos desembarques anglo-americanos na Europa — o Alto Comando Alemão anunciou em comunicado oficial, a todos os títulos sensacional, que o marechal von Rundstedt fôra afastado do comando da Wehrmacht na frente ocidental e substituído pelo seu camarada Gunter von Kluge.

É, o enunciado completo do comunicado da «D. N. B.» pormenorizava: «O marechal de campo von Kluge assumiu o supremo comando da frente ocidental em substituição do marechal von Rundstedt, que, por motivos de saúde, se encontra impossibilitado de continuar a exercer as suas funções. Numa carta muito cordeal, o Führer exprimiu os seus agradecimentos ao marechal de campo von Rundstedt, que sempre se distinguiu nas mais difíceis situações, e reafirmou a sua intenção de tornar a empregar os seus serviços em outras missões especiais».

Eis, portanto, uma medida inédita na moderna história militar germânica: a substituição, publicamente anunciada, de um comandante-chefe, no momento em que está em pleno desenvolvimento uma batalha decisiva.

Há já algum tempo — ainda antes da invasão — que a agência «Associated Press» se fazia eco da existência de desacórdio entre Rommel e Rundstedt na organização da defesa da costa francesa e, segundo todas as aparências, o marechal do antigo Afrika Korps, agora apoiado por von Kluge que partilhava das suas opiniões, fez prevalecer junto de Hitler os seus pontos de vista, factores prováveis do afastamento de Rundstedt.

Tal alteração dos comandos militares alemães representa indiscutivelmente uma vitória absoluta do Partido Nazi sobre o Alto Comando. No entanto, não deixa de ser interessante acentuar que, tanto a carreira de Rundstedt como a de Kluge apresentam um curioso ponto de semelhança: ambos são cem por cento militares a quem os próprios adversários reconhecem terem sempre mostrado o maior desinteresse pela política. Porém, mesmo assim, von Kluge é considerado um dos generais predilectos do Führer e esse por que a escolha dum sucessor para Rundstedt recaiu sobre ele.

A FOLHA DE SERVIÇOS DE RUNDSTEDT

Apontado como o «Sumo Sacerdote do Culto Militar Alemão», von Rundstedt é hoje o único oficial da sua geração que reúne em si as mais altas e antigas tradições do Estado-Maior alemão e, aos olhos do povo germânico, é ainda considerado o maior general de todos os tempos.

Se bem que já conte 68 anos, a afirmação de que a destituição do marechal era causada por «motivos de saúde» provocou em toda a parte a maior surpresa, visto que inúmeras fotografias, muito recentes, o mostram, pelo menos aparentemente, cheio de vigor, motivo por que nada fazia prever tal acontecimento. Descendente de militares, von Rundstedt, desempenhou funções profissionais, durante os seus 52 anos de serviço activo, às ordens do Império, da República e dos Nazis. Embora se mantivesse a uma certa distância dos membros dos governos republicanos — e mais tarde, da administração nazi — como bom militar que é, cumpriu sempre obedientemente as missões tanto uns como outros lhe confiaram.

Foi Rundstedt que após o governo social democrático prussiano em 1932, segundo as instruções do Presidente Hindenburg e do Chanceler von Papen. Igualmente, foi ele que se colocou à disposição do velho marechal em 1933, caso este não estivesse na disposição de aprovar o gabinete formado pelos nacionalistas-socialistas após a sua vitória política.

Nesta guerra, Rundstedt obteve três vitórias notáveis. Em 1939, comandando o Grupo de Exércitos do Sul, tomou Cracow e Varsóvia, e decidiu a campanha da Polónia; em 1940, chefiando o grupo de exércitos, que atravessou o Meuse, rompeu as linhas francesas e foi ocupar os pontos do Canal da Mancha.

Em 1941, dirigiu as operações do Grupo de Exércitos do Sul na frente russa, no seu avanço sobre Kiev, desbaratou, em manobras de grande estilo, as forças do marechal soviético Budenny. A partir de 1942, foi encarregado de organizar as defesas da Bélgica, Holanda e França e os alemães atribuíam-lhe, como motivo de orgulho e de louvor, a construção da «Muralha Atlântica».

A FOLHA DE SERVIÇOS DE VON KLUGE

O seu sucessor, von Kluge, é

conhecido na intimidade dos seus camaradas e subalternos pelo cognome de «O Melancólico», devido ao aspecto triste e sombrio que o seu rosto apresenta, tanto nos momentos de triunfo como nos de infelicidade. Tal como Rundstedt, é natural da Prússia e descendente de militares. O actual comandante-chefe da frente ocidental é mais novo do que o seu antecessor — conta apenas 61 anos — e comandou as tropas que fizeram a anexação da Renânia em 1936, chefiou um exército na Polónia e dirigiu as operações na Flandres em 1940.

Os subsequentes êxitos de Kluge ao fortificar e defender Veliki Luki, Rzhev, Orel e Vyasma grangearam-lhe grande reputação no Reich, onde a Imprensa nazi o saudou como sendo o «apóstolo da defesa vitoriosa». Aquelas posições fortificadas, realmente, retardaram muito as contra-ofensivas russas, visto só terem sido reconquistadas em 1942, com excepção de Orel que resistiu até ao ano passado.

Em seguida, dirigiu uma ofensiva alemã contra o saliente de Kursk; mais tarde, foi encarregado de deter as vagas de assalto que desencadearam uma ofensiva de grande envergadura contra a chamada «Linha da Pátria» em Outubro de 1943, e, meses depois, já em Abril deste ano, foi substituído por von Bock no comando da frente central russa. Desde esse momento, conservou-se afastado de qualquer comando activo.

O CASO DE ROMMEL

O que se pode concluir de tudo isto? Apenas duas coisas: Rundstedt não foi bem sucedido e as operações na Normandia não decorreram de harmonia com os desejos do Alto Comando alemão. São duas verdades que quem quer pessoa ao abrir o seu jornal diário poderá constatar.

Como já acentuámos, correram boatos de divergências entre Rundstedt e Rommel. Este, disse-se, desejava travar a batalha em determinadas condições, com as quais aquele não concordava. Daí resultou a desastrosa estratégia usada na península de Cherburgo, onde a Wehrmacht perdeu 40.000 homens e um pórtico de primeira classe. Em face destes resultados, tão expressivamente desfavoráveis, um dos dois tinha de ser sacrificado, mas Rommel é o ídolo do partido, e ainda goza de grande popularidade e prestígio, apesar dos resultados da última campanha do Norte de África. Portanto...

Conforme comentava, em artigo de fundo, um jornal britânico na disposição de Rundstedt é sensacional. É claro que se os acontecimentos estivessem a correr favoravelmente



O marechal de campo alemão von Rundstedt, que deixou o seu alto cargo no comando da Frente do Oeste, por motivo de saúde.

para os alemães, o grisalho marechal continuaria a exercer o seu comando.

É mas isto é apenas especulação. A verdade é que o maior resolvedor de von Kluge, aos olhos alemães, significa que a batalha para os Aliados vai tornar-se mais renhida, mais encarniçada...

«A Alemanha assenta as suas esperanças em deter o nosso avanço a oeste. E os Aliados põem as suas esperanças na derrota esmagadora dos alemães a oeste, ao sul — e a leste».

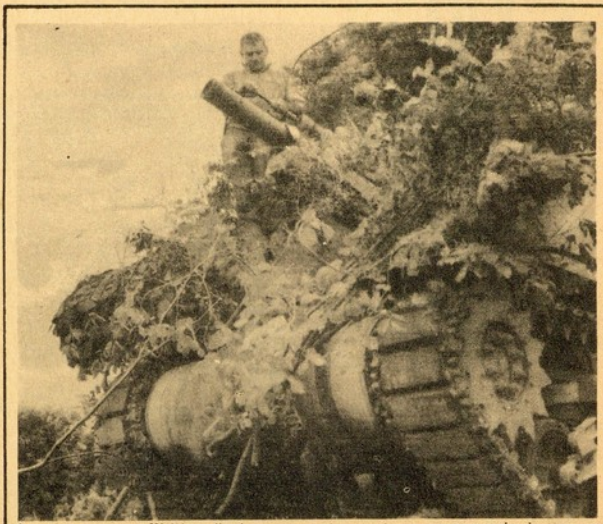
«É uma guerra de três contra um. Servindo-nos com vantagem de todas as hesitações alemãs, avançando sempre com a maior resolução, apoiados pelos corajosos combatentes da primeira linha e das cidades da frente de batalha do sul da Inglaterra, a vitória será nossa em 1944».

Entretanto, até que esse momento chegue, no «ring» francês, enquanto o duelo entre os dois rivais do Deserto — Montgomery e Rommel — prossegue sem tréguas nem descanso, novo combate se iniciou, com perspectivas mais vastas, entre dois adversários bem dignos um do outro — Eisenhower e von Kluge.

O primeiro, na posse indiscutida dos inextinguíveis recursos das Nações Unidas, esforçar-se-á por satisfazer a profecia de Churchill que é relembrada no remate do artigo de fundo acima transcrito; o segundo, com a tenacidade e a coragem proverbiais da sua raça, empenhar-se-á para que a profecia seja certa, sim! — mas aplicada ao Reich.

A luta dos gigantes parece estar prestes a ter o seu desenlace... Quanto a nós, resta-nos aguardar os acontecimentos...

JOSÉ CORREIA RIBEIRO (Sobrinho)



Este é o sargento William Parker, um norte-americano encarregado da limpeza dos canhões, durante umas horas de calma, nas operações de Caen. A operação é difícil e delicada mas a camuflagem talvez possa preservá-lo.



José Travassos, o popular árbitro internacional, diz-nos que talvez vá para a Madeira

JOSÉ Travassos, um nome que despensa apresentações no meio desportivo português, regressou da Madeira, onde foi, a convite dos desportistas locais, levando ainda a honrosa incumbência de, em representação da Direcção Geral dos Desportos, elaborar um relatório sobre o estado e necessidades do desporto madeirense.

José Travassos esteve na Pérola do Atlântico vinte e dois dias. Desde a chegada até à despedida e durante a sua estadia, o antigo árbitro foi alvo de inequívocas manifestações de simpatia, a comprovarem o enorme prestígio que lá disfruta, desde 1937, a quando da primeira visita à formosa ilha.

Travassos está reconhecidíssimo. Declara mesmo:

— Não tenho palavras para traduzir o meu agradecimento à forma como fui recebido, e que considero verdadeiramente triunfal. Depois, a permanência. Nem um minuto de descanso. A Comissão Administrativa da Associação de Futebol do Funchal, composta pelos drs. Consuelo Figueira, Vasco Homem de Gouveia e Sousa e João Virgínio de Paiva e Cunha, cumulou-me de gentilezas, que me confundiram. Devo-lhes um agradecimento muito especial. Mas todos quantos comigo privaram, procederam com uma correcção e sinceridade que quasi impossível se torna igualar, quanto mais exceder!

— Como está o desporto na Madeira?

— Bastante desenvolvido. No caso particular do futebol, os madeirenses estão a jogar como nunca e sobretudo dispõem da melhor matéria prima. Há jogadores com muitíssima habilidade, que apenas carecem de ser bem orientados.

— O José Travassos trouxe a incumbência de conseguir um treinador para a Madeira...

— Sim. De facto, encarregaram-me dessa missão. Pretendem um treinador, que irá a expensas da Associação do Funchal, para preparar os quatro principais clubes... Não duvide: logo que o nível técnico do futebol madeirense suba, os grupos continentais terão imensa dificuldade em afirmarem superioridade!...

— Qual será o treinador indicado? José Travassos queda um instante pensativo. E depois decide-se:

— Apontei alguns nomes. Mas creio que o escolhido será Mário Silva, um

português que em Espanha deu excelentes provas e traz as melhores recomendações. Posso declarar que os seus conhecimentos da técnica futebolística são vastíssimos e além disso é professor de ginástica, o que é muito importante.

— O Travassos arbitrou um jogo?

— Sim. A última partida entre o Marítimo e o Nacional, para a «Taça da Cidade». O vencedor estava já aprovado, mas o prémio revestiu-se dum interesse enorme. Foi um excelente jogo. O Marítimo venceu por 2-1.

Numa transição:

— Quando entrei no campo, ou melhor, quando apareci à vista do público, reboou uma ovação, que me fez perder a serenidade. Nem sei como cheguei ao rectângulo...

— O público é conhecedor?

— Tanto como o público das cidades e países que conheço. Todavia, é correcto e isso é já uma particularidade digna de realce.

— A «Taça da Cidade» desperta interesse?

— Muito. Estabelecida para substituir a vinda do representante das Ilhas à Taça de Portugal, foi acolhida com simpatia pelo público madeirense. E uma prova disputada em «poule» e começou o ano passado. Em ambas as vezes, safu vencedor o Nacional.

— Quem instituiu a Taça?

— A Junta Geral do Distrito e é curiosamente subsidiada pela Câmara Municipal...

— Curiosamente subsidiada?...

— Eu explico. A Câmara Municipal atribui ao vencedor a verba de 500\$00 anuais; ao 2.º classificado, 300\$00; ao 3.º, 200\$00 e ao 4.º 100\$00. Como vê, é uma ajuda valiosíssima, que até certo ponto paga as rendas das sédes, especialmente quanto ao primeiro classificado!...

— Quantas palestras fez o Travassos?

— Falei no União, Marítimo, Nacional e Sporting e na Associação de Futebol, sendo esta palestra destinada aos árbitros; fiquei muito sensibilizado porque todos os juizes madeirenses compareceram.

A conversa segue célere e é preciso condensar em poucas linhas a dissertação do popular árbitro «internacional», porque o espaço infelizmente não abunda.

— Em matéria de dirigentes, a Madeira está bem servida?

— Absolutamente. Há gente muito capaz. Com vontade e com valor. Podia citar-lhe vários nomes, mas não merece a pena. Basta que lhe aponte, como um primeiro entre os primeiros, o Dr. Nicolau Monteiro, elemento prestigioso, possuidor de apurado tacto directivo.

José Travassos continua:

— Vi jogar grupos infantis. Todos me agradaram sem reservas, mas o do Nacional, dá gosto. Que intuição! Que promessas!...

E elucida:

— Este grupo deve-se à carolice e entusiasmo de um homem, o antigo desportista Alexandre Rodrigues, que reuniu quinze rapazes, e os tomou sob a sua orientação total, não só técnica, com vista ao futebol, como cívica e social. As famílias só periódicamente vêem os garotos. Todos eles são uma simpatia e revelam um aprumo que honra o seu orientador. Alexandre Rodrigues até já formou um orfeão, com êsses rapazes!...

— O Travassos foi homenageado com vários banquetes...

O nosso entrevistado sorri e, modestamente, quer escusar-se à resposta. Nós insistimos e êle então diz-nos:

— Oficiais, no Nacional e no Marítimo e num grupo chamado «Nau sem Rumo», que reuniu 70 talheres. Banquetes particulares, nem se fala. Não chegava para as encomendas, meu amigo!... Para mais, sem racionamento!... — O seu relatório para a Direcção Geral?

— Já está entregue. O sr. Director Geral vai agora estudá-lo. A propósito, na Madeira, desejam com grande interesse a visita do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro.

— Oiça, Travassos: da Madeira vieram três jogadores para o Continente. Consta que vai por lá certa efervescência...

— É verdade, sim. Mas os madeirenses podem tranquilizar-se, porque êles voltarão para a sua terra!...

— A verba destinada ao treinador é compensadora?

O delegado da Associação do Funchal à Federação Portuguesa de Futebol, esclarece:

— Irão para a Madeira, um treinador, como já disse e um técnico de arbitragem. De verbas, nada sei de positivo, mas julgo que serão interessantes...

Ouvimos o esclarecimento da ida de um técnico de arbitragem. Como já tínhamos umas certas informações, jogamos a cartada, como fecho da entrevista:

— Consta que o José Travassos vai definitivamente para a Madeira. É verdade?...

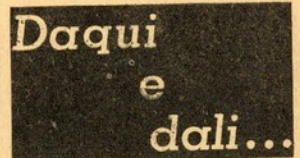
Um silêncio. Travassos apara imperiturbável o golpe e responde:

— Recebi nesse sentido duas propostas vantajosas. Nada resolvi ainda, mas é possível que aceite.

E com um ligeiro sorriso, a um tempo satisfeito e enigmático, conclue:

— Não se admire se eu partir em Setembro!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



Desporto

O Algés e Defundo está a comemorar mais um aniversário. Clube especialmente votado à natação, tem, no entanto, alargado o seu eclético de maneira notável. O Estádio Náutico é um título de orgulho dos desportistas portugueses.

Os seus pergamínhos são incomensuráveis. Felicitamo-lo efusivamente.

De futebol pouco se fala... Está a agir-se em segredo, a provar que êste é a alma do negócio...

Vamos ter mais uma Volta a Portugal em bicicleta. Estão de parabéns o ciclismo e os desportistas de todo o País.



PAGINA DAS UTILIDADES



*Os óculos que prescrevem
o médico e a elegância*

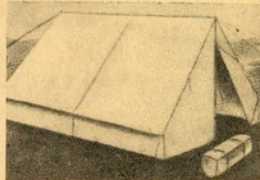
Na Casa Adriano Seixas
Rua Augusta, 188 LISBOA



Tudo para um belo lar
no **LARBELO**

195, RUA DA PRATA, 197 — LISBOA

**O CAMPISMO É SAÚDE
E ALEGRIA**



TENDAS E TUDO PARA
CAMPISMO
VIEIRA CAMPOS
(ANTIGA CASA FIGUEIREDO)
215 — RUA DA PRATA — 217
TELEFONE 27606

Máquinas de costura



HUSQVARNA

*uma perfeição
na indústria sueca*

Vendas no «Stand» da Feira
Popular, a pronto e prestações.

CASTRO & SOUSA, L.^{DA}

P. dos Restauradores, 13, 3.^o
LISBOA Tel. 29888

*O essencial
para uma boa habitação*

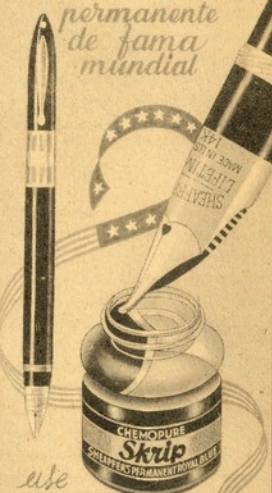


UMA INSTALAÇÃO
da casa **MÁRMORES DE SOUSA BATISTA, L.^{DA}**

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30 LISBOA — TELEFONE 27643

prefira
SHEAFFER'S

*a caneta de tinta
permanente
de fama
mundial*



use

Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

Todos os artigos domésticos de electricidade, e gás



*Electro
Glória, L.^{da}*

Vendas a pronto e a prestações aos melhores preços
ELECTRO GLÓRIA, LDA.
Lisboa — Rua da Glória, 20-A Tel. 24050



*OUVIR UM
Luxor
é um prazer!*

Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 24888

Antes de fazer as suas compras consulte esta página

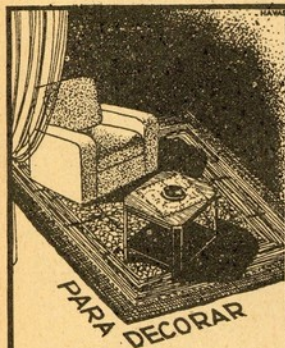


Gaby
COUTURIER
RUA BRAAMCAMP, 8, R/C. D.
TELEF. 4 3735 — LISBOA

OS NOSSOS MODELOS



Este é um vestido ligeiro, num tom carmezin — tom moderno — com bolinhas brancas. Modelo Elsa Barberis.



Em estofos, cortinados, reposteiros e carpetes, não há em Portugal mais bela e rica colecção que a da

Casa Africana

RUA AUGUSTA, 161-177



Um encanto, uma maravilha: a «SEDA LÍQUIDA» e os outros produtos NOSEL que empregam com incantável vantagem a satisfação!

Barbara Virginia
14.11.1943

Um encanto, uma maravilha: a «SEDA LÍQUIDA» e os outros produtos NOSEL que empregam com incantável vantagem e satisfação!

BÁRBARA VIRGÍNIA



Éis um chapéu verdadeiramente primaveral com o qual fêz sucesso a jovem esperança do cinema francês, Michele Martini que se vê na foto. Modelo de Jeanette Colombier.

Curiosidades

UM produtor duma firma cinematográfica de Hollywood procurava há meses um tipo de beleza feminina de outrora. Se a encontrou ou não, não o sabemos. Contudo, eis segundo o estilo usado pelos peritos cinematográficos, como o produtor da firma sonhou esse tipo de beleza antiga:

Traças — rúivas como o ouro e suaves como a seda.

Faces — matisadas como pétalas de rosas e capazes de empalidecer instantaneamente, tornando-se cor de marfim, ao mais leve sinal de perigo.

Constituição — frágil e delicada como uma flor. Deve desmaiar ao receber más notícias de seu noivo.

Tez — mais alva que o leite, mais pura que a neve e mais nacarada que as pérolas.

Carácter — dócil como um anjo, submissa como uma donzela.

Corpo — divinamente escultural, mais perfeito que o da Vénus de Milo.

PAGINA FEMININA

SÔBRE UMA CARTA DE

ELEANORA DUSE



ELEANORA Duse, a célebre trágica que maravilhou quasi o mundo inteiro, era uma doente de peito, fazendo das fraquezas forças, do cansaço energia, para servir a arte. Amava loucamente tudo o que a pudesse levar mais depressa ao ideal que servia. Mas, apesar de grande artista, Eleanora Duse foi, sobretudo, mulher. O quanto ela amou e o quanto ela sofreu, todos o

sabem. O quanto perdoou, muitos também o souberam. Todavia, se a maioria a conhece como um refinado espírito de artista ou como uma mulher ardente e apaixonada, talvez nem todos a considerem no seu amor mais puro e mais sublime — no seu amor de mãe.

Eleanora foi mãe. Mãe duma garota boatinha e engraçada que a sua vida de artista, por vezes, a impedia de ver. Mas, assim que conseguia um bocadito de folga, ia correndo para onde a saúde a impelia, isolando-se do mundo, vivendo para a sua querida Enricheta.

Eis o extracto duma carta de Eleanora Duse para um amigo, escrita no verão de 1887 dum lugarejo no campo, arredado do seu mundo exterior:

«Quisera que me visses aqui. Escrevo com a mão direita e com a esquerda estendo um brinquedo a uma deliciosa menina, para quem não tenho sido mãe senão algumas horas por dia. O resto do tempo, procuro ser com ela, uma criatura pobre em idade e rica em alegria. Este é, talvez, na minha vida, o único trabalho que não representa o prémio de um esforço. Não é interessante?

«Moro numa casa pequenina, uma verdadeira caixinha côr-de-rosa, com venezianas verdes e em frente o grande mar, o mar infinito. Vem o dia, cai a noite, vem o outro dia e ainda outra noite — tudo como uma pequena roda regulada pelo grande sol que não se agita e não me faz agitar. Só o imenso silêncio. Cigarras... Em torno da janela, uma maravilhosa videira. Bonecas desmanteladas, cavalinhos sem sela e sem rédeas. Alimentação frugal, nada de piano, nenhuma música do mundo, nada de jornais. Um pequeno monge mendigo vem diariamente, com sua barba branca, pedir esmola. E assim que se passa o meu dia. A saúde vai em progresso. Não sinto mais nada no peito, não sinto mais em mim aquela fome dissecante que, quando eu representava, dilacerava-me a voz, as palavras.

«Uma grande paz reina em mim. O sorriso de minha filha é um bem-estar em todo o meu corpo, onde o trabalho da destruição fazia a sua marcha.

Grande, na verdade, é a paz que transparece nesta carta da grande artista.

Enricheta, aquela menina que nascera depois da morte do primeiro filho de Eleanora — o pequenito de olhos tristes e carinha de velho, num corpinho de recém-nascido — representava, então, para a artista todo o seu presente e todo o seu futuro. O menino, esse que Deus levava, era o seu passado morto, um pedaço da sua alma que ficara no caminho!

MARIA LIA



Correspondência

Branquinha — As gretas nos lábios podem desaparecer aplicando, de noite, um pouco de vaselina ou de manteiga de cacau.

Rapariga de hoje — Para poder estudar bem o seu caso é necessário que preste mais alguns esclarecimentos, tais como: a sua idade, altura, peso, número que calça, qual a vida que faz — se passeia, ou pelo contrário, sai poucas vezes — se o mal que a aflige é de há pouco tempo ou de pequenina, enfim, uma série de pormenores indispensáveis para uma resposta que se a não satisfizer em absoluto, pelo menos a não preocupará tanto.

Quanto à sua sugestão, desde já a reprovo, por ser inconveniente para a saúde.

Marina — Para tirar um bôlo da fôrma sem perigo de o escangalhar, deve pôr no fundo da fôrma, antes de colocar a massa do bôlo, uma tira de papel bastante forte com as pontas saídas da fôrma. Depois do bôlo cozido basta puxar com cuidado pela tira de papel, segurando ao ao mesmo tempo as duas extremidades.



Blusa em «crocêto» enfeitada com fita de veludo preta.

Corneille e Racine em Roma

FABRICE, no «Tarn», a propósito da ocupação de Roma, faz uma evocação do que foi, em 1934, a presença dos franceses na capital italiana, nessas noites de profunda grandeza espiritual em que Racine e Corneille ressurgiram, por algumas horas, sobre as ruínas do Fórum.

Em Junho, uma «troupe» francesa dirigia-se a Roma. Como programa, levava a representação do «Horace» e «Britannicus». Uma inquietação acompanhava os intérpretes—porque a responsabilidade e o respeito por Racine e Corneille não são excluídos de quem tem que os interpretar, mesmo que os intérpretes sejam franceses e dos melhores da França.

Sobre as lages da basílica de César, tinham erguido um palco—um cenário admirável tocado de uma cena imaterial e imponderável...

«...A noite veio. Uma noite romana, doce e ao mesmo tempo forte, uma noite para George Sand e Chopin, para Liszt e Maria d'Agouti, com esse pouco de desespêro que nos envolve sempre que caminhamos sobre outras civilizações passadas. Foi à nona badalada no relógio de Santa Maria de França que o primeiro centurião apareceu... Desde então—é preciso renunciar a todas as descrições. Sobre essas lages, diante dessas colunas, aos pés desse Palatino batido por uma centena de projectores, sentiu-se passar o rumor daquele que foi um grande povo. Os actores já não eram actores mas officiantes, e quem não viu, nessa noite, mestre Desjardins no velho Horácio e Segond-Weber na Agripina—não sabe compreender o que podem representar os grandes comediantes, quando são conduzidos lá, onde paira o Espírito. Na primeira fila estava Mussolini de chapéu de côco, alguns dos seus ministros e todos os embaixadores e conselheiros acreditados em Roma. Mas, principalmente, era o povo romano o que ali estava. E

esse não se enganava. Ele sabia que a França acabava de lhe dar um grande momento, um desses grandes momentos que nos fazem gostar de ser cidadãos desta nação...

Fabrice evoca depois o desfile dos soldados aliados sob as mesmas colunas, sobre as mesmas lages históricas. E acredita que o espiritual retornará o seu lugar no mundo. Um lugar que tornará mais íntimo o conhecimento dos homens, mais funda a estima dos povos.

«...E assim «preparemos a paz».



—O dr. Alvaro Ribeiro, um nome da nova geração, que vem afirmando o seu valor, em quantos trabalhos subscreve, publicou «O problema da filosofia portuguesa» que a Inquérito incluiu nos seus «Cadernos Culturais». Nos mesmos «Cadernos», o sr. dr. Alvaro Ribeiro publicou também um estudo sobre a poesia de Fernando Pessoa, trabalho de análise e de interpretação que confirma as qualidades de crítico e de intérprete do autor da obra em referência.

—Manuel da Fonseca, que tão ben encetou os seus passos na literatura, que obteve uma segunda edição, e é uma colecção de contos verdadeira consagração do seu autor, um dos melhores escritores que entre nós apareceram, de 1940 para cá, «Adeus Novas» obteve um êxito de crítica e de livraria que esta segunda edição—por sinal que bastante simpática—acaba de confirmar.

—«Emoção» é o título que João Rubens deu a uma sua pequena colecção de poesias, editadas pela «Artemis» do Porto, e em que se sentiu uma sensibilidade delicada de poeta lírico, em que a nossa literatura é tão fértil.

MARIA CURIE-PEDRO CURIE
(1867-1934)

Ambos foram sábios, camaradas e apaixonados colaboradores de uma obra ruidosa de amor. A sua vida comum foi trabalho e ternura de todos os instantes. Completavam-se e estimulavam-se. Viveram felizes na sua casa modesta, rodeados dos filhos, do amor e do trabalho. Em 1903, receberam o Prémio Nobel, pela sua descoberta do rádio. Entretanto, eles permaneceram felizes, trabalhadores, modestos e pobres. E só a morte trágica de—Pedro Curie morreu atropelado—pôs termo a uma união que deve ter-se prolongado para além da vida. Maria continuou a sua vida de trabalho e devoção pela lembrança do seu afectuoso companheiro.

Os grandes amadores do século XIX

(Continuação da pág. 9)

tado por sua esposa obrigava-nos a um respeito particular por uma união que nada fez separar. Bismark escrevia frequentemente a sua mulher cartas apaixonadas e dedicava as suas lutas de todos os dias. Por sua vez, Joana depositava em seu marido uma confiança ilimitada—mesmo quando ele estava ausente. O seu amor, a sua solicitude eram tão grandes como sua confiança.

Escola de Corte, Costura e Chapéus M.^{ME} JUSTO

Sede, Direcção e Secretaria: Rua de S. Lázaro, 127, 1.º

A melhor e a mais frequentada em todo o País. Brevemente única e inédita demonstração do corte, adaptado nesta escola, e bem assim uma grandiosa exposição de trabalhos em alta costura e chapéus, nunca vista em Portugal. Os trabalhos expostos serão executados «sòmente» pelas suas alunas.

Nesta Escola, as alunas têm de 6 a 9 horas de aulas por dia, e todas as suas lições, são ministradas individualmente e nunca em conjunto. O diploma só é conferido, depois de reconhecida aptidão para todos os trabalhos que dizem respeito a uma boa modista de alta-costura ou chapéus.

«Vida Mundial Ilustrada» entregou à Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa 5.200 escudos, receita líquida da festa do S. Luís

Dando cumprimento à sua promessa e ao seu compromisso, «Vida Mundial Ilustrada» fez há dias entrega à Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa da quantia de Esc. 5.200\$00, importância líquida da festa de rádio que levou a efeito, com tanto êxito, no cinema S. Luís a favor daquela simpática instituição. O acto realizou-se na sede da Caixa, na Rua do Loreto, estando presentes os jornalistas Artur Portela e David Salsa, respectivamente presidente e tesoureiro da Direcção, e por parte desta revista o nosso director e o nosso administrador.

Posteriormente, a direcção da Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa enviou-nos um amabilíssimo officio em que nos são dirigidos os maiores louvores e agradecimentos pelo valioso curso que lhe prestámos e também, segundo as próprias palavras, pela prontidão e correcção com que lhe apresentámos as contas da nossa festa.

Pascoal Magno

(Continuação da pág. 17)

formidável homenagem a Amélia Rey-Colaço, quando ali esteve em 1939. Representam-se obras clássicas, (revisão) que como fazem, aliás, os estudantes de Coimbra.

—Um homem que triunfa em todos os seus desígnios já não pode ter aspirações...

—Se tenho! Hei-de construir, na minha casa, no Rio, um teatro para 200 espectadores, onde possam aparecer todos os actores, actores e directores com idéias novas. Um palco de experiências, um laboratório de génios...

Queremos que o Dr. Pascoal Magno fale do seu museu de teatro mas ele ri-se:

—Cá, umas colecções, porque tenho a honra de comprar autógrafos e tudo que seja documento teatral. Quando morrer, lego-o ao Departamento de Cultura...

E, numa «confidência aberta»:

—Sabe? Vou entregar a Amélia Rey-Colaço um original escrito para ela: «A glória é isto...». Considero Amélia uma grande artista do nosso tempo. E o conjunto que dirige tem uma homogeneidade, um espirito de equipa que só encontra superioridade no teatro russo.

—Conhece, por certo, todo o teatro europeu...

—Em matéria de representação,

considero o melhor o inglês; e iluminação, montagens, etc., o alemão.

E voltando ao teatro português: —Lucilla, Villaret e Maria Matos, que três grandes artistas! Villaret, se representasse em inglês, teria nome universal...

O amigo de Bernard Shaw, solícito entrevistado desta revista, quer ainda continuar. Mas, precisamente, falando-se de Bernard Shaw, dá-se um movimento de curiosidade, de envolvimento, que nos empolga o Dr. Magno. A custo, por entre os que o levam, ainda distinguimos:

—Lembram-se? Há uns dois anos, quando os jornalistas brasileiros visitaram a Inglaterra, escrevi a Shaw, pedindo para receber os meus compatriotas. Pois sabem o que ele fez? Escreveu-me a dizer que tinha muita pena, mas que o Shaw que todos nós conhecemos havia já morrido. E este, o que existia, morava num lugar de acesso difícil, isolado do mundo, com ele incomunicável, etc. Peguei na carta e guardei-a, claro, como bom coleccionador de autógrafos. Agora, imaginem o meu espanto, quando dois dias depois vejo a carta publicada no «Daily Express». Não foi nada, Shaw, ou a secretária, como viu que eu não dava publicidade à sua carta, resolveu fazê-la publicar. Oh! o Shaw, o Shaw!...

UM LIVRO EMPOLGANTE

FUGIU UMA ESPIA...

Por CHARLES BERRY

VERSÃO LIVRE DE GENTIL MARQUES

1 VOLUME DA COLECCÃO «OS GRANDES ROMANCES DA GUERRA»

HISTÓRIA AVENTUROSA DE UMA ESPIA RUSSA: DRAMATISMO, MISTÉRIO, EMOÇÃO!

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Pedidos directos: VIDA MUNDIAL EDITORA, L.^{DA}

RUA DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA



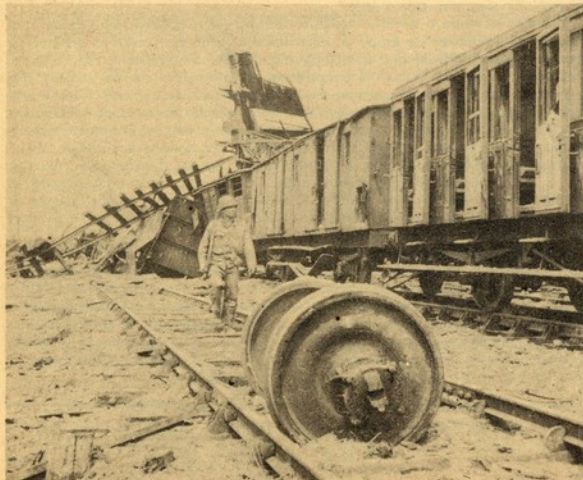
NOTAS DE GUERRA



Carentan, conquistada aos italianos, foi restituída à França. Numa das suas praças, precisamente junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, o capelão americano diz missa para os soldados do seu país. O monumento foi ornado com os paraquedas utilizados pelas tropas invasoras e oferecidos à cidade como homenagem e leal tributo de amizade.

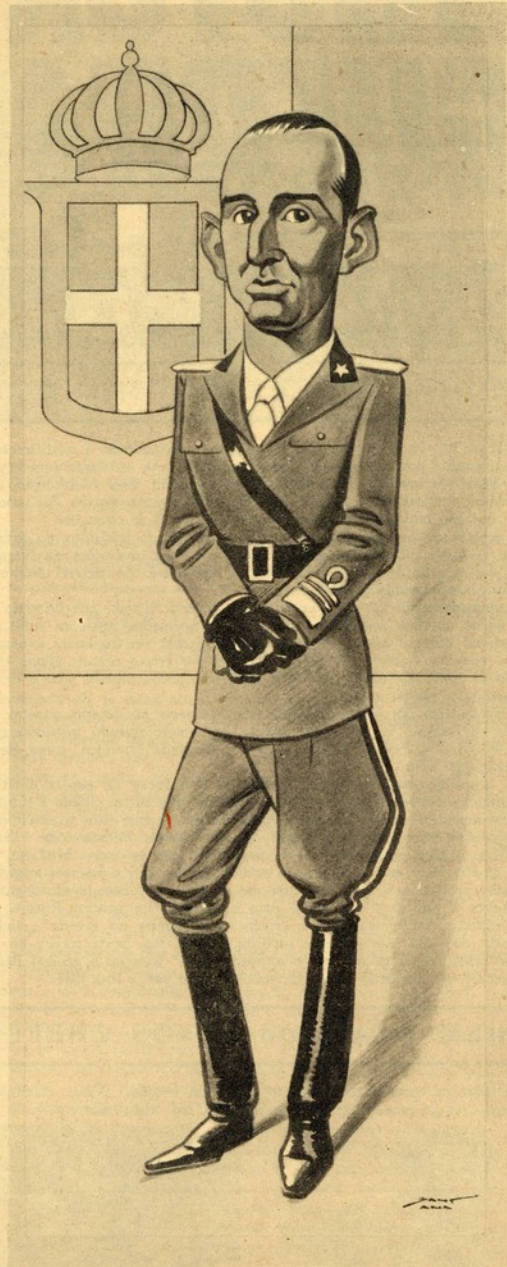


Ainda há pouco, residia nas margens do Allier um dos últimos parlamentares da III República Francesa: Luis Marin, deputado por Nancy, antigo ministro e chefe importante de um grupo das direitas. Ei-lo na sua visita diária ao quiosque, onde ia comprar jornais. Há um mês e tal — conseguiu passar para Londres.



Uma terceira foto dos aspectos da guerra na península de Cherburgo; aqui vemos um soldado americano a inspeccionar os estragos causados pelas bombas aliadas, perto de Carentan, antes da retirada alemã. Da importância da conquista, sabem-no todos: Carentan é ponto de ligação entre as duas costas em poder dos Aliados.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



PRINCIPE UMBERTO DE PIEMONTE — Os seus magníficos quarenta anos — nasceu em 1904, o herdeiro do trono de Itália — foram agora chamados a uma missão vasta. Não é o chefe de Estado italiano, pois Vitor Manuel, seu pai e seu rei, não abdicou da coroa. Mas, como lugar-tenente do reino, o Príncipe Umberto de Piemonte tem sobre os seus ombros toda a responsabilidade de um verdadeiro rei. Umberto de Piemonte, cunhado do rei da Bélgica — quem não se lembra dos seus magníficos esponsais com a princesa Maria José, filha do Rei-Soldado e irmã de Leopoldo? — foi, muitas vezes, indigitado adversário do fascismo. A verdade, porém, é que essa antipatia política não chegou a traduzir-se por acções públicas — o que não quer dizer que, intimamente, o povo o não adorasse e nele não depositasse idéias de emancipação fascista. De facto, o Príncipe Umberto é uma figura popular da Itália, querido porque, afinal, nunca fez política e fez sempre por, disciplinadamente, servir os altos interesses da nação.

(Caricatura de SANTANA)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana

MODIFICAÇÃO DE COMANDOS

FOI no dia 18 de Agosto, que se anunciou, oficialmente, a modificação de comandos nos exércitos do Norte de África cuja realização fôra um dos objectivos imediatos da viagem do sr. Churchill. Essa modificação, como já dissemos, destinava-se a ter uma influência decisiva na marcha dos acontecimentos que não tardariam a produzir-se naquele teatro de operações.

O general Auchinleck, comandante chefe das forças britânicas do Próximo Oriente as quais incluíam as que se encontravam em operações no Norte de África, foi substituído pelo general Harold Alexander. Ao general Auchinleck seria dado um comando no Oriente.

O comandante do 8.º Exército britânico, general Ritchie, que de resto fôra como vimos demitido mesmo no decurso das operações, apareceu substituído pelo general Bernard Montgomery que se encontrava em Inglaterra à data em que foi feita a sua escolha. O general Ritchie, que esteve durante algum tempo afastado da actividade militar, foi mais tarde transferido também para o Oriente onde passou a prestar serviço.

O comandante das forças blindadas que operavam no deserto, general Gott morrera no decurso da lua, num desastre de aviação quando inspecionava o campo de batalha. Foi substituído pelo seu camarada Lumsden, como êle um especialista de tanks.

Foi a morte inesperada, em circunstâncias dramáticas, do general Gott que transformou os projectos architectados pelo Primeiro Ministro quanto à substituição de comandos tornada necessária pela marcha recente dos acontecimentos. Aquele oficial desempenhara um papel de grande relevo durante toda a campanha africana. Fôra, sobretudo, nas horas difíceis que as armas britânicas acabavam de atravessar, que pudera dar a medida do seu valor e das suas magníficas qualidades profissionais. Essa fôra uma das razões que tinham levado o governo de Londres a indicar o seu nome para a sucessão do general Ritchie, pois Gott conhecia, como ninguém, as exigências da guerra no deserto e tinha a confiança total dos seus chefes e subordinados. A sua morte trágica levou o governo britânico a escolher para o comando do 8.º Exército o general Bernard Montgomery que era então pouco conhecido no seu país e fora dêle.

QUEM ERAM OS NOVOS CHEFES

De todos os comandantes que iam entrar em funções, o mais conhecido e considerado era o general Harold Alexander. A sua celebridade era muito mais



O general Lumsden, que substituiu Gott, tragicamente morto num desastre



O general Wilson, que foi comandante do grupo independente de exércitos no Extremo Oriente

um produto dos acontecimentos do que do seu feito pessoal, naturalmente sóbrio e reservado. Sob este ponto de vista Alexander fazia um contraste espectacular com o seu camarada Montgomery, que ia ser o mais directo colaborador na execução dos seus planos e que era um conservador impenitente e um orador infatigável e eloquente.

O general Alexander adquirira uma grande reputação no decurso de duas retiradas famosas, a retirada de Dunkerque e a retirada da Birmânia. Havia comandado ambas, numa fase em que a inferioridade de meios materiais levava com frequência a Grã-Bretanha a retirar-se, de preferência a travar combates de ante mão decididos. Alexander, nos dois casos, dera provas duma extrema habilidade e coragem, sacrificando tudo ao essencial, isto é, à salvação das tropas que tinha sido encarregado de libertar da pressão do inimigo. Aconteceu que, tanto em Dunkerque, como na Birmânia, foram as forças salvas por Alexander que constituíram o núcleo principal dos futuros exércitos britânicos, a ocidente e a oriente.

Montgomery era, na altura em que foi nomeado, quasi um desconhecido. Tomara parte na campanha da França, mas não se distinguira por qualquer acto especial. Depois disso fôra para a Grã-Bretanha, onde tomou um papel importante na preparação das novas forças que iam ser aplicadas por toda a parte. Tinha a reputação de um técnico de primeira ordem, mas esperavasse que surgisse uma oportunidade em que pudesse dar plenamente as suas provas.

Quanto ao general Lumsden, gosava de excelente reputação profissional e conhecia o teatro de operações africano onde se distinguira igualmente durante as várias fases da luta, suportando briosamente todas as suas vicissitudes e contratempos. Dos três chefes, nomeados em Agosto de 1942, seria aquêle a quem caberia o quinhão menor de glória na grande empresa que ia ser tentada naquela região a partir do mês de Outubro.

OUTRAS MODIFICAÇÕES DE COMANDOS

Estas eram as principais modificações de comandos anunciadas em Londres, antes do regresso do Primeiro Ministro, no dia 18 de Agosto. Mas, pouco depois, outras modificações foram anunciadas que, nem por serem menos discutidas na altura em que foram decididas, deixaram também de exercer uma influência apreciável na marcha dos acontecimentos.

O chefe do Estado Maior do Exército do Próximo Oriente que era o tenente general Corbett, foi substituído pelo major general Mc. Creery. Este posto era de uma grande significação militar e por isso a escolha do major general Mc Creery foi recebida com viva curiosidade.

Na mesma altura o governo britânico decidiu criar, no Próximo Oriente, um comando independente de grupo de exércitos confiando esse cargo ao general Sir Henry Maitland Wilson que se distinguira, durante as campanhas da Grécia e do Iraque. O general Wilson desempenhava, na altura em que foi tomada esta decisão, as funções de comandante do 9.º Exército britânico, uma força a respeito da qual sempre se soube pouco mas que, segundo todas as probabilidades, nunca até essa altura atingira um grande volume de efectivos. O nome do sucessor do general Wilson só mais tarde foi revelado de maneira que aquêle oficial desempenhou, cumulativamente, durante algum tempo as funções dos dois cargos o que representava uma grande soma de trabalho, sobretudo quando se considerava que lhe cumpria também o encargo de reorganizar inteiramente as forças britânicas do Próximo Oriente e que essas forças iam ter um papel muito importante no curso próximo da guerra.

O Próximo Oriente, depois de liquidadas as campanhas da Síria e do Iraque e os incidentes suscitados no Irão, era uma zona estratégica de importância vital para a condução da guerra, de uma forma geral, e para as relações entre a U. R. S. S. e os seus aliados do ocidente, de maneira especial. A escolha do general Wilson era o reconhecimento das suas qualidades de diplomata, das quais dera exuberantes provas na Grécia, na Síria e no Iraque, e que se exigia ao mesmo tempo, a energia do militar e a habilidade do político, qualidades que nem sempre se encontram reunidas na mesma pessoa.

A JUSTIFICAÇÃO DAS MODIFICAÇÕES FEITAS

Quando regressou a Londres Churchill justificou, num discurso proferido perante a Câmara dos Comuns, as modificações de que tomara a iniciativa. Fê-lo nos seguintes termos: «Antes de sair de Inglaterra tinha razões para supor que



O general Alexander, que adquirira famosa reputação nas retiradas de Dunkerque e da Birmânia, era agora o chefe supremo dos exércitos britânicos em África



O novo comandante do 8.º exército, o general Montgomery, tão popular e espectacular como militar consciencioso, foi, durante muito tempo, o ídolo das multidões

as condições do 8.º Exército e das restantes tropas que se encontravam no Egipto não eram satisfatórias. O 8.º Exército, só à sua parte, perdera mais de oitenta mil homens. Foi obrigado a recuar mais de seiscentos quilómetros e durante essa caminhada perdeu uma parte do material, dos abastecimentos e dos meios de transporte de que dispunha. O marechal Rommel só pôde avançar, com a rapidez que todos reconhecem, porque utilizou esses meios de acção, que eram nossos. A estrutura daquele exército ficou gravemente afectada, depois da série de combates que se viu obrigado a travar sobretudo na região de Gazala.»

O sr. Churchill continuou assim a sua justificação: «Entre os nossos oficiais e soldados, posso afirma-lo, havia a convicção geral de que lhes seria possível bater os alemães. Quando me retirei, o espírito das tropas era excelente. Mas sempre julguei conveniente modificar o comando de uma forma radical, pois o 8.º Exército precisava entrar numa nova fase da sua existência. A minha opinião era inteiramente partilhada pelo Estado Maior Imperial, pelo seu chefe, general Alan Brooke, e pelo marechal Smuts que foi à cidade do Cairo a fim de conferenciar comigo.»

Nas suas referências ao novo comandante do 8.º Exército o sr. Churchill referiu-se a ele em termos entusiásticos e que não estavam muito nos seus hábitos: «É um dos nossos militares mais competentes, disse ele. Tinhamos, é certo, necessidade dele aqui em Inglaterra para certas missões. Mas a gravidade da situação na África do Norte levou a recorrer aos seus serviços. É um carácter de eleição, disse o sr. Churchill ao referir-se ao general Auchinleck. Alcançou uma vitória em Sidi Rezegh, em Novembro, e outra em Alamein, em Julho. Tenho esperanças de que os seus serviços poderão ainda ser utilizados nesta guerra, logo que terminar o período de licença que agora vai gosar.»

A DESPEDIDA DE AUCHINLECK

Era convicção, na Grã-Bretanha como entre os aliados e os adversários deste País, que a viagem do Primeiro Ministro ao Egipto e a substituição de comandos, que dela resultaria, se saldaria por conseqüências tão importantes como as que deviam resultar da sua viagem ao Irão e a Moscovo. Hoje, que vão decorridos dois anos sobre a sua realização, pode dizer-se, sem receio de errar, que sem elas a coligação das Nações Unidas talvez não houvesse resistido às provações gravíssimas que teve de suportar durante o verão dramático daquele ano.

Poucas vezes, efectivamente, no decurso de cinco anos de guerra, os Aliados estiveram tão próximos da derrota e os seus adversários da vitória. Os êxitos destes últimos não se traduziram apenas nos campos de batalha de África e da Rússia. Tinham conseqüências políticas incalculáveis reforçando a posição diplomática do bloco totalitário, especialmente na Europa, e criando um sentimento de desconfiança crescente entre as potências aliadas e especialmente entre a Grã-Bretanha e a Rússia. Foi nessa fase da guerra que o problema da criação urgente de uma segunda frente na Europa tomou uma grande acuidade e que a sua solução foi imperativamente exigida por manifestações públicas que percorriam as ruas de Londres e se dirigiam ao parlamento britânico.

Sob o ponto de vista da consolidação do bloco das Nações Unidas, as viagens do Primeiro Ministro realizou, no verão de 1942, desempenharam um papel capital na evolução da guerra. Foram elas que permitiram restabelecer a confiança abalada entre os membros dessa coligação e de maneira especial entre a Grã-Bretanha e a Rússia, e que se tomassem as providências militares urgentemente exigidas pelas derrotas militares suportadas em África pelas armas britânicas.

Em 19 de Agosto o general Auchinleck abandonou, oficialmente, as suas funções, dirigindo aos oficiais e soldados que prestavam serviço no 8.º exército uma comovente mensagem de despedida em que lhes agradecia a cooperação valiosa que todos tinham prestado para evitar que os desaires sofridos em Julho

se transformassem numa derrota irreparável pela resistência obstinada que tinham oposto ao inimigo na linha fortificada de Alamein.

PREPARATIVOS PARA NOVOS COMBATES

Entretanto era já nessa altura evidente que a luta se reacenderia logo que os dois adversários tivessem recebido os reforços necessários para esse efeito. Os reforços estavam chegando, cada vez em maior quantidade. Rommel recebia-os pelo caminho mais curto. Os ingleses viam chegar todos os dias, além de contingentes frescos, material em grandes quantidades e sobretudo aviões de todos os tipos. A aviação americana começava nessa altura a aparecer em quantidades crescente nos vários teatros de operações; pelo que dizia respeito ao teatro de operações africano era evidente que esses reforços se destinavam a assegurar aos aliados uma supremacia aérea considerada indispensável para modificar o curso dos acontecimentos.

Durante os últimos dias de Agosto tornou-se evidente que Rommel se preparava para passar rapidamente à ofensiva, desejando evitar que o adversário completasse os seus preparativos e, sobretudo, que recebesse cada vez mais reforços de aviação que não deixariam de lhe assegurar finalmente uma superioridade esmagadora. O tempo trabalhava a favor dos Aliados, que sólidamente instalados e tendo completado a recuperação e a reorganização do 8.º Exército se mostravam dispostos a repelir todas as tentativas agressivas do inimigo e a passar por sua vez à ofensiva, se surgisse para isso a devida oportunidade que desta vez se não perderia certamente.

A situação das forças do Eixo não podia prolongar-se por muito mais tempo no Norte de África. Rommel era obrigado a agir rapidamente para não perder a última possibilidade que lhe restava de beneficiar da vantagem assegurada pela experiência das suas tropas e pela desorientação que, durante algumas semanas, reinara nos meios dirigentes do Cairo. Era inútil pensar em realizar qualquer efeito de surpresa. Era inútil contar, também, com a superioridade material decisiva que acompanhara algumas das suas acções anteriores. A margem de superioridade que lhe restava era de ordem técnica e diminuía à medida que o 8.º Exército consolidava as suas posições e que os elementos novos que nele haviam sido incorporados se adestravam para os combates exigentes e duros que não tardariam a surgir.

(CONTINUA)



A cultura cinematográfica

NO Centro Universitário da Mocidade Portuguesa realizou-se recentemente uma palestra sobre a arte e a técnica dos desenhos animados, de Emil Cohl até Walt Disney. Foram projectados vários filmes, a ilustrar os passos da conferência, e o público, a julgar pelas informações recebidas, seguiu com o maior aprazimento esta sessão cultural.

Motivos alheios à nossa vontade impediram-nos, à última hora, de assistir a tão simpática jornada de divulgação cinematográfica. E a preferência de outros assuntos, de instante oportunidade, obstaram-nos de consagrar, neste cantinho, os comentários e os aplausos de que tão auspiciosa iniciativa é credora. Fazemo-lo hoje, tardiamente, mas com o mesmo interesse da primeira hora.

O cinema, a mais jovem de todas as Artes, a única de que o homem se pode gabar de haver seguido a evolução, desde o seu nascimento até às mais altas expressões dos nossos dias — como notou Jacques Feyder — possui, a despeito dos seus quarenta e cinco anos, uma História, com as suas eras, os seus fastos e os seus acontecimentos. E, ligados a esses momentos culminantes, há os pioneiros e os bandeirantes da Arte, os sábios e os inventores dos aperfeiçoamentos técnicos, os artistas e os cultores — e até os mártires e os profetas.

As personalidades e os factos do mundo do cinema constituem, só por si, temas apalzonantes para os estudiosos. E aqueles que olham a Sétima Arte sob os seus aspectos mais puros e mais elevados, encontram na sua História matéria de sobra para dedicar, com proveito, atenção, disselos e cuidados.

A curiosidade da massa geral do público pelos assuntos de cinema foi explorada hábitmente pela América, para «lançar» as suas vedetas. A vida dos artistas detroux de pertencer ao domínio privado para ser romaneada e divulgada ao sabor da fantasia dos «publicity-men» de Hollywood. Conventiou-se, deste modo, que a cultura cinematográfica se restringia ao conhecimento da biografia das estrélas e, conseqüentemente, à crônica mais ou menos escandalosa dos seus amores e devaneios sentimentais. O «cinéfilo» passou assim a ser o menino ou a menina que copiava no traje e no arranjo físico as suas vedetas favoritas, e que, colecionando fotos e autógrafos das mesmas, era capaz de papaguear os nomes dos sucessivos consortes ou dos artistas com quem haviam estado para casar.

O «clichê» prestava-se para a caricatura... E aquelas pessoas que, do alto da sua insensibilidade ou ignorância, afectavam ter pelo cinema um desdém superior, não tardaram em classificar, no ficheiro dos «idiotas», os que, tendo nascido ao mesmo tempo do que o cinema, viam nessa Arte, que consubstancia todas as Artes, um tema sério para reflexões, de importância transcendente, dada a sua extraordinária projecção no mundo espiritual dos homens.

Hoje, o Cinema, vai sendo olhado com mais respeito. Os detractores, por pretensa superioridade intelectual, não tiveram remédio senão render-se à realidade dos factos. E a vida privada das estrélas vai cedendo o passo, na crônica dos jornais e nas preocupações dos que se interessam por estas coisas de cinema, aos assuntos sérios que se prendem com as tendências da Arte, com os problemas da indústria, com os seus reflexos na vida dos Povos e no intercâmbio espiritual das Nações.

O Centro Universitário da Mocidade Portuguesa, ao promover a conferência sobre os Desenhos Animados, marcou uma atitude de compreensão, dentro do quadro das preocupações cinematográficas dos nossos dias. E todos aqueles que ali foram, com o desejo de saber alguma coisa do Cinema — o mundo dos nossos bonitos — poderão, com orgulho, proclamar-se cinéfilos, título que reivindicamos igualmente para nós — e que estamos prontos a defender, sempre que para tal se apresente o ensejo.

Que a iniciativa a que aludimos seja a promessa de uma série frutuosa, são os nossos votos. E conhecê-lo estarão por certos os verdadeiros, os legítimos, cinéfilos portugueses.

FERNANDO FRAGOSO



A MANEIRA DE PREFACIO...

POR estranho que pareça, esta entrevista foi marcada há mais de mês e meio, ou seja, cerca de duas semanas antes da estreia de «O Violino de João». E porquê? Porque eu previa, nessa altura já, o que iria acontecer pouco depois. Nada me surpreendeu, portanto: nem as deficiências técnicas e artísticas do filme, nem as reacções do público, nem as atitudes da maior parte da crítica. E porque previa isso — porque esperava a imperfeição de Braz Alves, como realizador, na sua primeira obra, porque «sabia» que técnicos e artistas tinham trabalhado deficientemente, e, na maior parte dos casos, sem interesse algum pela obra, porque conhecia a sufreguidão com que alguns críticos esperavam a obra para soarem o seu autor, impedidamente — eu pedi a Braz Alves que guardasse para mim e para «Vida Mundial Ilustrada» a sua primeira entrevista, depois da estreia de «O Violino de João». E agradeço-lhe, sinceramente, a sua honestidade. Apesar de eu ter demorado, de propósito, o nosso encontro — e, fê-lo, na intenção de deixar passar o tempo suficiente para todos os «debates» e, por consequência, o tempo suficiente para uma demorada e consciente reflexão sobre o «caso Braz Alves» — ele teve a ombridade de não fazer quaisquer declarações públicas à imprensa, antes da minha visita.

Pôsto isto, é necessário também que eu esclareça a minha posição perante Braz Alves e o seu filme. Ele próprio me pediu que o fizesse, no início desta entrevista. E assim como o disse a ele, desasombradamente, aqui o repito aos leitores:

Louvo Braz Alves pela intenção séria com que veio para o cinema nacional, intenção de fazer arte antes de fazer comércio. Louvo Braz Alves

por ter pretendido construir uma obra, sem se filtar em panelinhas ou camarilhas, que tão vulgares são no nosso meio.

Censuro Braz Alves pelo arrajo de querer ser realizador cinematográfico, sem possuir o mínimo de recursos indispensáveis para isso. Censuro Braz Alves por ter confiado abertamente nos seus colaboradores, esquecendo-se ou ignorando — que um realizador não se limita a dirigir apenas as filmagens e, sim, também, os próprios colaboradores. Censuro Braz Alves pela escolha dos intérpretes para a sua obra, salvo uma ou duas excepções, e ainda por não ter sabido utilizar-se deles, cinematograficamente.

Considero «O Violino de João» um filme muito deficiente — mas não mais deficiente do que grande parte dos filmes portugueses, alguns dos quais assinados por nomes de alto calibre. A história de «O Violino de João» não era cinematográfica, a não ser que o realizador conseguisse apresentar um grande filme de expressão, o que não conseguiu, de modo algum. E pergunto: Se apontaram tantos erros a Braz Alves, sendo ele um novato — porque não apontam esses mesmos erros, e alguns ainda maiores, aos outros realizadores, que não são novatos? Por conveniência? Por comodismo? Por medo?

E, por fim, lamento que de entre tanta gente que rodeou Braz Alves, durante a produção — e alguns andam agora a dizer mal de tudo que se refere ao filme — ninguém tivesse a coragem ou a amizade ou o bom senso — ou, sobretudo, a imparcialidade honesta — de apontar a Braz Alves os defeitos que a sua obra possuía. Mas não houve! O filme foi passado em sessão privada — e todos acharam bem. Alguns disseram mal... mas só depois da estreia!

Apresentado, portanto, esta espécie de prefácio, necessário à entrevista, vejamos o que Braz Alves responde às acusações que lhe foram feitas e como ele encara o seu próprio caso...

«ESTOU SATISFEITO COM OS VERDADEIROS CRÍTICOS!»

A primeira pergunta é apenas para lhe sondar o espírito. Uma pergunta quasi ingénua:

— Qual é a sua opinião sincera sobre «O Violino de João»?

Braz Alves recosta-se, segura um «dossier» e abre-o lentamente. Depois, procura uma página. E aponta-nos uma crítica de Faúlter Freire.

— Respondo-lhe, em síntese, com algumas afirmações escritas por um homem culto e inteligente — «É um filme português, feito por um português, ao sabor das platéias portuguesas. É um poema lírico, musical e perpassa através dele um sentimento de ternura ao sabor da minha e da nossa sentimentalidade». É este também o meu juízo sobre «O Violino de João»... Mas para o senti, assim é preciso vê-lo com a sinceridade com que o público ainda não o conseguiu ver, em virtude do ambiente barulhento de escândalo com que um grupo de «engracados», feridos não sei porquê, mal-intencionados, quis demolir, sem respeito e sem nobreza, a minha obra!

Braz Alves fala sem ser interrompido. Pode assim concretizar melhor os seus pensamentos. E interessa que se conheçam bem as suas opiniões, os seus pensamentos — para que ele possa ser julgado...

Agora é Braz Alves que fala, sem que lhe seja feita pergunta alguma. Mas ele pretende esclarecer a ma-



OS MELHORES INTERPRETES DO ANO!

ESTA é uma das primeiras fotos do banquete da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, durante o qual foram proclamados os melhores intérpretes de 1943 — Paul Lukas, pela sua criação em «A Guarda do Reno» e Jennifer Jones, que encarnou a figura da iluminada de Lourdes, no filme «A Canção de Bernardette». Os dois artistas posam com os «Oscars», ou sejam os trofeus que documentam o seu extraordinário labor, o prémio mais ambicionado por todas as vedetas de Hollywood.

No rescaldo das acusações

BRAZ ALVES Responde!

neira como o público tem recebido o seu filme. E afirma:

— O público que sabe sofrer, amar, sentir, enfim — gostou. O filme mesmo é feito para o povo e para todos que não tenham vergonha de se sentirem emocionados. E esses souberam perdoar os defeitos para ver as virtudes. Mas em toda a parte quando o filme entra verdadeiramente no drama, o silêncio e a emoção dominam o público. E isso me basta!

Sem querer, vem-me à lembrança a noite da estrela... E, então, a propósito, levanta-se uma nova interrogação:

— Que lhe parece a atitude da crítica e dos críticos?

Braz Alves leva tempo a reflectir. Muito tempo mesmo. Contudo, resolve-se a falar:

— A crítica, entre nós, tanto é a arte de julgar como a de maldizer. Mas na apreciação da minha fita, houve ainda mais uma modalidade — a arte de matar... ou tentar matar...

E após uma ligeira pausa:

— Destruída assim a crítica, já lhe posso responder com maior calma. Quanto à primeira, ao do julgamento da fita, é um esforço. E eu estou grato a esses homens. Contrariamente ao que muita gente julga, estou até muito satisfeito... Uns censuram o argumento e louvam a realização, outros censuram esta e louvam aquela. Uns censuram a técnica e louvam a realização, outros louvam quasi tudo, outros quasi nada... Mas, acréscito: dum forma geral todos aqueles que criticaram o filme por dever de críticos e com o são critério de homens, foram unânimes em lhe reconhecer entre os defeitos, que não podem deixar de ser, algumas qualidades ou virtudes... E a não desclassificam entre os bons desejos e as boas intenções com que se faz cinema em Portugal. E isto é muito animador para quem principia. Alguns foram mesmo mais longe, inclinando-me a que continuasse!

De novo, uma pausa. E logo, num reasso de energia:

— Agora, quanto à outra «pseudo-crítica», ao barulho dos «engraçados»... Eles quiseram matar o filme na nascença, quiseram escangalhar o homem que sentiu os cativar, sem o lisongear, sem lhes pedir licença, enfim, quis fazer alguma coisa... E eu, desastrosamente, esqueci-me que eles tinham na mão os jornais, as revistas... e tudo aquilo com que às vezes se eleva o que não vale e se rebaba o que tem algum valor.

Devo confessar-lhe, no entanto, que esses senhores me dão uma triste ideia de si. Parecem um daqueles «Zés-Pereiras» a fazer barulho junto dum casa sossegada, só para não deixar que na rua se ouça o Concerto que vai lá dentro.

Braz Alves pára e olha-me. Eu sorrio, mas não faço comentários... E ele continua, impetuoso:

— Mas esqueceram-se, esses senhores, que ficaram amarrados às suas próprias palavras... e o tempo é um grande mestre, pode ensiná-los a serem corteses e respeitosos pelo esforço dos outros. Respondo a todos, dizendo-lhes: Foram maus! Alguns esqueceram mesmo a educação que certamente os pais lhes deram em pequenos. Num país civilizado devia haver o máximo respeito pelo trabalho de cada um — e todos que errarem deve-se ainda a atenção de os chamar à ordem sem grosserias. Eu posso ter errado, mas pergunto: de quem ferir a economia? Do país? Dos estúdios? Dos artistas, do pessoal especializado e não especializado a quem dei trabalho? Não, decerto. A esses, só lhes foi útil a minha produção. A quem, portanto? A quem roubou? Ao público? Nem a esse. Mesmo que a minha fita fosse pior do que todas as outras, e não o é, segundo eles próprios confessam, nem assim eu roubava o público. Bastaria a crítica honesta e honestamente os erros e apontasse as virtudes, se as houvesse, para orientar o público... Quem foi pois o roubado? Foi eu! E o roubo é proibido!... Tantas e tão levanias afirmações têm sido feitas que até já um

desses «senhores críticos engraçados» teve de se retrair e pedir publicamente desculpa aos críticos que disseram bem do filme. Já vê... Desgraçado feito, o de alguns portugueses!

Mas, creia, se esses, os engraçados, me dão piedade e repulsa, os outros, têm a minha gratidão. Estou satisfeito com os verdadeiros críticos, os que foram honestos e leais, tanto a dizer mal, como a dizer bem!

O CASO DE IGREJAS CAEIRO...

A conversa deriva. Braz Alves afirma, convicto, que ele próprio não tem ilusões quanto à perfeição do seu filme, mas sente que fez alguma coisa como cinema de expressão. E se mais não fez...

Há uma paragem. Eu aproveito a oportunidade e pergunto:

— E se mais não fez?

Ele hesita, mas acaba por se resolver.

— Longas histórias... A minha organização foi deficiente. Queixo-me de mim. Em todo o caso, é muito difícil num país de cépticos obrigar quem trabalha a dar do seu trabalho a melhor conta que puder, apesar de ter aceite o trabalho livremente.

E dando uma entoação forte às suas palavras:

— Sim, porque eu não obriguei ninguém a trabalhar no filme e desde o primeiro artista ao último moço, todos foram contratados livremente e livremente aceitaram as condições e o que se lhes exigia nos contratos. Com que direito, portanto, se desempenharam deficientemente de daquilo que mais e melhor podem fazer? Ou não sabem fazer aquilo que de obrigação deviam saber para terem o direito de assinar um contrato?

Braz Alves espira o olhar pela sala. Sinto que quer dizer mais alguma coisa. E ele acaba por falar:

— Olhe, por exemplo, Igrejas Cairo disse publicamente — e por isso me refiro ao facto, numa emissora local (o rádio Acordeão), horas antes da estreia: «O meu papel em «O Violino de João» ainda não é o papel que eu sonho. É um papel romântico que está fora da minha sensibilidade e em que só digo banalidades!».

Bem vê, isto só por si justifica que nem todos compreendam o sacrificio da minha heróica. Pois a quem vai ela salvar com o sacrificio da sua vida? O ingénua, o romântico, o artista simples que se entrega a um sonho? E onde está ele?

As mãos de Braz Alves batem forte sobre a secretária. E, num desabafo, acentua:

— Não, o papel do João não é banal, é grande! Bastava a circunstância dum artista de declamação se ter de mostrar violinista, para o tornar tudo, menos banal. E justamente em «O Violino de João» a dificuldade do papel era grande e essa dificuldade foi talvez a minha maior falta, pois tal como a resolvi obrigou-me a abusar dos outros artistas para conseguir preencher o momento e a expressão que devia recair quasi que exclusivamente sobre ele!

COLABORADORES. EIS A GRANDE DIFICULDADE!

Interrogo-o agora sobre as acusações que lhe foram feitas acerca dos colaboradores. Braz Alves, porém, não me deixa continuar:

— Reconheço inteiramente que a grande dificuldade reside aí, nos colaboradores. E quanto aos boatos da minha propetência são falsas. Acaso exigir o cumprimento dum dever de propetência? E, enfim, alguns colaboradores não fizeram melhor, porque não souberam ou não puderam?

— E quanto às acusações sobre a sua falta de conhecimentos técnicos e artísticos, a sua incompetência cinematográfica?

Braz Alves tem um leve encolher de ombros.

— A resposta teria de ser longa,

para ser precisa. Mas se eles me acusam, lá sabem porque o fazem... Ou talvez não saibam. Que aliás apeteço-me dizer-lhes que há para essas coisas também uma medida. Decerto a medida com que eles próprios se medem...

Desvio um pouco o rumo da entrevista:

— Achei grande diferença entre aquilo que idealizava fazer e aquilo que realmente fez?

— Desta vez, a resposta não demora. — Sim! Por muito perfeita que seja uma obra, quem fica satisfeito? E quando ela apresenta dificuldades como «O Violino de João», baseada essencialmente numa expressão lírica, cuja complexidade de imponderáveis é real, não podia deixar de se ressentir das minhas próprias dificuldades e das dificuldades dos meus colaboradores, lançados numa forma diferente de expressão cinematográfica usual entre nós.

O JULGAMENTO DOS INTERPRETES...

Fala-se agora sobre os intérpretes de «O Violino de João». Braz dá afotamente o seu juízo acerca da forma como actuaram. E diz:

— A interpretação de Ada Luftman — não devemos esquecer que se trata do seu primeiro filme — não desmereceu da minha expectativa nem dum afirmação de João Villaret quando a ensaiou. Tem qualidades emocionais, vive o clima da sua personagem e sofre com ela. A crítica também o reconhece, dum forma geral. E se o seu desempenho não resulta, tanto quanto devia, é porque a Ada Luftman está prejudicada na sua actuação. De facto, por vezes, está mal vestida, mal penteada, mal «maquillée», mal iluminada e mal filmada. Veja que durante o filme, Ada Luftman apresenta vários aspectos fotográficos com grande diversidade de plano para plano, e é essa diversidade de apresentação que leva o público a julgá-la pouco segura...

Quanto a Igrejas Cairo, éle próprio disse o que havia a dizer. Infezivelmente, não sentiu nem viveu o seu papel.

João Villaret quanto a mim, e quanto a todos, foi soberbo. Ele só, enche um filme!

A Erico Braga faltaram-lhe simplesmente os amigos de D. Jacinto. Se tivesse à sua volta, os amigos previstos para a cena do restaurante, por exemplo, ficaria completo o ambiente propício à sua figura. Culpa tive eu, de novo, por deixar que algumas cenas fossem filmadas com as deficiências apontadas!...

Emília de Oliveira, por sua vez, esteve prejudicada pela pressa com que foi filmada. Mas havia uma «tourné» e tudo se sacrificou ao tempo... Mas é uma artista de admiráveis recursos, que mesmo assim a impuseram. António Rosa revelou uma grande máscara para o cinema...

— E quanto ao som? — É serem faladas em português. O público quer ouvir tudo, perceber tudo... e isso, que é muito natural, traz a quem ouve, o aborrecimento de não o ter conseguido por completo...

TALVEZ VOLTE AO CINEMA!

A entrevista vai longa e aproxima-se da parte final. Inquiri sobre as condições fundamentais para o triunfo do cinema nacional. E Braz Alves sorri, ao responder:

— A tudo quanto eu possa dizer, há ainda a acrescentar o seguinte, que reputo primordial: — Respeito e boa-vontade daqueles que nada fazem!

E para finalizar, uma pergunta de interesse público:

— Vai tentar de novo o cinema?

Braz Alves recosta-se um pouco. E fala, pausadamente:

— Dizem que o cinema é moléstia que jámais larga quem com ela se meteu. Será verdade? Se o fór, talvez insista no mesmo processo. Talvez volte ao cinema! Ando em busca dum expressão para todos os sentimentos e não é agora, depois de velho, que me emendarei...

Quanto aos meus erros, a aprendizagem foi boa... foi mesmo melhor do que muita gente supõe. Até fiquei a conhecer os defeitos daqueles que tantos defeitos me apontaram...

E com estas palavras, termina a entrevista. Ela aí fica, reproduzida o mais textualmente possível. Não necessita dos meus comentários. O leitor se encarregará de comentar, á sua vontade...

G. M.



Até há pouco tempo era, apenas, uma das muitas «raparigas bonitas da Cinelândia». Hoje, Susan Hayward, promovida a vedeta, brilha, em todo o fulgor, entre as mais recentes «descobertas» da Cinelândia! Uma «descoberta», claro está, que tardou muitos anos a revelar-se... Porque Susan Hayward trabalha no cinema desde longa data e era considerada uma rapariga bonita sem talento... Quantas, entre tantas outras, aguardarão a sua hora?!

A ESPOSA

(Continuação da pág. 32)

Daí a pouco, vê-lo-la chegar. Todas as noites, ao ouvir-lhe os passos, deixava tudo que tinha nas mãos e corria ao seu encontro. Traria hoje no rosto o sorriso de sempre? Tomá-la-la nos braços e beijá-la-la? Como deveria proceder?...

O melhor seria ir-se embora, antes que ele chegasse. Deixaria a carta em lugar bem visível. De que mais necessitaria como justificação do seu gesto?... Não a veria mais. Tinha-a ferido no mais íntimo dos seus sentimentos... Não era digno dela!...

Mas, não o ver mais, renunciar a ouvir-lhe a voz, renunciar à doçura dos seus olhos negros, que a envolviam completamente, numa insofismável ternura; renunciar a sentir, falsa ou mentirosa, sobre a sua, a pressão da sua boca; renunciar à carícia das suas mãos e ao calor da sua alma!...

Destruir, num minuto, a obra de amor e ventura que, pouco a pouco, com sublime cuidado e ternura tinha edificado, e não poder esperar mais nada da vida, porque um amargo ceticismo se fôra assenhoreando da sua alma!...

Não... não podia abandoná-lo. Digno ou não dela, acima de tudo era seu marido. Amava-o loucamente. Amava-o com todas as forças da sua alma e do seu ser!... Não havia uma partícula da sua vida que lhe não pertencesse!... Não havia um sentimento da sua alma que não fosse dele!... Ninguém podia amá-lo como ela o amava!...

Dentro de um momento tê-lo-ia na sua presença. Que chegasse, com todos os dias, com o seu adorável sorriso nos lábios. Mentiria para o salvar, para que fosse sempre digno do seu afecto e, ainda mesmo com o coração sangrando de dor, a encontraria sorridente e meiga.

Porque era nova e bela, os seus encantos realçariam mais ainda. O seu carinho, aumentado pela dor de o haver perdido, poria em jôgo toda a arte que a mulher sabe empregar para atrair seu marido!...

Seria terna, afectuosa, e sedutora. Vigiar-lhe-ia as horas livres, e, com tirania carinhosa, reclamá-la-ia todas para si; renovar-se-ia a si própria cada dia; reñir-ia a graça de muitas mulheres, para resgatar o que lhe tinham roubado, e teria um encanto mais — o encanto que nasce da dor e embeleza a alma!...

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. **ATE HOJE AINDA NÃO APAREceu COISA MELHOR**

À venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00

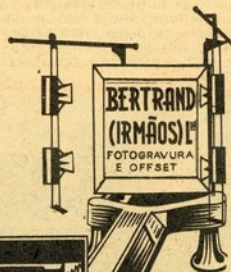


Uma defesa permanente contra as bactérias e uns dentes sãos e brancos terá V. Ex. na boca ao usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET
LITOGRAFIA



Fornecedores do Estado Português

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
P. B. X. 21368-21227



EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLI	30,75		
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56		
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS	19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9				
20,45								
					(Meia hora de programa especial)			
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	25,3	WGEX	25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX	25,4
22,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLI	30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLI	30,77		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

PAPYRUS

PAPYRUS — O melhor papel para escrever

PAPYRUS — O melhor papel para imprimir

PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.

PAPYRUS — Os melhores livros comerciais

PAPYRUS — Os melhores sobrescritos

PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelerias e Tipografias

PAPYRUS
Extra Strong

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA»

FIXINA
O fixador de cabelo das pessoas distintas

1944

Bolão maior, 15\$00

Bolão menor, 10\$00

de-se nas boas drograrias, barrias e outros estabelecimentos. oratórios Rudi — Rua S.ª Ildesoo, 29, Pôrto — Representantes Lisboa: Agência Comercial V. F. Ltd.ª — Rua dos Fanqueiros, 135-3.ª, Dt.ª — Telef. 4 5582.

A BOLSA DO LIVRO

Praça de D. João da Câmara, 4-4.º
LISBOA TEL. 2 8470

compra, vende troca,
emprêsta e leilão
livros em todo o país.

Informações bio-bibliográficas, etc.

Única organização

no seu género

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

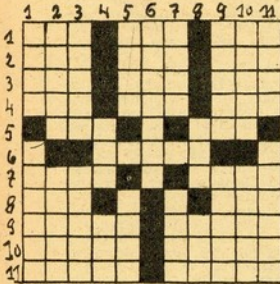
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º - LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 36

Por Artur Mário da Mota Miranda (Faro)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Pequena bigorna de aço e sem hastes; pau-ferro; pessoa velhaca. 2 — Espécie de sapo; gemidos; costela inferior do boi; 3 — Sentir; porcos; concórdia. 4 — Galão; hera; espaço de tempo. 5 — A barlavento; ocasião. 6 — Molusco que se cria nos rochedos. 7 — Juba; sacerdote budista. 8 — Constelação austral; pátria. 9 — Balisa; coral azul. 10 — Vedeta; árvore da família das palmeiras. 11 — Vagalhão; molestar.

VERTICAIS: 1 — Género de mamíferos desdentados da América do Sul; dispor em camadas. 2 — Empada feita de broa com carne de porco; balófo. 3 — Relativo à barriga da perna; espiritual. 4 — Buraco; espécie de cotovia. 5 — Embarcação ilgeira; pateta. 6 — Bebedeiras. 7 — Planta africana; deus dos fenícios, babilónios e cartagineses. 8 — Nome de árvore cuja casca aromática o vinho; greda branca. 9 — Cortar muito rente; planta liliácea muito amargosa. 10 — Madeira escura, dura e pesada; categoria. 11 — Sacerdote de Camboja; romper.

PROBLEMA N.º 35

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Afago; ducal. 2 — Fatal; orate. 3 — Alisa; sóror. 4 — Mar; pal. 5 — Amassadeira. 6 — Al; al. 7 — Acalmemos. 8 — Bom; are. 9 — Ataca; abris. 10 — Datem; motos. 11 — Arame; ameno.

VERTICAIS: 1 — Afama; abada. 2 — Falam; cotar. 3 — Atra; amata. 4 — Gás; sal; cem. 5 — Ola; sim; aje. 7 — Dos; dar; ama. 8 — Uro; éle; bom. 9 — Carpi; Marte. 10 — Atoar; orion. 11 — Leria; sesso.

DAMAS

(Secção espanhola)

De «La Provincia» — Las Palmas, Espanha

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE «DAMAS» (Continuação)

Bases — Solucionistas

9.º — Também os solucionistas têm 3 prémios iguais aos da base 3.º, que serão concedidos aos três que mais pontuação obtiverem.

10.º — Dar-se-á 30 dias para resolver o problema ou problemas (nunca mais de 4), que se publiquem em cada número.

11.º — A pontuação será de 5 pontos. As duplas soluções, 5 pontos. A demonstração de insolubilidade, 7 pontos. A demonstração de ilegalidade, 5 pontos. Um erro na dupla solução, ilegalidade ou insolubilidade fará perder 3 pontos aos 4 ganhos. A supressão de uma variante perde 1 ponto por cada variante suprimida.

É preciso dar a chave (a ameaça, se a há, deve assinalar-se) e todas as segundas das brancas em resposta às primeiras das pretas. As outras, se não forem importantes, podem suprimir-se.

12.º — As soluções de cada problema, em papéis separados, devem ser enviadas dentro do prazo indicado às direcções já mencionadas para os problemas.

13.º — Se um problemista for também solucionista deverá remeter assim mesmo as soluções e a pontuação que lhes dizem respeito.

14.º — As decisões do árbitro, tanto nos problemas como nas classificações dos solucionistas é inapelável e indiscutível, e «La Provincia» não aceita mais responsabilidade que a do cumprimento, de boa fé, destas bases.

15.º — Durante o Concurso iremos publicando a classificação respectiva dos solucionistas. Quando algum dos solucionistas deixe de mandar 3 números seguidos as suas soluções, considera-se retirado voluntariamente.

16.º — Os solucionistas comprometem-se a aceitar estas bases e a não copiar uns dos outros as soluções. A comprovação desta falta elimina a ambos os solucionistas.

DEFINIÇÕES

Problema — É uma composição temática que termina em número fixo de jogadas por mate. Enuncia-se assim: As brancas jogam e dão mate em X jogadas.

Final artístico — É uma composição temática com número indeterminado de jogadas. Enuncia-se assim: As brancas jogam e ganham ou empatam.

Mate — É uma posição consecutiva a uma jogada das brancas, em que joguem as pretas como jogar, as brancas têm forçosamente que aniquilá-las, não podendo haver nenhuma jogada livre em que as brancas não tomem peça.

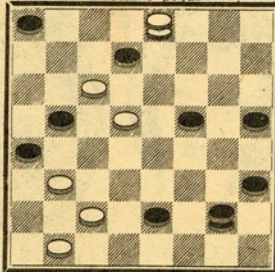
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE «DAMAS»

PROBLEMA N.º 3

Lema: «Modéstia»

«La Provincia», 5-7-944 — Las Palmas, Espanha

Pretas 9 peças



Brancas 6 peças

Mate em 5 jogadas

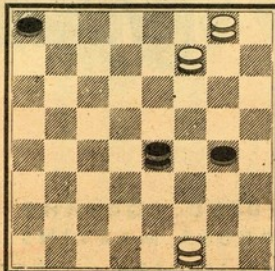
PROBLEMA N.º 4

(Final)

Lema: «Lusada 1.º»

«La Provincia», 12-7-44 — Las Palmas, Espanha

Pretas 3 peças

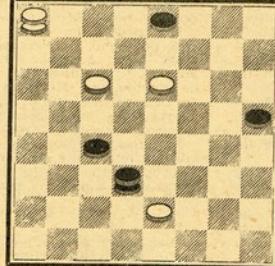


As brancas jogam e ganham.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 42 (Concurso)

Por: Lusada (Lisboa)

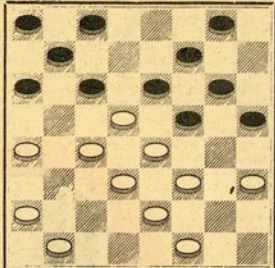


JOGO N.º 9

Jogo disputado no Café Nacional entre Carlos Alberto Pereira Gonçalves (brancas) e Luís António David (pretas).

Brancas	Lances	Pretas
10-14	1.º	22-18
5-10	2.º	23-20
1-5	3.º	27-22
12-15	4.º	20-16
14-19	5.º	21-17
10-14	6.º	23-21
5-10	7.º	30-27
7-12	8.º	16-7
3-12	9.º	23-20
12-16	10.º

Posição do jogo ao 10.º lance das brancas:



.....	10.º	23-20
16-23	11.º	17-13
10-17	12.º	24-20
15-24	13.º	22-15
11-20	14.º	28-3 (D)

As brancas abandonam.

PROBLEMA N.º 39 (Concurso)

Solução

10-14	3-10	22-26	7-12
23-1	30-21-14-5	29-22	16-7
4-18-31-24-2 g.			
P.			

PROBLEMA N.º 40 (Concurso)

Solução

3-7	7-4	15-19	11-18
13-6	16-7	23-14	21-14
4-11-21-30-20-2-9 g.			
P.			

FINAL DO JOGO N.º 10 (Concurso)

Solução

1.ª hipótese

31-24 (*)	24-11	9-13	11-6
23-19	29-26	26-21	19-14
13-17	17-21	6-17	17-6
21-18	18-13	25-18	P. g.

(*) Se 31-18, P. 23-20 e E. em todas as hipóteses.

2.ª hipótese

31-24	24-11	9-13	11-14
25-21	29-25	21-17	17-10
14-5 5-14 14-7			
23-20 20-15 P. g.			

3.ª hipótese

31-24	24-11	9-13	11-4
29-26	26-22	23-19	19-15
4-7	7-25	25-11	11-4
25-21	15-12	12-8	22-19
4-25 g.			
P.			

O receio do Ventura



— Oxalá eu chegue a tempo...



— O Ventura, onde vais com tanta pressa?...



— Comprei mesmo agora um chapéu para a minha mulher e quero chegar a casa antes que passe a moda...

ATENÇÃO

Por falta de espaço deixou de se mencionar os nomes dos nossos amigos capitão Evaristo António Borges (Pórtio), Dr. Carlos Lafora (Canárias), Carlos Pereira (Lisboa) e António Lopes (Ovar), a quem também era dedicada a página de «Passatempo» do nosso último número.

— O Final do Jogo n.º 13, de F. Henriques, está demolido.

A ESPOSA

(DRAMA VIVIDO POR UMA MULHER CIUMENTA)

Por H. da Paixão — Ilustração de Fernando Bento

Há quanto tempo estava ela ali sentada no quarto? Havia muitas horas... Talvez ali tivesse passado toda a tarde. A obscuridade começava já a projectar a sombra dos móveis no aposento. Levantou-se, acendeu a luz e, instintivamente, viu-se ao espelho. Estranhou encontrar-se vestida e de chapéu como se fosse sair.

Tirou o chapéu e colocou-o sobre a cama. Alisou os cabelos e, demoradamente, viu-se de novo ao espelho, de cabeça bem levantada.

Tinha vinte e oito anos, era bonita e tinha um temperamento de eleição. A sua ternura, a sua docilidade, faziam dela o símbolo da mulher que ama com verdadeiro afecto.

Sabia naturalmente o que valia, mas não se deixava dominar pela vaidade. Por isso a sua modestia a tornava mais bonita e sedutora. Quando aqueles que a admiravam lhe dirigiam elogios, respondia com simplicidade:

— Sou assim, como poderia ser de outra maneira; mas não sou diferente das outras mulheres!...

Agora, como que hipnotizada por si própria, continuava a ver-se ao espelho. Parecia querer fazer transparecer a alma e, talvez, o conseguisse; pois, na sua atitude, de olhos semi-cerrados, na boca entreaberta, como se a oferecesse, via o encanto, a sugestão que exercia sobre as pessoas. Mas, havia uma coisa que já não sabia suggestionar — o seu marido, que já a não amava!...

Ao pronunciar esta frase em voz alta, o eco da sua própria voz, dolorida, fé-la estremecer de dor.

Toda a tarde lutara para dominar o tumulto de idéias que ameaçavam enlouquecê-la. Impotente para continuar a luta, sentia que o afrouxamento dos nervos a deixava abandonada a um só pensamento: — o seu marido já a não amava!...

Como a violência de uma corrente caudalosa, que rebenta os diques e inunda a planície, as idéias contidas, dominadas, durante toda a tarde, descobriram-lhe brusca, desapidadamente, e com a crueza da verdade, a imensidão da sua desventura!...

E como tinha sido? Seu marido, como sempre, saíra depois do almoço.

Nessa tarde, devia ela sair para fazer umas compras. Na véspera, tinham visto ambos um lindo vestido na montra de uma casa de modas, e ele instara com ela para que o comprasse.

Tudo lhe passou pela memória, tendo-se a evocar facto por facto. Recordava-se que ele, ao despedir-se, a beijara. De olhos fechados, quis relembrar a expressão do marido nesse momento, para se decidir sobre se a beijara com afecto e carinho!...

Depois, preparou-se; e, quando ia para sair, notou que uma porta do guarda-fato estava aberta. Quis fechá-la; mas um dos casacos do marido impediu-lho.

Que espírito maligno interveio para que, ao afastar o casaco, um ruído de papéis lhe despertasse a curiosidade?...

Palpou a algibeira e retirou dela uma carta... Estava fechada. Mas reconheceu no envelope a letra do marido. Era endereçada a uma mulher!...

Um estremecimento percorreu-lhe o corpo e quasi lhe paralizou a circulação do sangue.

Sentou-se no sofá para ludir a sua perturbação. Depois, leu e releu o nome. Era harmonioso, mas, para ela, completamente desconhecido. Então, pensou colocar a carta no lugar donde a tinha retirado e resistir à tentação de a abrir; passou-lhe pela cabeça rasgá-la, sem a ler; mirou-a contra a luz, para ver se descobria o que dizia. Por fim, o desejo de saber a verdade foi mais forte e sobrepos-se a tudo... Abriu-a!...

Era uma delicada carta de amor, em que os sentimentos de um homem enamorado se revelam com toda a sua evidência!... Ela, que sabia bem como o marido se exprimia nos seus momentos apaixonados, reconheceu-nessa carta.

Por grande que fosse a dissimulação de que se servia para enganar, essa malfadada carta, que lhe rasgava a alma e lhe dilacerava o coração, desmascarava-o infalivelmente.

A revelação era brutal!... O seu marido já a não amava!... Amava loucamente outra mulher!...

Amarfanhou a carta e ficou petrificada, horas a fio, sentada no sofá.

Reviveu mentalmente a sua vida.

Uma boa estrela a tinha guiado e protegido.

Sua mãe dizia-lhe muitas vezes que tinha nascido predestinada para a felicidade; a sua existência deslizara sempre doce e aprazível, sem o menor contratempo. Assim passou a infância e chegou à adolescência. Depois, conheceu-o. Era amigo e companheiro de escola de seu irmão. Todos os dias ia a casa de seus pais para, com o irmão dela, prepararem as lições do dia seguinte. Ela andava então pelos dezassete anos e ele pelos vinte.

Que podia suceder? A princípio, conversavam sobre coisas triviais, como amigos, sobre livros de vários autores, cuja leitura lhes despertava interesse, de cinema, etc. Mas, um dia, estavam sós e, ao entregar-lhe um livro, ela notara que lhe apertava as mãos com certa impaciência!... E, nessa atitude, fitaram-se por longo tempo...

Nos dias seguintes, ela evitava os encontros, até que uma noite, no jardim, ele, trémulo de emoção, confessava-lhe o seu afecto e, com ansiedade, tomara-a pela cinta e tentara beijá-la.

Diante dos seus olhos atribulados pelo desgosto, foram desfilar, como num cenário, as visões dos seus anos venturosos, o seu noivado, a felicidade invejável de toda a sua vida de casada!...

Tudo se lhe amontoava no pensamento, como prólogo de uma obra, cujo desenlace se encerrava naquele pedaço de papel amarratado que tinha nas mãos!...

Teve a coragem de reler a carta. As palavras eram como dentes de lobo afilados, que se lhe fincavam no coração.

Não pôde resistir mais. E um pranto convulsivo se apoderou dela.

Através das lágrimas, via os objectos que ornavam os móveis do quarto — bibelots, estatuetas, bonecas de porcelana, frascos de perfume, tudo o que lhe havia sido oferecido pelo marido!... Na mesinha de cabeceira, um retrato dele, que contemplou dolorosamente. Mas acabou por sentir desejo de beijá-lo... Olhou para a cama onde todas as noites reousavam juntos!...

Tudo quanto havia julgado seu, desde a vida até à alma, já lhe não pertencia!...

Toda a gente continuaria a considerá-lo seu marido; só ela sabia que, embora partilhando o mesmo leito, ele já não era seu!...

Entre soluços sufocantes, cerrou os olhos.

E como o pranto se lhe infiltrasse na alma, sentia que o coração se lhe submergia.

Nun momento de calma, concluiu: Devia perdoar-lhe, concedendo que uma aventura fugaz pode ser perdoada?

Mas, por generosa e nobre que seja, uma mulher deve sofrer a humilhação de ter sido trocada por outra mulher?...

Olhou para o relógio. Dali a uma hora, o marido regressaria a casa. Teria dado pelo esquecimento da carta? Se assim fosse e não a encontrasse — porque ela a destruiria sem deixar vestígios — o que pensaria? Que diria? E ela que atitude deveria tomar? Mostrar-se ignorante, ou recriminá-la pela traição e, para o confundir, mostrar-lhe a prova da sua vilania?...

Sim, era esse o seu dever de esposa ultrajada. Não podia suportar semelhante situação. Se o cinismo dele lhe tinha permitido representar a comédia, a ponto de não despertar suspeitas, é porque era um canalha e, portanto, nada significaria, para ela, perdê-lo. Tinha-lhe consagrado o melhor da sua vida; cuidou da sua beleza para lhe agradar; cultivou o seu espírito, para se colocar ao seu nível; e, agora, tudo espeznhava, tudo desprezava!...

Como proceder de futuro, sabendo que já não era amada? Como seria a mulher que lhe roubará o seu amor? Jovem e bonita? Que poder de atracção e de sedução era o seu, para ter força que lhe arrebatasse o que ela guardava com tanto carinho e tanto afecto? Tornou a meditar no tempo do noivado. O entusiasmo, a paixão que ela lhe inspirara; os sacrifícios que ele fazia para a ver, ainda que fosse por alguns minutos apenas!

Com a mulher de agora certamente, ter-se-ia repetido tudo isso, e talvez, com mais razão!... Sentiu um ciúme horrível!... Ah! se a Providência se apiedasse dela! Se fosse unicamente uma aventura passageira!... O mais provável é que fossem relações antigas, agora reatadas com redobrado entusiasmo de amor!...

As amigas diziam-lhe constantemente:

Tu, sim, tu és feliz!

Ouvia sempre com satisfação, sem jamais lhe passar pela idéia que seu marido deixasse de a amar! E, agora, quando as visitasse?...

A roda da vida teria um punhal que, no seu giro, iria ferir hoje uns, amanhã outros?

Não se resignaria a morreria de desgosto. Nunca mais poderia acariciá-lo com aquele envôlo de sempre!... Estaria sempre a ver as carícias da outra!... E quando ele a abraçasse pensaria:

— Será assim que abraça a outra?... E se lhe visse nos olhos uma revelação de meiguice, estaria a pensar na outra?...

Entre ambos levantar-se-ia um espectro. A sombra da outra que, para melhor a torturar, tomaria uma forma divina, sugestiva, que lhe transformaria a vida num verdadeiro tormento!...

(Continua na pág 30)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ªs — Trav. Condessa do Rio, 27